



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

Nadir Santiago da Silva

**OS MOVIMENTOS NEGROS DOS ANOS 1970 NO ENSINO DE HISTÓRIA:
IMPACTOS NA CONSCIÊNCIA RACIAL E NA VALORIZAÇÃO DO CABELO
AFRO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Outubro-2025





**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E
ARTES - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENSINO DE HISTÓRIA**



NADIR SANTIAGO DA SILVA

**OS MOVIMENTOS NEGROS DOS ANOS 1970 NO ENSINO DE HISTÓRIA:
IMPACTOS NA CONSCIÊNCIA RACIAL E NA VALORIZAÇÃO DO CABELO
AFRO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao programa de mestrado profissional em ensino de História – PROFHISTÓRIA - UFPB, na linha de pesquisa Saberes Históricos no Espaço Escolar, sob a orientação da Professora Dra. Arianne Norma de Menezes Sá.

Nadir Santiago da Silva

João Pessoa-2025



UNIVERSIDADE **FEDERAL** DA PARAÍBA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

ATA N° 33

Aos dez dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e seis, às nove horas, através da Plataforma Google Meet (meet.google.com/aao wjxn nua), instalou-se a banca examinadora de dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) NADIR SANTIAGO DA SILVA. A banca examinadora foi composta pelas professoras Dra. LUIZA NASCIMENTO DOS REIS, UFPE, examinadora externa à instituição, Dra. CLAUDIA CRISTINA DO LAGO BORGES, UFPB, examinadora interna, Dra. ARIANE NORMA DE MENEZES SÁ, presidente. Deu-se início a abertura dos trabalhos, por parte do professor Dr. MARTINHO GUEDES DOS SANTOS NETO, coordenador do Programa, que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, passou a presidência dos trabalhos à professora Dra. ARIANE NORMA DE MENEZES SÁ, que de imediato solicitou à candidata que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada “Os movimentos negros dos anos 1970 no ensino de história: impactos na consciência racial e na valorização do cabelo afro no ambiente escolar”, marcando um tempo de vinte minutos para a apresentação. Concluída a exposição, a professora Dra. ARIANE NORMA DE MENEZES SÁ, presidente, passou a palavra à professora Dra. LUIZA NASCIMENTO DOS REIS, para arguir a candidata, e, em seguida, à professora Dra. CLAUDIA CRISTINA DO LAGO BORGES para que fizesse o mesmo; após o que fez suas considerações sobre o trabalho em julgamento; tendo sido APROVADA a candidata, conforme as normas vigentes na Universidade Federal da Paraíba. A versão final da dissertação deverá ser entregue ao programa, no prazo de trinta dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora e constante na folha de correção anexa. A candidata não terá o título se não cumprir as exigências acima.

Do documento assinado digitalmente
 **ARIANE NORMA DE MENEZES SÁ**
Data: 10/02/2026 11:08:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. ARIANE NORMA DE MENEZES SÁ, UFPB, Presidente



**Dra. LUIZA NASCIMENTO DOS REIS. UFPE. Examinadora Externa à
Instituição**

Documento assinado digitalmente
 **CLAUDIA CRISTINA DO LAGO BORGES**
Data: 10/02/2026 11:15:32 03 00
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. CLAUDIA CRISTINA DO LAGO BORGES, UFPB. Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
 **NADIR SANTIAGO DA SILVA**
Data: 10/02/2026 12:35:56 03 00
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

NADIR SANTIAGO DA SILVA, Mestranda

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

S586m Silva, Nadir Santiago da.

Os movimentos negros dos anos 1970 no ensino de História : impactos na consciência racial e na valorização do cabelo afro no ambiente escolar / Nadir Santiago da Silva. - João Pessoa, 2025.

169 f. : il.

Orientação: Ariane Norma de Menezes Sá.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Discriminação racial. 2. Racismo escolar. 3.

Racismo estrutural. 4. Educação antirracista. 5. Identidade cultural. I. Sá, Ariane Norma de Menezes. II. Título.

UFPB/BC

CDU 316.647.82(043)

*Aos meus pais, Maria Marlene Santiago da Silva e Nelson Correia da Silva (In memoriam), a
minha esposa Elisete Cavalcanti Sales. Dedico.*

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho seria impossível sem o apoio e a contribuição de diversas pessoas, às quais gostaria de expressar minha mais sincera gratidão. Em primeiro lugar a Deus, por me conceder resiliência nos momentos mais difíceis, pela força, sabedoria e luz concedidas ao longo de toda esta jornada, possibilitando a conclusão deste trabalho.

Dirijo meus profundos agradecimentos à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e ao Programa de Mestrado Profissional em História (PROFHISTÓRIA), pela oportunidade de aprendizado e pela estrutura que propiciou o desenvolvimento desta pesquisa.

Meu especial agradecimento à Professora Doutora Ariane Sá, minha orientadora, este trabalho é fruto direto de sua sabedoria, paciência e dedicação. Sua orientação precisa, seu estímulo constante e sua visão crítica foram fundamentais em cada etapa deste processo, desde a concepção da ideia até a versão final. Muito obrigada por acreditar neste projeto e por me guiar com tanto profissionalismo e generosidade, pela orientação incansável e pela serenidade com que conduziu este processo.

Agradeço a todos os docentes do PROFHISTÓRIA da UFPB, cujas aulas, debates e contribuições foram extremamente enriquecedores para minha formação profissional e para a construção da teoria que sustenta esta dissertação. O conhecimento compartilhado por cada um de vocês foi uma peça essencial nessa jornada. Agradeço também às professoras Cláudia Lago e Luiza Nascimento dos Reis, pelas valiosas contribuições e dicas enriquecedoras que, certamente, acrescentaram profundidade e clareza a esta pesquisa.

Não poderia deixar de estender meus agradecimentos aos colegas do mestrado. Pelos debates acalorados, pelo apoio mútuo nos momentos de desafio e pela cumplicidade que tornou esta caminhada mais leve e significativa. Foi um privilégio compartilhar esta experiência com vocês.

Um agradecimento muito especial ao meu irmão, Antônio Santiago da Silva, pelo apoio inquebrantável e pela força em todos os momentos. E à minha esposa, Elisete Cavalcanti Sales, pelo amor, paciência infinita e parceria absoluta durante toda esta caminhada. Este trabalho é também uma conquista de vocês.

Por fim, e não menos importante, agradeço à minha família, amigos e amigas. Pelas palavras de incentivo, pela compreensão nos momentos de ausência e pelo amor incondicional que sempre me fortaleceu. Esta conquista também é de vocês.

A todos, meu eterno obrigado(a).

Raízes da Nossa Alma

Não é na cor que mora o sentimento,
Na palavra que fere e desqualifica.
Herança de um passado de chibatadas,
Que ecoa em piadas, em olhares tortos,
No “cabelo ruim”, no “negão bonito”,
No silêncio que cala milhões de gritos.
Mas nossa história não é só dor:
É resistência, tambor, criouldade,
É Zumbi, Dandara, Marielle presente,
É a raiz que insiste em brotar semente.
Que a escola seja trincheira de libertação,

Onde o cabelo crespo é coroa de rainha,
E a pele negra, poesia que ilumina.
Chega de hierarquias que dividem,
De rótulos que oprimem e machucam!
Que a igualdade não seja só discurso,
Mas prática diária, urgente e necessária.
Por um mundo onde o racismo seja
Apenas um capítulo superado na história.
(Autor desconhecido)

Resumo

A presente dissertação desenvolve uma pesquisa aprofundada acerca do cabelo afro enquanto símbolo político, estético e identitário no contexto dos movimentos negros brasileiros da década de 1970, enfatizando sua centralidade na luta contra o racismo estrutural e na afirmação da cultura afro-brasileira. Parte-se da compreensão de que o corpo negro, e particularmente o cabelo, historicamente submetido a processos de estigmatização, controle e padronização estética, converteu-se em potente instrumento de resistência e afirmação subjetiva e coletiva. Nesse sentido, o estudo analisa como a valorização do cabelo natural se constituiu em prática política, articulando identidade, autoestima e enfrentamento das hierarquias raciais consolidadas na sociedade brasileira. A pesquisa insere-se no campo da educação antirracista e tem como finalidade a elaboração e aplicação de propostas pedagógicas direcionadas às turmas do ensino fundamental, visando contribuir para a formação de uma consciência crítica acerca das relações étnico-raciais. Destaca-se que a estética negra, especialmente a valorização do cabelo crespo e dos penteados afro, assumiu papel central nesse processo histórico, ao confrontar padrões eurocêntricos de beleza e promover processos de empoderamento individual e coletivo no interior das comunidades negras. No âmbito metodológico, foram realizadas diversas atividades formativas e interventivas, entre as quais se destaca a exibição do documentário *Cabelo Bom*, seguida de roda de conversa e debate orientado, com o objetivo de estimular a reflexão crítica dos estudantes acerca dos estereótipos raciais e das experiências cotidianas de discriminação. Ademais, promoveu-se pesquisa orientada na sala de informática, leitura e análise de texto sobre os movimentos negros da década de 1970 e desenvolvimento de atividades específicas sobre políticas de ações afirmativas, com ênfase no sistema de cotas raciais e nos procedimentos das bancas de heteroidentificação, problematizando seus fundamentos históricos, jurídicos e sociais. A análise estendeu-se, igualmente, à dimensão artística como forma de ativismo e expressão política, investigando de maneira aprofundada a estética musical e performática de Gilberto Gil na década de 1970 como manifestação de negritude, resistência cultural e reconfiguração simbólica da identidade negra no cenário artístico brasileiro. Nesse contexto, os recursos didáticos utilizados para subsidiar as discussões em sala de aula incluíram as canções *Sarará Miolo* (1973), de Gilberto Gil, e *A Carne* (2002), interpretada por Elza Soares, compreendidas como produções culturais que articulam denúncia social, afirmação identitária e ressignificação da experiência histórica da população negra. A proposta pedagógica fundamenta-se na utilização da música, da arte e da análise histórica como instrumentos interdisciplinares capazes de promover o debate sobre racismo, desigualdade racial e representatividade. Assim, a temática é mobilizada como ferramenta educativa para desconstruir preconceitos, fomentar o respeito à diversidade e fortalecer uma educação comprometida com os princípios da equidade e da justiça social. Em síntese, a dissertação busca oferecer subsídios teórico-metodológicos aos docentes, integrando História, Arte, Música e estudos étnico-raciais, com vistas à construção de práticas pedagógicas críticas e inclusivas, que reconheçam e valorizem o legado afro-brasileiro, contribuindo para a formação de sujeitos conscientes, reflexivos e comprometidos com a transformação social.

Palavras chave: Ensino de História; racismo estrutural; discriminação racial; racismo escolar; identidade cultural; educação antirracista.

Abstract

The present dissertation develops an in-depth search into afro hair as a political, esthetic, and identity symbol in the context of Brazilian Black movements of the 1970s, emphasizing its centrality in the fight against structural racism and the affirmation of Afro-Brazilian culture. It starts from the understanding that the Black body, and particularly the hair, historically subjected to processes of stigmatization, control, and esthetic standardization, has become a powerful instrument of resistance and subjective and collective affirmation. In this sense, the study analyzes how the appreciation of natural hair has become a political practice, articulating identity, self-esteem, and the confrontation of racial hierarchies consolidated in Brazilian society. The research falls within the field of antiracist education and aims to develop and implement pedagogical proposals aimed at elementary school classes, with the goal of contributing to the formation of a critical awareness regarding ethnic-racial relations. It is noteworthy that Black esthetics, especially the appreciation of curly hair and afro hairstyles, has assumed a central role in this historical process by confronting Eurocentric beauty standards and promoting individual and collective empowerment within Black communities. In the methodological scope, various formative and intervention activities were carried out, among which the screening of the documentary "Cabelo Bom" stands out, followed by a discussion circle and guided debate, aimed at stimulating critical reflection among students about racial stereotypes and everyday experiences of discrimination. Furthermore, guided research was conducted in the computer lab, reading and analyzing texts about the Black movements of the 1970s, and developing specific activities on affirmative action policies, with an emphasis on the racial quota system and the procedures of hetero-identification committees, questioning their historical, legal, and social foundations. The analysis also extended to the artistic dimension as a form of activism and political expression, thoroughly investigating the musical and performative esthetics of Gilberto Gil in the 1970s as a manifestation of blackness, cultural resistance, and the symbolic reconfiguration of black identity in the Brazilian artistic scene. In this context, the didactic resources used to support classroom discussions included the songs *Sarará Miolo* (1973) by Gilberto Gil and *A Carne* (2002), performed by Elza Soares, understood the cultural productions that articulate social denunciation, identity affirmation, and the re-signification of the historical experience of the Black population. The pedagogical proposal is based on the use of music, art, and historical analysis as interdisciplinary tools capable of promoting debate on racism, racial inequality, and representativity. Thus, the theme is mobilized as an educational tool to deconstruct prejudices, foster respect for diversity, and strengthen an education committed to the principles of equity and social justice. In summary, the dissertation aims to provide theoretical-methodological support to teachers, integrating History, Art, Music, and Ethnic-Racial Studies, with a view to constructing critical and inclusive pedagogical practices that recognize and value the Afro-Brazilian legacy, contributing to the formation of conscious, reflective individuals committed to social transformation.

Keywords: History teaching; structural racism; school racism; racism; cultural identity; anti-racist education;

Lista de Figuras

Figura 1 Roda de conversa.....	75
Figura 2 Sala de Informática.....	77
Figura 3 Audição da música Sarará Miolo.....	82
Figura 4 Exibição do vídeo sobre a estética de Gilberto Gil nos anos 1970.....	86
Figura 5 Audição da música A carne.....	87
Figuras 6 e 7 Exibição dos vídeos sobre cotas raciais e bancas de heteroidentificação.....	92
Figuras 8 a 19 Estudantes produzindo pinturas e desenhos.....	95
Figura 20 Mural expositivo.....	95

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

FNB – Frente Negra Brasileira

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MNU – Movimento Negro Unificado

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PROFHISTÓRIA – Mestrado Profissional em Ensino de História

TEN – Teatro Experimental do Negro

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPITULO 1 - ENSINO DE HISTÓRIA- UM ATO DE RESISTÊNCIA CULTURAL E POLÍTICA.	18
1.1 CONTEXTUALIZANDO O ENSINO DE HISTÓRIA: O CABELO AFRO COMO ELEMENTO DE REFLEXÃO SOBRE O RACISMO ESTRUTURAL.....	21
1.2 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA ESTÉTICA AFRO E OS IMPACTOS DO RACISMO NA VALORIZAÇÃO DO CABELO CRESPO, COMO A MULHER NEGRA É VISTA PELA SOCIEDADE.	29
CAPITULO 2 - ENTRE TRANÇAS E LUTAS.....	45
2.1 OS MOVIMENTOS NEGROS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRO- BRASILEIRA NOS ANOS 1970.....	45
2.2 DA ESCRAVIZAÇÃO AO RACISMO ESTRUTURAL: A FNB (FRENTE NEGRA BRASILEIRA), RESISTÊNCIA E INSERÇÃO SOCIAL	46
2.3 A RESSIGNIFICAÇÃO DA MEMÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA A PARTIR DA DÉCADA DE 1970	53
2.4 TRANÇAS COMO RESISTÊNCIA: A ESTÉTICA NEGRA, IDENTIDADE E O COMBATE AO RACISMO ATRAVÉS DA CURRICULARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	56

2.5 DAS OFENSAS À ORGANIZAÇÃO: O ENFRENTAMENTO A DISCRIMINAÇÃO RACIAL RELACIONADO AO RACISMO E A MOBILIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS NEGROS NOS ANOS 1970 E SUAS REFLEXÕES NO BRASIL DE HOJE.....	59
2.6 A EMERGÊNCIA DO DEBATE RACIAL NA REDEMOCRATIZAÇÃO: O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO (TEN), O MOVIMENTO NEGRO E A LUTA POR REPRESENTAÇÃO.....	67
CAPITULO 3 - TECENDO IDENTIDADES EM SALA DE AULA	68
3.1 IMPLEMENTAÇÃO E ANÁLISE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	70
3.2 RAÍZES E CRESPOS: NARRATIVAS DE EMPODERAMENTO ATRAVÉS DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	73
3.2.1 Aula 1 Racismo no ambiente escolar: reconhecimento, resistência e representação - atividade com o documentário cabelo bom.	74
3.2.3 Aula 2 Movimento negro na década de 1970: leitura e pesquisa digital para compreensão histórica e identitária (Atividades desenvolvidas em 2 aulas).....	75
3.2.4 Aula 3 A música como ponte para o engajamento dos estudantes	81
3.2.5- Aula 4 A revolução na cabeça: a estética de Gilberto Gil nos anos 1970 como símbolo de resistência.....	84
3.2.6 Aula 5 Voz e resistência: a força da denúncia social na música A Carne com Elza Soares.....	87
3.2.7 Aula 6 Por trás da vaga: uma jornada sobre cotas raciais e as bancas de heteroidentificação.....	90
3.2.8 Aula 7 -Da raiz à coroa: oficina criativa sobre autoestima e cabelo afro	93
Além dos fios: uma jornada didática de valorização da cultura afro-brasileira	96

AVALIAÇÃO GERAL DO PROJETO FEITA PELOS ESTUDANTES	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS.....	102
APÊNDICES.....	103
ANEXOS.....	105
ANEXO A — Atividade pedagógica.	105
ANEXO B — Sarará Miolo de Gilberto Gil.....	114
ANEXO C — A revolução na cabeça.....	127
ANEXO D — Voz e resistência	138
ANEXO E — Recursos e registros pedagógicos	151
ANEXO F — Projeto de intervenção.....	162

INTRODUÇÃO

O racismo é uma realidade histórica e estrutural que permeia diversas dimensões da sociedade brasileira, incluindo o espaço escolar. Mesmo após mais de um século da abolição formal da escravidão, práticas discriminatórias ainda persistem nas escolas, muitas vezes de forma velada ou naturalizada. No cotidiano escolar, o racismo se manifesta por meio de discriminação, violência e preconceito racial, caracterizados por agressões verbais, psicológicas e físicas baseadas em estereótipos e preconceitos contra estudantes negros. Essa realidade compromete o desenvolvimento educacional, emocional e social desses estudantes, além de reforçar desigualdades históricas.

O interesse por essa temática surgiu a partir de vivências pessoais e observações dentro do ambiente escolar, onde situações de discriminação racial e exclusão ainda são comuns. A percepção de que tais experiências são frequentemente ignoradas ou tratadas com superficialidade motivou a busca por uma compreensão mais aprofundada do problema.

Este trabalho visa refletir sobre o papel da escola na reprodução do racismo, bem como sobre seu potencial de enfrentamento, especialmente por meio do ensino de História. O estudo dos movimentos negros da década de 1970, período de intensas mobilizações políticas e produção intelectual crítica, evidencia o quanto a luta antirracista no campo da educação tem raízes históricas e propostas consistentes.

Diante desse contexto, esta dissertação busca responder à seguinte questão: como o racismo se manifesta nas escolas por meio de agressões manifestas ou sutis e de que maneira o ensino de História pode contribuir para o enfrentamento dessa realidade, à luz das contribuições dos movimentos negros da década de 1970?

Este estudo se justifica por três principais razões: primeiro, pela urgência de compreender e combater o racismo no ambiente escolar; segundo, pela necessidade de valorizar o legado histórico dos movimentos negros que, já na década de 1970, denunciavam as desigualdades educacionais e terceiro, pela relevância de se pensar o ensino de História como ferramenta crítica e transformadora, capaz de promover o respeito à diversidade e a valorização da cultura afro-brasileira, conforme previsto na Lei 10.639/2003.

A hipótese norteadora deste trabalho é que o ensino de História, quando pautado por uma abordagem crítica e pela valorização das lutas e culturas afro-brasileiras, pode se tornar

uma ferramenta importante no combate ao racismo escolar, especialmente às agressões diretas e indiretas, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes e socialmente atuantes.

A Escola Cidadã Integral (E.C.I.) Sólon de Lucena, onde foi desenvolvida a pesquisa e aplicada a sequência didática, está localizada à Rua Prefeito Ernani Lauritzen, S/N, bairro Centro, Campina Grande-PB, atendendo a uma comunidade diversa, composta predominantemente por estudantes negros e pardos, em sua maioria provenientes de famílias de classes média e baixa. Atualmente, possui 238 alunos matriculados no turno integral, atendendo estudantes da II etapa do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, com faixa etária dos alunos entre 12 e 18 anos.

Esses estudantes vivenciam uma cultura rica e multifacetada, com identidade racial e étnica marcante, e enfrentam desafios diários relacionados à discriminação racial dentro e fora do ambiente escolar. O corpo docente é composto por 23 docentes, que, apesar do compromisso com a educação, frequentemente se deparam com a falta de formação específica sobre a temática racial, evidenciando a necessidade de ações pedagógicas mais afirmativas neste contexto.

A equipe escolar conta com o apoio de: 02 psicopedagogas que atuam na sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE), 14 funcionários e o trio gestor escolar, todos engajados em promover um ambiente mais inclusivo para os estudantes e toda a comunidade escolar. Em relação a estrutura física da escola: possui biblioteca, refeitório integrado à cozinha, quadra de esportes, laboratório de informática, laboratório de ciências, 10 salas de aula, secretaria, sala de coordenação, sala da direção, estacionamento, sala de AEE, sala de professores e professoras. O presente trabalho foi desenvolvido com a turma do 8º ano B, composta atualmente 15 estudantes.

A estrutura deste trabalho está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma discussão teórica sobre racismo estrutural e suas manifestações no ambiente escolar, com ênfase na discriminação e violência explícita ou velada. O segundo capítulo aborda o surgimento e as principais pautas dos movimentos negros da década de 1970, destacando sua atuação na área da educação. Por fim, o terceiro capítulo discute as possibilidades de um ensino de História voltado para a promoção da igualdade racial, apresentando uma sequência didática que traz sugestões de práticas pedagógicas antirracistas fundamentadas na legislação educacional e nos referenciais teóricos da área. Buscamos proporcionar aos estudantes uma experiência de aprendizagem significativa, que os permitisse não apenas entender os conceitos, mas também refletir criticamente sobre a realidade e desenvolver uma consciência mais profunda sobre as questões de discriminação e racismo.

Com grande satisfação e orgulho, informo que o projeto de intervenção abordado na dissertação foi contemplado com o Prêmio Mestres da Educação, realizado pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba. Este reconhecimento estadual valida a relevância e o potencial transformador da pesquisa, que busca não apenas compreender um capítulo fundamental da história brasileira, mas também traduzi-lo em ferramentas pedagógicas concretas e eficazes para a luta contra o racismo nas escolas. O prêmio destaca o compromisso do trabalho em aliar rigor acadêmico a uma aplicabilidade direta na realidade das salas de aula do ensino fundamental.

A honraria demonstra o comprometimento da Secretaria de Educação da Paraíba em fomentar e valorizar pesquisas que promovam a equidade racial, a diversidade e uma educação crítica e inclusiva. Receber o "Mestres da Educação" é um incentivo fundamental para que os conhecimentos produzidos sobre o movimento negro, as políticas de cotas e a estética de resistência de artistas como Gilberto Gil transcendam a esfera acadêmica e atinjam, de fato, a comunidade escolar, formando cidadãos mais conscientes e antirracistas.

É uma conquista que celebra a importância da História, da arte e da cultura afro-brasileira como pilares essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

CAPITULO 1 - ENSINO DE HISTÓRIA- UM ATO DE RESISTÊNCIA CULTURAL E POLÍTICA

Para compreender a importância de inserir o tema da discriminação racial e da prática do racismo na escola, em especial no ensino de História, Circe Bittencourt faz o seguinte questionamento:

[...] História nacional ou mundial? Entre os problemas para seleção de conteúdo, existe a dúvida sobre privilegiar uma história nacional ou uma história geral ou mundial. Ao longo do ensino de História no Brasil, a História Geral ou “das civilizações” tem sido privilegiada e, na atualidade, a história brasileira tem sido novamente posta em posição secundária, conforme pode ser verificado nas tendências da produção didática, voltada para a compreensão do mundo globalizado”. (Bittencourt, 2014, p. 155).

O ensino de História vem enfrentando, ao longo dos anos, constantes desafios para conciliar o eixo entre história nacional e história mundial. Esse dilema é relevante quando abordamos temas relacionados à identidade cultural, como por exemplo, colocando em perspectiva o cabelo afrodescendente. Visto que, compreender os estudos sobre o cabelo afrodescendente no contexto histórico nacional e global, enriquece o conhecimento e valoriza a diversidade cultural.

Levar para a sala de aula, conteúdos que direcionem os estudantes a pesquisar sobre as políticas e práticas que afetam as pessoas negras no Brasil, assim como: a discriminação nas escolas, no trabalho, e também os avanços legais e sociais, é de acentuada importância para os estudantes desenvolverem a aprendizagem e consciência crítica referente a questões sociais, raciais e culturais.

Concordando com o que a autora Circe Bittencourt menciona, compreendo ser essencial incluir no currículo escolar, discussões que abordem a história e a cultura afro brasileira, tendo em vista que existem lacunas e às vezes abordagem inadequada com o que é ensinado. Enfatizar a história afro brasileira no ensino de história é fundamental para corrigir a falta de representatividade além de contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e oferecer uma educação mais inclusiva.

No livro: “Nem preto nem branco, muito pelo contrário cor e raça na sociedade brasileira”, da escritora Lilia Moritz Schwarcz, quando se refere a lei 10.639 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), ela nos afirma que,

Uma lei como essa não é de fácil aplicação. Tem sido necessário uma ampla formação de professores em, por exemplo, História da África, ou no universo das culturas afro brasileiras, para que não sejam divulgadas visões muito essencialistas sobre uma África mítica, ou acerca de uma só cultura e ainda mais exotizada. [...]. Se nenhum

argumento convencer, vale a menção aos contínuos e sofridos relatos de crianças negras que querem, por exemplo, atuar em peças como “Branca de Neve” e que não conseguem ganhar seu papel, ou que são impedidas de se fantasiar de anjos, pois anjos são brancos. Muitas vezes o corpo da lei abre boas apostas. Se a democracia racial não é uma realidade, é com certeza uma ótima utopia para imaginar. (Schwarcz, 2012, p. 86).

Diante do que a autora expõe, percebemos a urgência de um maior engajamento dos professores na ampliação de atividades pedagógicas que incluam a temática da História Afro-Brasileira em sala de aula. Essa abordagem não apenas atende à legislação vigente, mas também resgata a cultura de uma etnia fundamental na formação do nosso país. Implementar essa proposta no ambiente escolar significa inserir no currículo oportunidades para difundir conhecimentos essenciais, enriquecendo o aprendizado em História e criando um espaço onde os estudantes se vejam representados em suas singularidades. Como bem afirma o pensamento:

“A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora. Aí entra a questão da identidade que você vai construindo. Essa identidade negra não é uma coisa pronta, acabada. Então, para mim, uma pessoa negra que tem consciência de sua negritude está na luta contra o racismo. As outras são mulatas, marrons, pardos etc.”
(Barreto, revista cult, 2019)

Esse depoimento, publicado em 1988, demonstra a perspectiva de Lélia Gonzáles sobre a construção da identidade negra como um processo contínuo e consciente, essencial para a luta contra o racismo. Além disso, Lélia Gonzalez foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978, O MNU foi uma organização que desempenhou um papel crucial na mobilização política negra no Brasil. Ela também introduziu o conceito de "amefricanidade", que busca entender a identidade brasileira e de outros países latino-americanos e caribenhos a partir de uma perspectiva afro centrada, considerando as influências africanas, indígenas e europeias.

Lélia Gonzalez, intelectual e militante do movimento negro brasileiro, sempre lutou para destacar a importância da educação na construção da identidade negra e na luta contra o racismo. Ela acreditava que a escola deveria ser um espaço de afirmação da cultura afro-brasileira e de resistência às imposições da estética eurocêntrica. Em suas reflexões, Lélia Gonzalez ressaltava que a valorização do cabelo afro não era apenas uma questão estética, mas uma prática política de afirmação da identidade negra. Ela via o cabelo natural como um símbolo de resistência ao processo de embranquecimento e de negação da cultura africana.

No contexto da sala de aula do oitavo ano, percebo que essa perspectiva sendo incorporada nas aulas de História, possibilita a conscientização dos estudantes não só sobre a

questão do combate ao racismo, mas também a valorização do cabelo afro. Inclusive debates nas aulas de História, sobre a resistência cultural dos negros e a relevância da autoestima e da identidade.

A partir do momento em que trabalhamos sobre essa temática no espaço escolar, nós professores e professoras, estamos ajudando os estudantes a compreenderem a importância do cabelo afro como um símbolo de resistência e de afirmação da identidade negra, alinhando-se aos princípios defendidos por Lélia Gonzalez. A escrita da minha dissertação é profundamente inspirada pela obra e trajetória intelectual de Lélia Gonzalez, que ampliaram minha compreensão das relações raciais, de gênero e da importância de uma perspectiva afro-latino-americana na produção do conhecimento. Sua forma incisiva de pensar e articular a realidade brasileira me incentivou a adotar uma postura crítica e comprometida com a transformação social, influenciando não apenas a temática escolhida, mas também a maneira como escolhi escrevê-los.

Esse mesmo impulso por uma educação libertadora ecoa no livro *“Como ser um educador antirracista”*, onde Bárbara Carine, com didatismo e sensibilidade, desvela práticas pedagógicas capazes de promover equidade racial e respeito à diversidade. Assim como Gonzalez, Carine parte de um lugar de luta: sua experiência concreta na educação oferece estratégias para desmontar o racismo estrutural em sala de aula, destacando a urgência de espaços que acolham identidades e histórias silenciadas.

São duas vozes que se entrelaçam no tempo, Gonzalez com sua crítica filosófica e política, Carine com suas ferramentas práticas, mas que convergem em um mesmo chamado: o conhecimento só é verdadeiramente revolucionário quando serve como instrumento de emancipação. Minha dissertação, portanto, busca habitar esse diálogo: entre a teoria que descoloniza pensamentos e a prática que transforma realidades.

A autora, com uma vasta experiência na área da educação, oferece reflexões e estratégias que auxiliam professores a eliminar práticas que reforçam o racismo estrutural. Em um dos trechos, ela ressalta a importância de criar espaços de acolhimento e aprendizagem crítica, destacando que a educação antirracista não é apenas uma escolha, mas um compromisso ético. Segue abaixo um dos trechos:

O antirracismo é uma responsabilidade ocidental cujo centro é o racismo, por ser uma construção ocidental. Em outros termos, enquanto, numa perspectiva afrocentrada, a minha preocupação fundamental é me formar e formar nossas crianças a partir de uma lógica do reforço positivo, por meio do que a nossa ancestralidade africana nos informa que somos os primeiros humanos, os primeiros reis, as primeiras rainhas, pioneiros na química, na matemática, na medicina, na filosofia, a perspectiva

antirracista tem como eixo central a negação do que o ocidente fez de nós: eles dizem “suas vidas são desimportantes”, nós retrucamos “vidas negras importam”; eles dizem que somos feios, burros, sem cultura, incivilizados, e nós passamos a vida inteira tentando provar o contrário. Mostramos e jogamos Mancala, falamos das formas geométricas e de suas simetrias nos tecidos da costa, nos fractais africanos, nas tranças nagô...eles e elas aprendem na dinâmica cotidiana escolar que pessoas negras pensam e produzem conhecimento há muito tempo. (Carine, 2023, pp. 59-60)

A citação ressalta a importância de uma abordagem pedagógica que vai além da negação do racismo, focando na valorização e afirmação da história e cultura africana. Essa perspectiva ressignifica a educação ao colocar a ancestralidade e os saberes africanos como base para a formação identitária e cultural das crianças negras. Em vez de limitar-se a desconstruir as narrativas ocidentais de inferioridade, a proposta é construir uma visão positiva, empoderadora, baseando-se em fatos históricos que evidenciam as contribuições e a riqueza intelectual dos povos africanos.

Esse ponto de vista, não apenas resgata a autoestima e o senso de pertencimento, mas também transforma o ambiente escolar em um espaço de celebração e aprendizado crítico. Ao nomear turmas em homenagem a reinos africanos, ao explorar a origem africana da matemática ou ao apresentar jogos e tradições como a Mancala e as tranças nagô, o ensino se torna um ato de resistência cultural e política. Assim, a obra de Bárbara Carine nos inspira a sonhar com uma educação como um espaço onde a negritude é celebrada, valorizada e reconhecida como parte fundamental da construção do conhecimento humano.

1.1 CONTEXTUALIZANDO O ENSINO DE HISTÓRIA: O CABELO AFRO COMO ELEMENTO DE REFLEXÃO SOBRE O RACISMO ESTRUTURAL

Ao me deparar com a leitura: “Racismo Brasileiro - Uma história da formação do país”, da escritora Ynaê Lopes dos Santos, constatee que ela analisa a complexa relação entre raça e liberdade. A autora destaca que, embora a escravidão fosse uma condição racializada, a liberdade não seguia os mesmos padrões e esclarece que “a correlação entre cor negra e escravidão fez com que ambas as palavras fossem tomadas como sinônimos em diversas ocasiões”.

Isso resultava em uma associação entre a pele negra e a marca da escravidão, uma marca difícil de apagar até os dias de hoje. Deixando claro que esse contraste revela um dos principais desafios enfrentados pela população negra ao longo da história: a persistência de desigualdades e estigmas mesmo após a conquista da liberdade e como os legados da escravidão continuam

impactando as vivências das pessoas negras, ampliando o debate sobre as raízes históricas do racismo no Brasil.

A correlação ente cor negra e escravidão fez com que ambas as palavras fossem tomadas como sinônimos em diversas ocasiões. Muitos documentos da época utilizavam os termos *negro ou preto* para se referir a indivíduos escravizados. Embora a população escravizada fosse majoritariamente negra, nem todos os negros eram escravizados. Logo, os indivíduos de cor negra carregavam na pele a marca da escravidão uma marca que o estatuto da liberdade não tinha como apagar. (Santos, 2022, p. 73).

A escravidão na América portuguesa foi estruturada a partir de uma lógica racial, enquanto a liberdade, em contrapartida, não era universal nem igualitária. A autora ressalta que, mesmo após a abolição da escravidão, a marca social e simbólica da escravidão permaneceu associada a cor da pele, consolidando desigualdades que atravessam gerações. Esse legado histórico revela que o racismo não foi apenas um subproduto do sistema escravocrata, mas uma base estrutural que continua a moldar as dinâmicas sociais e raciais no Brasil atual. E que a liberdade formal não foi suficiente para romper completamente com os estigmas e as limitações impostas a população negra, perpetuando a exclusão e a desigualdade.

Ainda sobre a autora citada anteriormente.

Se a escravidão podia ser um sinônimo da cor negra, a liberdade era uma condição naturalizada para pessoas brancas. No entanto, as diferentes experiências de liberdade também foram atravessadas por uma condição que marcou nossa história desde muito cedo: a miscigenação. Não estamos falando aqui do “Brasil brasileiro, meu mulato inzoneiro” cantado nos versos de Ary Barroso. Era uma mestiçagem originada em uma sociedade patriarcal e escravocrata, onde violências sexuais contra mulheres negras e indígenas eram frequentes, constituindo mais uma forma de dominação. (Santos, 2022, p. 74).

Compreender a história do Brasil exige olhar atento para os processos de dominação que marcaram a formação da nossa sociedade, como a escravidão, o racismo e a violência de gênero, presentes inclusive na forma como a miscigenação se deu. Nesse contexto, trabalhar o ensino de história, incluindo a temática do cabelo afro é uma forma pujante de desnaturalizar as heranças coloniais que ainda moldam os padrões de beleza, identidade e pertencimento. O cabelo afro, por muito tempo associado à marginalização e à inferioridade, carrega em seus fios uma memória ancestral e uma resistência cotidiana.

Ao abordar essa temática em sala de aula, não se trata apenas de falar sobre estética, mas de valorizar culturas afro-brasileiras, promover o respeito à diversidade e combater o racismo estrutural que insiste em manter a branquitude como norma. É também uma estratégia

pedagógica de afirmação identitária e de construção de uma história mais justa, plural e verdadeira.

A retomada dessa discussão é essencial para compreendermos como práticas cotidianas, inclusive no ambiente escolar, reproduzem desigualdades historicamente construídas.

Mas nem sempre as respostas que procuramos estão nas mudanças. Sobretudo quando estamos pensando na história do Brasil. Por diversas, a chave para a compreensão da trajetória brasileira reside, justamente, em observar o que se manteve. Ou melhor, aquilo que se escolheu manter. Não por acaso, a história do racismo no Brasil é, também, uma história de permanências. (Santos, 2022, p. 87).

No ensino de História, especificamente na turma do oitavo ano, abordar a temática: cabelo afro é uma excelente oportunidade de promover reflexões sobre a formação social e racial do Brasil. Ao tratar da história da escravidão, da abolição e das estruturas de poder que se perpetuaram ao longo dos séculos, é fundamental mostrar que o racismo não é apenas um resquício do passado, mas uma permanência historicamente construída e mantida.

Como já foi apontado, "nem sempre as respostas que procuramos estão nas mudanças", especialmente quando se trata da história do Brasil. Muitas vezes, a chave para compreender nossa trajetória está justamente no que se escolheu manter e o racismo é uma dessas escolhas estruturantes. Levar o debate sobre o cabelo afro para a sala de aula, viabiliza, trabalhar com um símbolo que carrega as marcas dessas permanências.

O modo como o cabelo crespo foi e ainda é discriminado revela como padrões de beleza eurocentrados foram impostos como norma, enquanto as características negras foram marginalizadas. Ao estudar esse tema, os estudantes podem compreender que o corpo negro, inclusive seu cabelo, foi historicamente alvo de controle, rejeição e apagamento, mas também de resistência, identidade e afirmação. Assim, o ensino de História deixa de ser apenas uma narrativa sobre o passado e se torna uma ferramenta para interpretar e transformar o presente.

Nas cidades brasileiras, o caráter interventor do Estado ficou nítido com as ações da polícia e de outros órgãos repressores e administrativos. Em uma sociedade construída sobre a escravidão racializada, a cor da pele se transformou no elemento definidor dos tipos de abordagem utilizados por esses órgãos. Como o espaço urbano era praticamente impossível determinar se uma pessoa negra era escravizada, liberta ou livre, o "Estado-feitor" fez da cor o principal elemento para suspeição. Tal prática encontrava eco nos pressupostos do racismo científico da época e até hoje não foi devidamente desconstruída nas instituições responsáveis pela manutenção da ordem. O escravizado era sempre negro. E o negro era sempre suspeito (fosse escravizado ou não). (Santos, 2022, p. 122).

Ao abordar o racismo estrutural nas aulas de História, especialmente no ensino fundamental, é essencial estabelecer pontes entre o passado e o presente, permitindo que os

alunos compreendam como práticas históricas continuam impactando suas vidas cotidianas. O estudo da formação das cidades brasileiras e da atuação do Estado, por exemplo, revela como, desde o período escravocrata, a cor da pele foi usada como critério de suspeição e controle.

Conforme o texto aponta, o “Estado-feitor” transformou o corpo negro em alvo preferencial das abordagens repressivas, independentemente da condição de liberdade do indivíduo. Essa lógica racializada, legitimada por discursos pseudocientíficos do século XIX, ainda se reproduz hoje nas instituições encarregadas da manutenção da ordem, refletindo a permanência do racismo estrutural.

Trazer essa discussão para a sala de aula é também uma forma de enfrentar a discriminação racial, que muitas vezes se expressa por meio de piadas, insultos ou exclusões baseadas em características físicas, como o tom de pele ou o cabelo. Quando nós professores e professoras contextualizamos historicamente essas violências, os estudantes são convidados a reconhecer que tais práticas não são naturais ou inofensivas, mas sim parte de um processo histórico que desumaniza e marginaliza a população negra desde os tempos coloniais.

Nesse sentido, o ensino de História torna-se uma ferramenta poderosa não apenas para o conhecimento, mas também para a transformação das relações escolares, promovendo empatia, respeito e senso crítico. Para abordar a complexidade das experiências de discriminação racial e suas implicações psicológicas e sociais, é fundamental refletir sobre como o racismo opera em camadas profundas da subjetividade. Conforme destacado no trecho.

A discriminação de que seu corpo é objeto não dá tréguas à humilhação sofrida pelo sujeito negro que não abdica de seus direitos humanos, resignando-se à passiva condição de “intruso, como um mal a ser sanado, diante de um pensamento que se emancipa e luta pela liberdade. Um dos entrevistados dizia: “Eu sinto o problema racial como uma ferida. É uma coisa que penso e sinto todo o tempo. É um negócio que não cicatriza”. Os esforços para curar a “ferida” vão então suceder-se numa escalada patética e dolorosamente inútil. Primeiro tenta-se metamorfosear o corpo presente, atual, de modo penoso e caricato. São os pregadores de roupa destinados a afilar o nariz, ou os produtos químicos usados para alisar o “cabelo ruim”. Em seguida, vem as tentativas de aniquilar, no futuro, o corpo rebelde à mutação no presente. São as uniões sexuais com o branco e a procriação do filho mulato. O filho mulato e o neto talvez branco representam uma louca vingança, suicida e homicida, contra um corpo e uma “raça”. (Santos, 2021, p. 31)

Esse trecho, extraído da obra “Tornar-se Negro” de Neusa Santos Sousa, revela as camadas profundas de dor e resistência que permeiam a experiência e vivência de ser negro em uma sociedade racista. A metáfora da “ferida” expõe o impacto contínuo da discriminação, que ultrapassa a dimensão física para atingir a subjetividade, moldando práticas e escolhas que muitas vezes resultam em autonegação e tentativas de conformação a um ideal branco. Esse processo, tanto individual quanto coletivo, não apenas reflete a violência do racismo, mas

também evidencia a urgência de desconstruir padrões opressivos e imaginar a possibilidade de oferecer espaços onde corpos e identidades negras sejam reconhecidos e valorizados.

Ao longo dos anos, percebi que a maneira como aprendemos História nas escolas muitas vezes silencia vozes fundamentais para a compreensão do nosso passado. As lutas e resistências de povos negros e indígenas raramente ocupam o espaço que merecem na historiografia tradicional, como se esses sujeitos históricos estivessem à margem dos acontecimentos centrais. Essa ausência não é fruto do acaso é resultado de escolhas. Escolhas sobre o que lembrar e, sobretudo, sobre o que esquecer.

Essa omissão da resistência negra e indígena na historiografia oficial nos mostra que precisamos entender sobre memória coletiva, mas também sobre amnésia coletiva, como nos ensina Charles W. Mills¹, intelectual que trabalhou com o conceito de ignorância branca, salientando que o óbvio precisa ser lembrado, já que interesses podem moldar a cognição e as sociedades escolhem o que querem lembrar o que querem esquecer. A ignorância moral que implica julgamentos incorretos sobre o que é certo e o que é errado está incluída nessa abordagem, assim como a crença falsa. (Bento, 2022 pp. 39)

A ausência da resistência negra e indígena na historiografia oficial evidencia uma prática sistemática de silenciamento, que se estende até os dias atuais por meio do que o filósofo Charles W. Mills chama de "ignorância branca"¹ uma forma ativa de desconhecimento moldada por interesses sociais e políticos. Essa ignorância, segundo Mills, não é mera falta de informação, mas uma escolha coletiva sobre o que lembrar e o que esquecer, afetando profundamente a maneira como se constrói a memória coletiva de um país.

Diante disso, o ensino de História se torna uma ferramenta fundamental para romper com essa amnésia social e reconstituir narrativas apagadas, especialmente quando tratamos de temas como o racismo e a identidade negra. Trazer para a sala de aula discussões sobre o cabelo afro vai além de uma questão estética é um caminho para revelar as camadas de opressão racial historicamente construídas e perpetuadas.

O modo como o cabelo crespo foi estigmatizado está diretamente ligado à estrutura racista que definiu padrões de beleza e humanidade com base na branquitude. Quando os estudantes aprendem que o cabelo afro foi, e ainda é, alvo de discriminação, mas também de

¹ "Ignorância branca" é um conceito desenvolvido pelo filósofo Charles W. Mills, especialmente em sua obra *"The Racial Contract"* (1997). Esse termo se refere a uma forma de ignorância estrutural e socialmente construída que pessoas brancas mantêm muitas vezes inconscientemente para preservar o status quo racial e os privilégios associados à branquitude.

resistência e orgulho, eles passam a compreender como o racismo se manifesta de forma concreta em suas vidas e em suas relações.

Ao integrar essas reflexões ao currículo de História, o professor contribui para desconstruir falsas crenças, estimular o pensamento crítico e promover uma educação antirracista que ressignifica o que foi historicamente marginalizado inclusive os corpos, os saberes e os fios de cabelo que contam uma outra versão da nossa história.

Vivenciei uma situação inusitada quando uma jovem negra, falando das dificuldades que vinha encontrando para conseguir um cargo de liderança, a despeito de sua experiência, (fluente em três idiomas, pós-graduada na área de negócios na principal universidade de São Paulo que prepara lideranças, com experiência em cargo de comando), ouviu da consultora de recursos humanos que o seu perfil nas redes profissionais era muito “deslocado” (cabelo crespo, volumoso, roupa colorida), e que o cabelo liso e roupas mais “sóbrias” poderiam ser mais apropriados e favoreceriam que ela encontrasse uma oportunidade qualificada de trabalho. Em face desse comentário, talvez pudéssemos concluir que as empresas não precisam mais ter centros de treinamento para lideranças. Basta que tenham cabelereiros (as) que alisem os cabelos dos candidatos a postos de liderança que estes já estarão preparados para liderar. “Se não fosse trágico, seria cômico” (Bento, 2022, pp. 106-107)

A experiência relatada por Cida Bento evidencia de maneira clara como o racismo estrutural continua operando nos ambientes corporativos, muitas vezes sob o disfarce de critérios técnicos ou estéticos. A jovem negra, apesar de altamente qualificada, teve sua aparência mais especificamente seu cabelo crespo e roupas coloridas colocada como um obstáculo ao acesso a cargos de liderança. Esse episódio revela como os padrões de profissionalismo e liderança ainda estão associados a uma estética eurocentrada, que marginaliza corpos e identidades negras. A ironia da autora ao sugerir que salões de beleza substituam centros de treinamento de líderes aponta para a superficialidade com que as questões de diversidade são tratadas em muitos contextos institucionais.

Trata-se de uma crítica incisiva ao modo como a ideia de “perfil profissional” é, frequentemente, utilizada para justificar exclusões e reproduzir hierarquias raciais. A exigência de adequação ao modelo branco e ocidental de aparência e comportamento desconsidera o mérito real e reforça a exclusão de quem foge desses padrões. O combate ao racismo nas organizações não se resume à inserção de pessoas negras nos espaços de poder, mas exige a valorização de suas identidades e culturas. É preciso romper com lógicas de embranquecimento e promover ambientes que acolham a pluralidade estética, cultural e subjetiva de seus membros. Sem isso, os discursos de inclusão permanecem retóricos, e a presença negra continuará sendo condicionada à negação da própria identidade.

A educação, muitas vezes tratada como um espaço neutro e descolado das contradições sociais, revela-se, na prática, profundamente atravessada por ideologias, desigualdades e

disputas de sentido. Paulo Freire (2014), ao criticar a chamada educação bancária aquela que se limita à transferência mecânica de conteúdo, propõe uma reflexão profunda sobre o papel social e político da escola, sobretudo em contextos de marginalização e violência. Em sua obra, o autor questiona por que não se discutem, no espaço escolar, as experiências concretas dos alunos, marcadas frequentemente por uma convivência mais constante com a morte do que com a vida, pela exclusão dos territórios populares e pela ausência de políticas públicas efetivas.

Paulo Freire (2014) coloca uma pergunta central: como tornar o ensino significativo e libertador sem estabelecer uma ponte entre o conteúdo curricular e a realidade vivida pelos estudantes? Em um país como o Brasil, onde a desigualdade social é histórica e brutal, ignorar o contexto em que os alunos vivem é não apenas uma omissão pedagógica, mas uma postura política que reforça a exclusão. O silêncio diante da dor e da injustiça é, portanto, uma forma de convivência.

Diante disso, esta reflexão parte da ideia de que a escola precisa assumir seu papel como espaço de formação crítica, capaz de problematizar o mundo em que vivemos e não apenas reproduzi-lo. Ao propor a aproximação entre os saberes escolares e a experiência social dos alunos, Freire aponta para uma pedagogia que reconhece a dignidade de quem aprende e que se compromete com a transformação da realidade. Este trabalho busca, assim, discutir os limites da educação tradicional e defender uma prática pedagógica crítica, ética e comprometida com a justiça social.

[...] por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir implicações políticas e ideológicas de tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reaccionariamente pragmático, a escola não tem nada a ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmo. (Freire, 2014, pp. 33-34).

Essa citação reforça a necessidade de ministrar aulas que não se limitem a mera transmissão de conteúdo, mas que também sejam trabalhados em sala de aula temas ligados a situação em que os estudantes vivem no seu dia-a-dia. Levar para o espaço escolar o tema proposto, dentro do contexto histórico e político sobre o cabelo afro, será possibilitado aos estudantes: fortalecer a autoestima, desenvolver a consciência crítica dos alunos, promover igualdade racial, combater o racismo e a discriminação racial. Além de incluir no currículo escolar a cultura afro brasileira, demonstrando como a educação pode ser um instrumento poderoso e revolucionário. A partir do momento em que eu utilizo práticas pedagógicas

freirianas, estou afirmando a importância de uma educação que seja conectada com a realidade social dos estudantes.

“A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora. Aí entra a questão da identidade que você vai construindo. Essa identidade negra não é uma coisa pronta, acabada. Então, para mim, uma pessoa negra que tem consciência de sua negritude está na luta contra o racismo. As outras são mulatas, marrons, pardos etc.” (Revista cult <https://revistacult.uol.com.br/home/lelia-gonzalez-perfil/>)

Esse depoimento, publicado em 1988, demonstra a perspectiva de Lélia Gonzáles sobre a construção da identidade negra como um processo contínuo e consciente, essencial para a luta contra o racismo. Além disso, Lélia Gonzalez foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978; o MNU foi uma organização que desempenhou um papel crucial na mobilização política negra no Brasil. Ela também introduziu o conceito de "amefricanidade", que busca entender a identidade brasileira e de outros países latino-americanos e caribenhos a partir de uma perspectiva afrocentrada, considerando as influências africanas, indígenas e europeias.

Lélia Gonzalez² (1988), intelectual e militante do movimento negro brasileiro, sempre lutou para destacar a importância da educação na construção da identidade negra e na luta contra o racismo. Ela acreditava que a escola deveria ser um espaço de afirmação da cultura afro-brasileira e de resistência às imposições da estética eurocêntrica. Em suas reflexões, Lélia Gonzalez, ressaltava que a valorização do cabelo afro não era apenas uma questão estética, mas uma prática política de afirmação da identidade negra.

Ela via o cabelo natural como um símbolo de resistência ao processo de embranquecimento e de negação da cultura africana. No contexto da sala de aula do oitavo ano, percebo que essa perspectiva sendo incorporada nas aulas de História, possibilita a conscientização dos estudantes não só sobre a questão do combate ao racismo, mas também a valorização do cabelo afro. Inclusive debates nas aulas de História, sobre a resistência cultural dos negros e a relevância da autoestima e da identidade.

A partir do momento em que trabalhamos sobre essa temática no espaço escolar, nós professores estamos ajudando os estudantes a compreenderem a importância do cabelo afro

² Lélia Gonzalez (1935-1994) foi uma das figuras intelectuais e ativistas mais fundamentais e transformadoras do Brasil no século XX. Sua atuação como antropóloga, filósofa, professora, política e militante histórica a coloca como uma pioneira do feminismo negro e uma das principais teóricas das relações raciais e de gênero no país. fonte: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/lelia-gonzalez-a-mulher-que-revolucionou-o-movimento-negro>

como um símbolo de resistência e de afirmação da identidade negra, alinhando-se aos princípios defendidos por Lélia Gonzalez.

1.2 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA ESTÉTICA AFRO E OS IMPACTOS DO RACISMO NA VALORIZAÇÃO DO CABELO CRESPO, COMO A MULHER NEGRA É VISTA PELA SOCIEDADE.

Em linhas gerais, tal política estava alicerçada numa corrente do racismo científico que acreditava na “depuração”, ou seja, na “melhoria” por meio do cruzamento inter-racial. Sendo assim, as constantes levas de imigrantes europeus jovens iriam se relacionar com mulheres brasileiras negras e mestiças, resultando em crianças com a pele e os traços cada vez mais brancos. Na idade adulta, essas crianças mestiças se casariam com outros imigrantes, branqueando ainda mais a geração seguinte. Num intervalo de quatro gerações, os estudos apontavam que o percentual de negros no país chegaria a zero. Além de abertamente racista, essa política partia do princípio da subalternidade das mulheres negras e mestiças (vistas apenas como “reprodutoras”). (Santos, 2022, pág. 192).

O trecho apresentado revela de forma clara como o racismo no Brasil foi estruturado não apenas por meio da exclusão, mas também por políticas ativamente planejadas para o apagamento da população negra. A ideia de “depuração” racial, baseada em pseudociência, não só reforçava a inferiorização de negros e negras, como também utilizava os corpos das mulheres negras e mestiças de forma violenta e subalterna, reduzindo-as a instrumentos de um projeto de embranquecimento nacional.

Essa lógica perversa, além de profundamente desumana, naturalizou a hierarquização racial no país, estabelecendo padrões estéticos e sociais que ainda hoje impactam as relações nas instituições, incluindo as escolas. Dessa forma, combater o racismo no espaço escolar é um passo essencial para romper com essas heranças históricas. A escola não pode ser apenas reprodutora dos preconceitos da sociedade; ela deve ser um espaço de questionamento, transformação e reparação.

É no cotidiano escolar que muitas crianças negras enfrentam as primeiras experiências de racismo seja por meio de comentários sobre seus traços, seu cabelo ou sua origem e é nesse mesmo espaço que elas devem encontrar acolhimento, valorização e representatividade. Enfrentar o racismo nas escolas significa ensinar a história de forma crítica, reconhecer as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes, promover o respeito à diversidade e fortalecer a autoestima dos estudantes. Mais do que uma questão de conteúdo, trata-se de uma postura ética e política que compromete toda a comunidade escolar com a construção de uma sociedade mais justa.

Incluir o debate sobre o racismo estrutural nas escolas não é apenas uma questão de justiça histórica, mas uma urgência social. O cotidiano de pessoas negras no Brasil ainda é marcado por múltiplas formas de violência visíveis e invisíveis que se expressam em olhares, silenciamentos, exclusões e cobranças desproporcionais. A escola, como espaço de formação crítica, precisa romper com a lógica de neutralidade e enfrentar o racismo não apenas como conteúdo, mas como estrutura que atravessa práticas pedagógicas, relações interpessoais e currículos. Ignorar essa realidade significa perpetuar um sistema excludente, no qual a dor e o esforço de resistir recaem sempre sobre os mesmos corpos.

Em um desabafo forte, que traduz a sobrecarga emocional e social imposta às pessoas negras, uma citação nos provoca a refletir sobre essa urgência:

A luta antirracista como centralidade da vida de pessoas negras é adoecera. Passamos a vida inteira tensos e armados para reagir ao primeiro sinal (e eles não são poucos) de rebaixamento e humilhação. Sem contar certas pessoas brancas que ficam o tempo todo enchendo o saco, querendo que, além de resolvermos os nossos bagulhos psicológicos e de sobrevivência objetiva, n'ós as eduquemos em relação ao papel delas na luta antirracista. (Carine, 2023, p. 60)

A reflexão da autora citada evidencia com contundência o peso que a luta antirracista impõe às pessoas negras em uma sociedade que insiste em delegar a elas não apenas a resistência, mas também o papel de educadoras de quem perpetua, ainda que inconscientemente, o racismo estrutural. Essa sobrecarga é violenta, exaustiva e, como a autora denuncia, adoecedora. Nesse contexto, a escola enquanto espaço privilegiado de formação crítica e cidadã precisa assumir sua responsabilidade na desconstrução do racismo estrutural.

Mais do que incluir conteúdos pontuais sobre diversidade ou datas comemorativas, é fundamental que a educação antirracista seja um compromisso pedagógico contínuo, que envolva professores, gestores, currículos e práticas escolares. Não cabe mais às pessoas negras a tarefa solitária de educar sobre o racismo: é dever de todos. Reconhecer essa responsabilidade compartilhada é o primeiro passo para transformar a escola em um espaço verdadeiramente inclusivo, onde a equidade racial seja parte da estrutura e não apenas do discurso.

A escola, especialmente por meio das aulas de História, desempenha um papel crucial na formação da identidade dos estudantes e na desconstrução de estereótipos que atravessam gerações. No entanto, ainda hoje, muitos currículos silenciam ou tratam de forma superficial a violência simbólica e física imposta aos corpos negros, especialmente no que diz respeito à estética, como os cabelos crespos e traços africanos. A valorização da diversidade racial e o combate ao racismo estrutural não podem ser tratados como temas acessórios ou comemorativos, mas precisam ser integrados de forma contínua e crítica ao processo educativo.

Nesse sentido, discutir o racismo que se expressa por meio da rejeição e da vergonha do corpo negro como o cabelo "ruim", o "nariz chato" ou o "beijo grosso" é fundamental para que a escola deixe de ser um espaço de reprodução da exclusão e se transforme em um lugar de afirmação e resistência. O trabalho com a temática do cabelo afro, por exemplo, pode abrir caminhos para debates mais profundos sobre pertencimento, autoestima, identidade e as marcas históricas da escravização e do racismo no Brasil. A citação a seguir evidencia como o preconceito racial atua não apenas socialmente, mas na constituição subjetiva e psíquica do sujeito negro, mostrando as implicações dessa violência simbólica sobre o corpo e a identidade:

Nos depoimentos colhidos e nas análises feitas, a autora mostra como o mito negro constrói-se às expensas de uma desvalorização sistemática dos atributos físicos do sujeito negro. É com desprezo, vergonha ou hostilidade que os depoentes se referem ao "beijo grosso" do negro; "nariz chato e grosso" do negro; "cabelo ruim" do negro; "nariz chato e grosso do negro"; "cabelo ruim" do negro, a assim por diante. [...] Para que o sujeito construa enunciados sobre sua identidade de modo a criar uma estrutura psíquica harmoniosa é necessário que o corpo seja predominantemente vivido e pensado como local e fonte de vida e prazer. As inevitáveis situações de sofrimento que o corpo impõe ao sujeito têm que ser "esquecidas", imputadas ao acaso ou a agentes externos ao corpo. Só assim o sujeito pode continuar a mamar e cuidar daquilo que é, por excelência, condição de sua sobrevivência. (Santos, 2021, pp.29-30-31)

Trazer essa discussão para a sala de aula é reconhecer que o ensino de História deve também servir como ferramenta de reparação simbólica e reconstrução de narrativas. Quando estudantes negros se vêem positivamente representados e ouvidos, eles passam a reconstruir, com dignidade, sua relação com o próprio corpo e isso é um ato profundamente político e necessário.

A história do Brasil é atravessada por um paradoxo: a promessa de mobilidade social conviveu, desde sempre, com a violência do racismo estrutural. Como aponta o trecho abaixo, a ascensão do negro em uma sociedade racializada não se deu pela afirmação de sua identidade, mas pela imposição de um projeto de embranquecimento físico, cultural e simbólico. O "continuum de cor", a ideologia da democracia racial e o mito da meritocracia individual funcionaram como mecanismos perversos: enquanto abriam brechas limitadas para alguns, minavam a solidariedade coletiva e fragmentavam a identidade negra. Esse processo não foi natural; foi arquitetado.

E é por isso que discutir racismo estrutural nas aulas de história não é apenas um exercício de memória, mas uma ferramenta urgente para desmontar narrativas que ainda hoje sustentam a desigualdade.

E como naquela sociedade o cidadão era o branco, os "serviços de branco", ser bem tratado como o branco. Foi com a disposição básica e ser gente que o negro se organizou para ascensão, o que equivale a dizer: foi com a principal determinação de

assemelhar-se ao branco, ainda que tendo de deixar de ser negro que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente. Incentivos e bloqueios a esse projeto eram engendrados pela estrutura das relações raciais, que se comportavam de modo ambíguo ora impondo barreiras, ora abrindo brechas à a ascensão social do negro, mas que dentro dessa ambivalência, cumpriam as mesmas e inequívocas funções de fragmentar a identidade, minar o orgulho e dismantelar a solidariedade do grupo negro. [...] O caráter individualista da ascensão era coerente com as prédicas da democracia racial que colocava ênfase na capacidade individual como responsável pela efetivação do projeto. (Santos, 2021, pp.50-51)

Ensinar sobre racismo estrutural nas aulas de história é, antes de tudo, desfazer o apagamento. O texto acima deixa claro que a "ascensão" do negro no Brasil não se deu em condições de igualdade, mas sob a lógica do embranquecimento um jogo de incentivos e bloqueios que destruía autoestimas, desarticulava comunidades e naturalizava a ideia de que "ser gente" era um privilégio branco. Esse passado não está superado: ele ecoa no presente, seja na violência policial, na sub-representação política ou no silêncio sobre heróis negros e indígenas nos currículos escolares.

Conhecer essas estruturas é o primeiro passo para combatê-las. Afinal, como diz o trecho, a democracia racial não foi uma generosidade do sistema foi uma armadilha. E a sala de aula precisa ser o lugar onde se desativa esse mecanismo, substituindo a ilusão da mobilidade individual pela luta coletiva por justiça.

A história narrada, na citação ilustra de forma comovente como o racismo estrutural molda a percepção de si mesmo desde a infância, gerando sentimentos de inadequação e exclusão. Se, na época dessa vivência citada, houvesse um espaço escolar que discutisse criticamente as estruturas racistas e valorizasse a diversidade, talvez essa criança tivesse encontrado acolhimento e referências positivas sobre sua identidade.

A implementação de aulas sobre racismo estrutural nas escolas não é apenas uma medida pedagógica, mas um ato de reparação um passo essencial para que nenhuma outra criança precise crescer achando que sua aparência é um problema ou que sua existência é uma exceção. Ao educar para o antirracismo, a escola cumpre seu papel social de transformação, construindo um futuro em que a diversidade seja celebrada e a autoestima das crianças e adolescentes seja protegida e fortalecida.

A citação em questão revela uma experiência profundamente pessoal e dolorosa de uma criança negra que, desde cedo, enfrentou a solidão e a rejeição por não se enxergar nos padrões de beleza e identidade dominantes. A ausência de representatividade e a internalização de uma autoimagem negativa como tentativas de alterar traços físicos para se adequar a um ideal eurocêntrico são consequências diretas do racismo estrutural, que se manifesta até mesmo nos espaços mais íntimos, como a relação consigo mesma.

Essa narrativa reforça a urgência de abordar o racismo estrutural nas escolas, não apenas como um tema pontual, mas como um eixo fundamental da formação cidadã. Ao levar esse debate para a sala de aula, é possível combater a invisibilidade de identidades negras, desconstruir estereótipos e, sobretudo, oferecer a crianças e adolescentes ferramentas para reconhecerem sua própria dignidade em um mundo que historicamente a negou.

Tinha o lance da minha solidão. Contam que eu falava muito sozinha, tinha amigos invisíveis, falava na frente do espelho. Era uma sensação de me reconhecer, de identidade minha, de me sentir; falava comigo mesma, me achava feia, me identificava como uma menina negra, diferente. Não tinha nenhuma menina como eu. Todas as meninas tinham o cabelo liso, nariz fino, minha mãe mandava botar pregador de roupa no nariz pra ficar menos chato. (Depoimento retirado do livro: (Santos, 2021, p. 81)

A história narrada, na citação ilustra de forma comovente como o racismo estrutural molda a percepção de si mesmo desde a infância, gerando sentimentos de inadequação e exclusão. Se, na época dessa vivência citada, houvesse um espaço escolar que discutisse criticamente as estruturas racistas e valorizasse a diversidade, talvez essa criança tivesse encontrado acolhimento e referências positivas sobre sua identidade.

A implementação de aulas sobre racismo estrutural nas escolas não é apenas uma medida pedagógica, mas um ato de reparação um passo essencial para que nenhuma outra criança precise crescer achando que sua aparência é um problema ou que sua existência é uma exceção. Ao educar para o antirracismo, a escola cumpre seu papel social de transformação, construindo um futuro em que a diversidade seja celebrada e a autoestima das crianças e adolescentes seja protegida e fortalecida.

Nas aulas de História, discutir a representação e a identidade negra é fundamental para compreender as lutas e resistências cotidianas. O cabelo afro, por exemplo, vai muito além de uma questão estética: é um símbolo de ancestralidade, resistência e afirmação cultural. Ao analisar o trecho de depoimento em que uma adolescente relata sua experiência no teatro escolar quando, aos catorze anos, encenou uma peça sobre racismo e usou o cabelo afro pela primeira vez, podemos refletir sobre como a escola pode ser um espaço de descoberta e valorização da identidade negra, mesmo que de forma inicial e despretensiosa.

Com catorze anos, estava acabando o ginásio. Comecei a fazer teatro na escola. Resolvemos fazer uma peça escrita por nós mesmos, sobre os problemas que nos tocavam, interessavam. Um dos problemas era o racismo. E fui escolhida para o papel principal, eu era a única negra. Foi uma coisa legal. Não foi um momento de consciência profunda, não era tanta vergonha, era um coisa ruim. Foi a primeira vez que usei cabelo afro, também era uma coisa legal. (Santos, 2021, p. 84)

A experiência narrada na citação acima ilustra como o trabalho as aulas de História podem conectar temas como racismo, autoestima e representação a vivências pessoais dos estudantes. O simples ato de usar o cabelo afro durante a peça, ainda que não fosse um momento de "consciência profunda", marca um passo importante no processo de aceitação e orgulho identitário. Esse relato nos lembra que a educação histórica deve incluir narrativas plurais, incentivando a reflexão sobre corpos, cabelos e culturas marginalizados, transformando a sala de aula em um lugar de reconhecimento e transformação social. Assim, a História não só explica o passado, mas também ajuda a construir futuros mais justos e inclusivos.

A sociedade frequentemente impõe padrões de beleza que refletem hierarquias históricas e culturais, definindo um "homem ideal" baseado em características eurocêtricas, como pele clara, traços finos e cabelo liso. Esses padrões não só excluem a diversidade, mas também perpetuam o racismo, marginalizando corpos e identidades que fogem à norma. A fala apresentada revela tensões profundas sobre identidade, pertencimento e racismo estrutural na vivência de uma mulher negra.

Ao relatar as pressões sociais para se relacionar com homens negros e sua própria resistência a isso, ela escancara os efeitos de um racismo internalizado que atravessa tanto as escolhas afetivas quanto a forma como o negro é percebido dentro da própria comunidade negra. A exigência de que o homem negro seja "muito melhor que o branco", "lindo" e "inteligente" evidencia um padrão de valor distorcido, que exige do negro excelência para merecer reconhecimento ou afeto, em contraste com a permissividade geralmente estendida ao homem branco. A partir dessa fala, é possível discutir como o racismo molda subjetividades e afeta até mesmo os vínculos mais íntimos das pessoas.

A questão racial pintou aí da seguinte forma: quando aparecia um rapaz negro no gripe, existia toda uma pressão, toda uma expectativa das pessoas para eu namorar com ele. E eu não queria. Imagine, eu já dava resposta de que por que eu tinha que namorar como ele? Só porque era negro? E tinha, às vezes, lances agressivos, das pessoas me acharem racista. Mas tinha também a coisa de eu não querer namorar com eles porque eram negros mesmo. Para mim, um homem negro tinha que ser especial. Ser muito melhor eu o branco, se destacar, ser como eu. Teria que ser lindo! Muito bonito, muito inteligente. Nunca me apareceu um homem assim. (Depoimento retirado do livro: (Santos, 2021. p. 85)

A declaração em questão não apenas revela preconceitos enraizados, mas também escancara como o racismo, ao ser sistematicamente reproduzido, pode ser absorvido e manifestado por aqueles que o sofrem. As expectativas irreais impostas ao homem negro, assim como a negação do afeto com base na cor da pele, demonstram como o ideal branco ainda predomina como referência de valor e beleza. É urgente refletir sobre essas narrativas e

combatê-las, promovendo uma reconstrução das identidades negras baseada na valorização, no afeto e na liberdade de escolha, livres de estigmas e pressões racistas.

A escola é um espaço de formação não apenas intelectual, mas também ética e cidadã, onde se deve problematizar estereótipos, preconceitos e desigualdades historicamente construídas. A citação apresentada evidencia como o imaginário social impõe à mulher negra papéis e comportamentos estigmatizados, limitando sua subjetividade a estereótipos como o da “mulata sensual” e “disponível”.

Luísa, personagem mencionada, representa tantas outras mulheres negras que, submetidas à pressão de expectativas racistas, acabam reproduzindo padrões que reforçam sua subalternização. Essa realidade, que naturaliza o escracho, o deboche e a hipersexualização da mulher negra, precisa ser debatida criticamente no espaço escolar. O racismo e a discriminação racial, quando não reconhecidos e enfrentados, perpetuam violências simbólicas e concretas que impactam o desenvolvimento de crianças e adolescentes, em especial aqueles pertencentes a grupos historicamente marginalizados.

O escracho, o deboche, o estar à vontade são comportamentos que se pro pandeiam, exigem e esperam da mulher negra. E enquanto mulher subsumida a essas expectativas, Luísa reproduz a imagem que tem da avó ao mesmo tempo que cumpre os ditames sociais que normalizam seu comportamento e circunscrevem “seu lugar”, lugar de mulata, de mulher negra. Ser mulata é ser a mulher veneno, a melhor de cama, a mais sensual. Luísa acredita no que diz esse mito, e a ele se submete: “Já que as pessoas vão me pedir, eu dou logo”. (Santos, 2021, pp. 92-93)

Diante da análise da experiência de Luísa, torna-se evidente a urgência de se trabalhar, em sala de aula, as questões do racismo estrutural e das formas de discriminação racial que o acompanham. É na escola que muitos estudantes vivenciam, pela primeira vez, o peso dos estigmas sociais ou o privilégio de não os carregar. Promover reflexões críticas sobre representações sociais, identidade racial e respeito à diversidade é fundamental para desconstruir mitos e combater estereótipos.

Educar para a equidade racial não é apenas um ato pedagógico, mas um compromisso ético com a dignidade e a liberdade de todos os sujeitos. Afinal, somente por meio de práticas educativas antirracistas e acolhedoras será possível construir uma sociedade mais justa, na qual meninas como Luísa possam ser vistas e se verem para além dos limites impostos por um imaginário social opressor.

Isso nos revela um relato profundamente pessoal e doloroso sobre a construção da identidade, o racismo internalizado e os impactos da discriminação na autoimagem de uma criança e adolescente negra. A narrativa expõe a solidão de quem não se enxerga nos padrões

de beleza dominantes, buscando, de forma quase desesperada, pertencimento em um mundo que a rejeita.

A voz que fala sozinha, os amigos invisíveis e a admiração por corpos brancos ilustram não apenas a rejeição de si mesma, mas também a internalização de um ideal de beleza eurocêntrico, reforçado até mesmo por práticas familiares, como o uso de pregadores no nariz na tentativa de alterar traços africanos. Essa passagem é um retrato cru de como o racismo estrutural molda a percepção de valor pessoal desde a infância, levando a uma auto aversão que se manifesta na inveja, na negação da própria negritude e na busca por aceitação em espaços que perpetuam a exclusão.

Contam que eu falava muito sozinha, tinha amigos invisíveis, falava na frente do espelho. Era uma sensação de me reconhecer, de identidade minha, me achava feia, me identificava como uma menina negra, diferente. Todas as meninas tinham o cabelo liso, nariz fino. Minha mãe mandava botar pregador de roupa no nariz pra ficar menos chato. Eu era muito invejosa; inveja dos físicos das pessoas. Achava que as pessoas eram muito mais bonitas que eu. Eu desprezava, não transava com pretos. Os brancos, eu admirava, eram meus amigos. Minhas duas amigas de infância eram judias, brancas mesmo.”. (Santos, 2021, p. 94)

O depoimento analisado é mais do que uma memória de infância; é um relato sobre a violência silenciosa do racismo e seus efeitos duradouros na formação da autoestima. A negação da própria imagem, a admiração pelos corpos brancos e a rejeição a homens negros evidenciam como a hierarquia racial é internalizada, tornando-se parte da subjetividade de quem sofre sua opressão.

No entanto, essa narrativa também carrega em si um potencial de resistência: ao expor suas feridas, a voz que um dia falava sozinha diante do espelho denuncia um sistema que insiste em dizer que certos corpos são inferiores. Reconhecer esse processo é o primeiro passo para desconstruí-lo, transformando a dor em consciência e a auto aversão em autoafirmação. Assim, a citação não só revela um passado marcado pela exclusão, mas também aponta para a possibilidade de um futuro em que a beleza negra não precise ser justificada, e sim celebrada.

A reflexão sobre o tratamento das questões raciais no ambiente educacional é fundamental para compreender os limites e os desafios da construção de uma escola verdadeiramente inclusiva e antirracista. A citação sobre o trabalho de Elisabeth Fernandes de Sousa revela um cenário preocupante: tanto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) quanto na produção acadêmica sobre educação e relações raciais, há lacunas significativas.³

³ Uma busca rápida na biblioteca digital da Universidade de São Paulo (USP) utilizam os termos “relações raciais” e “educação” revela que, entre os anos de 2000 a 2023, apenas cem trabalhos acadêmicos (dissertações de mestrado

De acordo com Cavalleiro (2024), Sousa aponta, por um lado, a escassez de pesquisas consolidadas sobre o tema o que denota um histórico de negligência acadêmica e, por outro, a fragilidade conceitual presente nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) ao tratar da pluralidade cultural. Esse diagnóstico reforça a ideia de que o racismo estrutural também se manifesta nas políticas educacionais, que muitas vezes abordam a diversidade de forma superficial e desarticulada, sem oferecer subsídios concretos para ações pedagógicas eficazes no enfrentamento das desigualdades raciais.

Por sua vez, Elisabeth Fernandes de Sousa, em “Repercussões do discurso pedagógico sobre relações raciais nos PCN”, interpreta o enfoque dado à questão racial na revista *Cadernos de Pesquisada Fundação Carlos Chagas*, bem como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). No primeiro objeto de análise, Elisabeth evidencia a existência de um número reduzido de pesquisas sobre relações raciais e educação, e aponta uma produção incipiente, evidenciando a descontinuidade da reflexão racial. No segundo, a autora ao se ater detalhadamente ao tema transversal “pluralidade cultural” dos PCN para abordagem da questão racial na educação, enfatiza que existe um vasto debate teórico sobre o tema, porém de forma solta, muitas vezes contraditória, que não dá conta de orientar ações no espaço escolar. (Cavalleiro, 2024, pp;12-13)

A análise apresentada por Elisabeth Fernandes de Sousa evidencia uma contradição central no discurso pedagógico sobre relações raciais no Brasil: embora o tema esteja presente nas diretrizes educacionais e na discussão acadêmica, sua abordagem carece de profundidade, continuidade e coerência. A ausência de pesquisas robustas e a fragilidade teórica dos documentos oficiais dificultam a construção de práticas escolares efetivas no combate ao racismo.

Esse contexto exige um compromisso mais firme da academia, dos formuladores de políticas públicas e dos profissionais da educação em desenvolver e aplicar conhecimentos que promovam, de fato, uma educação antirracista. Superar a superficialidade e a descontinuidade da reflexão racial na educação é um passo essencial para garantir que a escola seja um espaço de justiça, equidade e transformação social.

A história da beleza negra nas Américas é muito mais do que uma narrativa sobre estética ou moda, é um profundo capítulo da luta por reconhecimento e humanidade. A célebre citação que nos guia afirma que: A ideia do civismo qualificador de uma beleza específica, a

e teses de doutorado) abordaram o tema. Em outra instituição referência, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), os resultados são ainda menores: 17 trabalhos entre 2003 e 2022. [N. E.]

negra, dimensiona que na cosmética afro-americana o que estava em jogo era construir a feminilidade respeitável. Este pensamento oferece uma chave poderosa para decifrar um paradoxo complexo: como o ato de alisar o cabelo ou cuidar da aparência pode ser simultaneamente um ato de submissão a padrões opressivos e uma estratégia audaciosa de resistência e autodeterminação.

Nos convida a olhar para além da superfície dos produtos de beleza e penteados. Ela propõe que, para as mulheres afro-americanas historicamente violentadas pela escravidão e por estereótipos racistas que as reduziam a corpos não femininos, hipersexualizados ou indignos, a construção de uma aparência "respeitável" era um projeto político urgente. A pele e, sobretudo, o cabelo, tornaram-se os marcadores físicos dessa luta, palco onde se travava uma batalha pela dignidade roubada.

Leva-nos também a refletir como a cosmética afro-americana, especialmente através da comercialização de produtos para o cabelo, foi um campo crucial para a afirmação de uma beleza cívica negra. Analisando o intento feminino por trás dessas práticas, que não era de mera assimilação, mas sim um movimento astuto para desconstruir estereótipos e fabricar uma nova imagem pública uma imagem que exigia, à força de convencimento estético, o respeito e o lugar na esfera cívica que lhes eram negados.

A idéia do civismo qualificador de uma beleza específica, a negra, dimensiona que na cosmética afro-americana o que estava em jogo era construir a feminilidade respeitável, fabricando uma aparência suficientemente convincente do respeito e da dignidade das mulheres. Falo de mulheres que eram previamente julgadas por traços físicos que denunciavam sua descendência africana, ou seja, a pele e, não menos importante, o cabelo. Nesse sentido, as experiências de manipulação dos pelos também revelam um intento feminino. Qual seria? Desconstruir estereótipos através da comercialização e uso de produtos criados para encontrar o penteado mais adequado para representar o que julgavam ser uma beleza cívica negra. (Xavier, 2013; pp. 6-7)

Isso nos conduz a uma compreensão profunda do papel da cosmética na história afro-americana. Ela revela que a busca por uma "beleza cívica negra" foi muito mais do que uma simples adoção de padrões estéticos hegemônicos, foi um projeto coletivo de resgate da humanidade. Ao fabricar uma aparência de respeito e dignidade através do cuidado meticuloso com a pele e, principalmente, com o cabelo, as mulheres negras engajaram-se em um ato político profundamente estratégico.

O "intento feminino" identificado, o de desconstruir estereótipos através da comercialização e do uso de produtos mostra-se, portanto, como uma forma de agência inteligente e resiliente. Em um contexto social que sistematicamente as desumanizava, assumir o controle sobre a própria imagem tornou-se um ato revolucionário. Figuras como Madame C.J.

Walker⁴ não foram apenas empreendedoras; foram arquitetas de uma nova identidade coletiva, que usou as ferramentas do capitalismo e do consumo para contestar as hierarquias raciais e de gênero.

Contudo, é crucial reconhecer a dualidade desse legado. Se, por um lado, essas práticas foram instrumentos vitais de sobrevivência e afirmação em um mundo hostil, por outro, elas também perpetuaram uma tensão dolorosa entre a assimilação e a autenticidade. A conclusão a que chegamos não é de uma simples vitória ou derrota, mas de uma luta complexa travada no corpo de cada mulher.

O debate contemporâneo em torno do movimento natural e da aceitação dos traços afro-diaspóricos em seu estado natural é a herança direta dessa história. Ele não invalida as estratégias do passado, mas as reconhece como passos necessários em um caminho contínuo de libertação. Assim, a jornada em busca do penteado mais adequado evoluiu de uma busca por respeitabilidade concedida para uma afirmação poderosa de uma beleza autodefinida, que não mais pede licença, mas se impõe em toda a sua pluralidade. A beleza cívica negra, então, deixa de ser um conceito a ser conquistado perante o outro e se transforma em uma verdade autoevidente, a ser celebrada por toda a sociedade.

A discussão sobre racismo no Brasil frequentemente se perde em generalizações que obscurecem suas vítimas mais específicas e, portanto, sua face mais cruel. Ao analisar essa complexidade, trazendo para o centro do debate a figura da mulher negra e periférica, expõe como ela se encontra no epicentro de um sistema de opressões entrelaçadas.

Não estamos falando somente de um racismo abstrato, mas de um mecanismo concreto e brutal que opera através de eixos de classe, gênero e raça. A "negra anônima, habitante da periferia" é apresentada como a principal amortecedora das consequências de uma estrutura social profundamente desigual. Ela é a personificação de uma realidade onde a condição racial determina a localização geográfica (a periferia), que por sua vez determina as oportunidades econômicas (a base da prestação de serviços), que então a expõem a uma violência institucionalizada.

Nos traz dois lados: a sobrecarga de responsabilidade que recai sobre essa mulher, retratada como a única âncora de sustento familiar em um contexto de completa desassistência.

⁴ Madam C.J. Walker (nascida Sarah Breedlove) foi uma empresária, filantropa e ativista afro-americana pioneira na indústria de cosméticos, reconhecida como a primeira mulher a se tornar milionária nos Estados Unidos. Ela desenvolveu e comercializou uma linha de produtos para cuidados capilares para mulheres negras. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Madam_C._J._Walker

Do outro, a violência genocida que sistematicamente vitima os homens negros de sua família e comunidade, através de uma perseguição policial e para policial que os encarcera e extermina.

Ao fazer isso, o texto vai além de denunciar o racismo; ele expõe a culpabilidade branca não no sentido individual, mas como uma responsabilidade coletiva de uma estrutura social que permite e naturaliza essa matança. A periferia é, assim, retratada como um território sob cerco, onde a vida negra é simultaneamente explorada em seu trabalho e descartável em sua existência. Nos convidando a olhar para essa mulher não como uma vítima passiva, mas como o símbolo máximo da resistência em um cenário de guerra não declarada, cujos efeitos são suportados majoritariamente por seus corpos, sua labuta e seu luto.

Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, “mãos brancas estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país). (Gonzalez, 1984, p. 231)

Quem é a maior vítima do racismo no Brasil? Se essa pergunta fosse feita em um debate, a citação que analisamos não hesitaria em responder: é aquela mulher negra, invisível aos olhos da sociedade, que carrega sozinha o peso de um sistema inteiro de opressões.

A citação em análise não oferece apenas uma denúncia, mas apresenta um diagnóstico preciso e doloroso sobre a realidade brasileira, expondo a interseccionalidade entre racismo, classe e gênero de forma crua e incontestável. Ela conclui, de maneira irrevocável, que o peso mais brutal da estrutura racista recai sobre um corpo específico: o da mulher negra, pobre e periférica.

A "negra anônima" descrita é a personificação de uma resistência silenciosa e sobrecarregada. Ela é a base que sustenta uma família e uma comunidade dilaceradas pela violência de Estado. A conclusão que se impõe é que a culpabilidade branca essa cumplicidade de uma estrutura social que naturaliza o extermínio e a exclusão encontra sua vítima primordial naquela que é forçada a sobreviver na base do trabalho precarizado enquanto carrega o luto pela perseguição sistemática a seus filhos, irmãos e companheiros.

A menção aos esquadrões da morte e à população carcerária majoritariamente negra não é um exagero retórico, é a constatação de um projeto genocida que opera há séculos. A citação conclui que a periferia é um campo de batalha onde a vida negra é simultaneamente explorada em sua força de trabalho e descartada em sua juventude.

Portanto, vai além da conscientização. É um chamado à ação e à responsabilização. Reconhecer o lugar dessa mulher é entender que o combate ao racismo não é completo sem o enfrentamento das desigualdades econômicas e da violência institucional. É importante que as políticas públicas, os movimentos sociais e a sociedade como um todo direcionem o foco para essa figura central, garantindo não apenas a sua sobrevivência, mas as condições para que ela e sua comunidade possam, efetivamente, viver com dignidade, livres do luto e da opressão. A luta antirracista é, inevitavelmente, a luta pela vida dessa mulher e de toda a comunidade que ela sustenta.

O trecho que será apresentado, mergulha no cerne de um mecanismo perverso de dominação: o uso da linguagem e dos padrões estéticos como ferramentas para inferiorizar e desumanizar pessoas negras. Ela expõe como o racismo opera não apenas através de leis e violência explícita, mas de forma insidiosa, no cotidiano, moldando a autoimagem e incutindo um profundo sentimento de inadequação. O texto parte de um exemplo concreto a música “Nêga do cabelo duro” para demonstrar como a cultura popular foi e ainda é um veículo para a difusão de estereótipos. A obsessão em domar o cabelo crespo, alisá-lo até que fique “liso e mole”, é apresentada como uma metáfora de um projeto maior: a negação da estética africana e a imposição de um padrão branco como único modelo de beleza e valor.

Indo além do cabelo, listando outros traços racializados, os “beiços” (lábios), a “fornalha” (nariz), mostrando como a própria linguagem é utilizada para carregar essas características de conotações negativas. O “elogio” às “feições finas”, que na verdade significa “traços menos negros”, é denunciado como a face mais sutil e mais perigosa desse mesmo racismo, pois premia a assimilação e a negação de si mesmo.

Por fim, é um poderoso ato de resistência. Ao chamar tudo isso de “pura besteira”, a autora não apenas rejeita a lógica opressora, mas também nos convoca a recusar a necessidade de se defender desses “xingamentos”. É um chamado ao autorreconhecimento, ao orgulho de ser preta, e uma afirmação de que a verdadeira libertação começa quando se desmonta o poder dessas palavras e se celebra a beleza negra em sua autenticidade e força originais.

É por aí que a gente entende porque dizem certas coisas, pensando que estão xingando a gente. Tem uma música antiga chamada “Nêga do cabelo duro” que mostra direitinho porque eles querem que o cabelo da gente fique bom, liso e mole, né? É por isso que dizem que a gente tem beiços em vez de lábios, fornalha em vez de nariz e cabelo ruim (porque é duro). E quando querem elogiar a gente dizem que a gente tem feições finas (e fino se opõe a grosso, né?). E tem gente que acredita tanto nisso que acaba usando creme prá clarear, esticando os cabelos, virando leidi e ficando com vergonha de ser preta. Pura besteira. Se bobear, a gente nem tem que se defender com os xingamentos que se referem diretamente ao fato da gente ser preta. E a gente pode até dar um exemplo que põe os pingos nos is. (Gonzalez, 1984, p. 234.)

Em suma, a citação analisada desvela o racismo enraizado na linguagem e nos padrões estéticos, que historicamente tentaram inferiorizar e apagar a beleza negra. Através de exemplos concretos como a música “Nêga do cabelo duro” e os supostos “elogios” a “feições finas”, fica claro como a sociedade constrói e impõe ideais que desvalorizam traços africanos, incentivando a assimilação forçada e a autorejeição. Esse processo não é inocente: ele reforça hierarquias raciais e legitima a opressão, fazendo com que muitas pessoas negras internalizem a vergonha de sua própria identidade.

No entanto, a força da citação reside em sua contestação radical. Ao declarar “pura besteira” a busca por adequação a padrões eurocêntricos, o texto não apenas nega a validade desses ideais, mas também convoca à resistência. A conclusão que se extrai é potente: a libertação começa quando se recusa a enxergar a negritude como um defeito e quando se interrompe a necessidade de se defender de insultos racializados. A verdadeira emancipação está em celebrar a estética negra em sua autenticidade, ressignificando traços antes subestimados como marcas de resistência e beleza.

Assim, a citação nos lembra que colocar “os pingos nos is” significa desmontar criticamente as estruturas que naturalizam o racismo, mas também significa reconstruir, com orgulho, uma identidade que não precise pedir desculpas por existir. O caminho apontado é o do autorreconhecimento, da valorização da história e da cultura negras, e da recusa veemente a qualquer projeto que queira apagar ou suavizar a potência de ser preto.

A narrativa de que o Brasil é uma “democracia racial”, um paraíso harmônico de misturas, livre do racismo virulento visto em outras nações, é uma das ideias mais poderosas e duradouras na formação da identidade nacional. No entanto, é precisamente por trás desse véu de cordialidade que o racismo brasileiro se esconde, não menos perigoso por ser insidioso e negado. A intelectual e ativista Lélia Gonzalez em 1979, escancara com ironia cortante os mecanismos desse racismo velado. González desmonta peça por peça a lógica perversa que sustenta o preconceito racial no país. Ela expõe como estereótipos negativos sobre a população negra, a irresponsabilidade, a ciancice, a propensão ao crime, são socialmente construídos e, em seguida, naturalizados. Ou seja, essas características não são vistas como produtos de um contexto histórico de escravidão e exclusão, mas como traços inatos e naturais de negros e negras. Essa naturalização é o combustível que justifica a violência policial, a marginalização econômica e a confinação a subempregos.

Também fica evidenciado a hipocrisia do racismo à brasileira: a negação veemente de sua existência (“Racismo? No Brasil? Quem foi que disse?”), acompanhada da reprodução cotidiana de seus estereótipos pela mídia e pelo senso comum. O elogio ao negro que “nem

parece preto" é a chave de ouro desse sistema, pois revela que a aceitação é condicional, dependente da negação da própria negritude e da assimilação a um padrão branco de sucesso e comportamento. Isso não é um desabafo, mas uma ferramenta de análise crítica. Nos convida a desnaturalizar as desigualdades raciais e a enxergar o racismo estrutural que, longe de ser uma exceção, é uma regra operante e negada na sociedade brasileira. Somos desafiados a perguntar: quantas dessas "verdades naturais" ainda aceitamos sem questionar hoje?

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, ciancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente.[...] Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto.(Gonzalez, 1984, pp.225-226)

A atualidade contundente da fala de Lélia Gonzalez, mesmo décadas depois de proferida, é a prova mais cabal de que o racismo brasileiro não só persiste como mantém seus mesmos mecanismos perversos de atuação. Sua citação não é um registro histórico, mas um diagnóstico permanente de uma chaga social que teima em não cicatrizar.

Lélia nos ensina que o cerne da luta antirracista está no combate à naturalização. A grande sacada do racismo à brasileira foi vestir a opressão com a roupagem do "óbvio", do "sempre foi assim". Ao desvendar a cadeia de estereótipos que associa negritude à pobreza, à criminalidade e à subalternidade, ela nos arma com o questionamento: não há nada de "natural" nisso. Há, sim, uma construção histórica, social e midiática cuidadosamente elaborada para justificar a exclusão e a violência. A negação da existência do racismo, ironicamente destacada por Gonzales, revela-se como sua estratégia mais eficaz. Ao afirmar que "racismo é coisa de americano" e que aqui "preto é bem tratado", a sociedade brasileira se exime da responsabilidade de confrontar seus próprios fantasmas. O elogio ao negro que "nem parece preto" é a face mais cruel dessa lógica, pois celebra a assimilação e a negação da identidade como únicas rotas de aceitação, reforçando a branquidade como padrão universal de valor.

A herança crítica de Lélia Gonzales é um chamado à ação em duas frentes. Primeiro, a uma vigilância constante, que nos permita identificar e desconstruir os estereótipos naturalizados que ainda povoam nosso imaginário, nosso vocabulário e nossas instituições. Segundo, a um compromisso inegociável com a transformação dessa realidade. Isso implica combater a violência policial, lutar por cotas raciais, ampliar a representatividade negra em todos os espaços de poder e valorizar suas narrativas. Em última análise, o racismo não é um desvio de caráter individual, mas a estrutura sobre a qual o Brasil foi edificado. Reconhecer

isso é o primeiro passo para, finalmente, começarmos a desmontá-lo e construir uma nação onde a negritude não precise ser negada, mas celebrada em sua plenitude, humanidade e direito incontestável à existência digna.

A naturalização é a arma do opressor, a desnaturalização, o dever de quem luta por justiça. A falácia da democracia racial é o palco perfeito para um crime que todos veem, mas que ninguém assume cometer. Nesse contexto, o próximo capítulo abordará como os movimentos negros dos anos 1970, inspirados por figuras como Lélia Gonzalez, desempenharam um papel fundamental na desconstrução da ideologia da democracia racial e na afirmação da identidade afro-brasileira. Será explorado como esses movimentos contribuíram para a luta contra o racismo e a exclusão, pavimentando o caminho para as gerações futuras na busca por igualdade e justiça.

CAPITULO 2 - ENTRE TRANÇAS E LUTAS.

2.1 OS MOVIMENTOS NEGROS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA NOS ANOS 1970

Ao discutir a prática do racismo na escola, motivado por estereótipos associados ao cabelo afro e situar essa problemática no contexto dos movimentos negros da década de 1970, é possível conectar manifestações históricas de luta e afirmação cultural com as vivências contemporâneas no ambiente escolar. Ao estudar as estratégias de organização e resistência dos movimentos negros na década de 1970, irei ilustrar como essas iniciativas contribuíram para ressignificar a estética negra e combater a discriminação racial, oferecendo aos estudantes um modelo histórico de luta que pode ser integrado às práticas pedagógicas.

A pesquisa sobre a discriminação racial relacionada ao racismo, enquanto prática de violência, possibilita compreender como essa problemática reflete a perpetuação de estruturas racistas em nossa sociedade. Essa perspectiva reforça a necessidade de intervenções educativas que articulem o enfrentamento do racismo com a valorização das identidades afro-brasileiras, consolidando o vínculo entre a pesquisa teórica e as ações propostas no produto final. Portanto, esse capítulo fundamenta e legitima a importância do tema abordado pela dissertação, contribuindo para o avanço do debate acadêmico e para a implementação de ferramentas pedagógicas transformadoras no combate ao racismo e à promoção da igualdade racial.

Os movimentos negros na década de 1970 e a ressignificação do cabelo afro apontará como historicamente os movimentos negros no Brasil, se destacaram e contribuíram para a valorização da estética negra e a promoção do cabelo afro como símbolo de resistência e afirmação. A pesquisa também inclui referências a organizações, como o Movimento Negro Unificado (MNU) e a influência de estéticas e discursos globais, como o Black Power, na ressignificação do cabelo afro no Brasil.

Correlações entre passado e presente: resistência, educação e identidade, será o último eixo do capítulo, e conectará as discussões históricas e teóricas com a atualidade, destacando a relevância das lutas dos anos 1970 para o enfrentamento do racismo no ambiente escolar atual. Este trecho abordará como o legado desses movimentos pode alicerçar ações pedagógicas que promovam a valorização da identidade negra e combatam a discriminação racial no ambiente escolar.

2.2 DA ESCRAVIZAÇÃO AO RACISMO ESTRUTURAL: A FNB (FRENTE NEGRA BRASILEIRA), RESISTÊNCIA E INSERÇÃO SOCIAL

A relação entre raça, espaço e poder no Brasil é um fenômeno histórico e estrutural, cujas raízes remontam ao período colonial e persistem de formas atualizadas na sociedade contemporânea. A segregação espacial não é um acidente, mas um mecanismo de dominação que reflete e reforça hierarquias sociais baseadas na racialização dos corpos. Como aponta a citação abaixo, as condições materiais da população negra estão profundamente ligadas a uma estrutura psicológica de opressão, que naturaliza a desigualdade e justifica a exclusão.

Enquanto a elite branca ocupa áreas valorizadas e protegidas, da casa-grande aos condomínios de luxo, a população negra foi historicamente confinada a espaços precarizados, da senzala às periferias urbanas.

Essa divisão racial do território não é um fragmento do passado, mas uma dinâmica ativa que precisa ser desnaturalizada e combatida. A seguir, a citação em questão aprofunda essa análise, revelando como a dominação econômica e espacial se entrelaçam na manutenção do racismo estrutural.

[...]Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas etc. até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro o oposto, evidentemente. Da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço. (Gonzalez, 2022, pp.21-22)

Dito isto, a reflexão escancara o que o racismo estrutural insiste em camuflar: o espaço no Brasil não é neutro, mas um projeto político de segregação. Da senzala à favela, a arquitetura da dominação se reinventa, mantendo intacto seu cerne: a racialização dos corpos e territórios como justificativa para a exploração. O Brasil a transformou em um manual não escrito de apartheid social, onde o lugar do negro é sempre o da vulnerabilidade, enquanto o da branquitude é o do privilégio blindado. Mas desvendar essa lógica é só o primeiro passo.

O desafio é sublevar o espaço do poder, rompendo com a naturalização de que: favelas são "problemas" a serem removidos, e não territórios de resistência e potência. A polícia existe para "proteger" os de cima e reprimir os de baixo (como bem lembra a elevação que vai do caçador de escravos aos caveirões). O progresso das cidades urbanas com seus condomínios murados é apenas o colonialismo com roupagem de "desenvolvimento".

A saída? Reivindicar o espaço como direito radical, tal como fazem os movimentos de moradia, as ocupações nas áreas centrais, os quilombos urbanos. E sobretudo, exigir reparação: não apenas simbólica, mas concreta na forma de terra, moradia digna, fim da militarização das periferias e desmonte das estruturas que perpetuam o mito do lugar natural.

O racismo não é um erro do sistema: é o sistema. Desnaturalizar seu mapa geográfico é começar a demoli-lo. A discussão sobre o movimento negro no Brasil exige uma abordagem que reconheça, antes de tudo, a sua intrínseca diversidade e complexidade histórica. Como bem destaca Lélia González, não se trata de uma narrativa única ou homogênea, mas de um mosaico de experiências, resistências e identidades que foram moldadas por processos sociais, culturais e políticos ao longo dos séculos.

Desde as distintas origens africanas dos povos escravizados, com suas variadas tradições iorubás, congolezas, malês e outras, até as formas de organização e luta, como quilombos, irmandades negras e participação em movimentos abolicionistas, a trajetória do movimento negro é marcada pela pluralidade. Além disso, o racismo estrutural e as dinâmicas regionais acrescentam camadas de nuance a essa história.

Diante de tantas variáveis, surge um questionamento fundamental: como definir o movimento negro sem reduzir sua riqueza e multiplicidade? A reflexão proposta na citação nos convida justamente a enfrentar esse desafio, evitando simplificações e reconhecendo a amplitude de vozes e lutas que compõem essa trajetória.

Na verdade, falar do movimento negro implica tratar de um tema cuja complexidade, dada a multiplicidade de suas variantes, não permite uma visão unitária. Afinal, nós, negros, não constituímos um bloco monolítico, de características rígidas e imutáveis. Que se pense no advento da sociedade burguesa e das relações capitalistas, com seus abolicionismos republicanismos. E que não se deixe pensar, sobretudo, no caráter autoritário e racista da sociedade brasileira em geral, assim como nos diferentes meios que ela tem utilizado para concretizá-lo. Agora, se a gente junta tudo isso (e muito mais), uma pergunta se coloca: será que dá para falar do movimento negro? (González, 2022, pp.25-26)

Essa passagem reforça a ideia de que a riqueza e a complexidade inerentes ao movimento negro no Brasil, evidencia que sua história não pode ser reduzida a uma narrativa uniforme. A diversidade de origens africanas, as distintas formas de resistência, desde os quilombos e as irmandades até as revoltas escravas, e as transformações socioeconômicas ao longo dos séculos demonstram que a luta negra é plural, dinâmica e profundamente marcada pela intersecção de culturas, contextos e estratégias de sobrevivência.

A citação também nos alerta para o racismo estrutural e o caráter excludente da sociedade brasileira, que, mesmo após a abolição, perpetuou desigualdades e marginalizou a população negra. Diante de tantas camadas históricas, fica a pergunta final: "Será que dá para

falar do movimento negro?”. Esse debate não sugere uma impossibilidade, mas sim um desafio: o de compreendê-lo em sua totalidade, sem apagar suas múltiplas falas.

Falar do movimento negro, portanto, exige reconhecer sua multiplicidade, honrar suas diversas formas de resistência e entender que sua força reside justamente na capacidade de unir, em luta comum, identidades tão diversas. Assim, longe de ser uma questão sem resposta, a reflexão proposta reforça a importância de abordar o tema com profundidade, respeito e consciência de sua dimensão histórica e política.

A história da luta negra no Brasil é marcada por diferentes estratégias de resistência e afirmação identitária. Como destaca a citação a seguir, duas vertentes principais surgem nesse contexto: o assimilacionismo e a prática cultural autônoma. A Frente Negra Brasileira (FNB), criada em 1931, representou um marco nesse processo, ao buscar conciliar essas duas perspectivas e mobilizar milhares de pessoas em torno da causa racial. Surgida em São Paulo e expandindo-se para outras cidades, a FNB refletia a crescente conscientização do negro urbano, mais sujeito às contradições de uma sociedade estruturalmente racista.

A seguinte citação analisa bem como a FNB sintetizou essas dinâmicas, tornando-se um movimento fundamental para compreender a organização política negra no período pós-abolição.

Por aí, dá para entender também o sucesso de sua mobilização. Afinal, ela conseguiu trazer milhares de negros para os seus quadros. Precedida pelo trabalho de uma imprensa negra cada vez mais militante, a FNB (Frente Negra Brasileira) surgiu exatamente, na cidade de São Paulo, estendendo-se para outros municípios do interior. Com isso querendo ressaltar o seu caráter eminentemente urbano, uma vez que é o negro da cidade que, mais exposto às pressões do sistema dominante, aprofunda sua consciência racial? (González, 2022, p.31)

A Frente Negra Brasileira (1931-1938) representou um marco fundamental na história da organização política negra no Brasil, por reunir vertentes aparentemente contraditórias. Ao reunir essas diferentes perspectivas em seu movimento, a FNB demonstrou uma estratégia singular de mobilização, capaz de atrair milhares de pessoas e consolidar-se como a primeira grande expressão ideológica negra no pós-abolição. Seu surgimento em São Paulo e sua expansão para outras cidades evidenciam ainda o papel central do espaço urbano na formação da consciência racial, já que era na zona urbana que a população negra, confrontada diretamente com as estruturas de exclusão, mobilizava-se em busca de direitos.

Apesar de sua curta duração, a FNB deixou um legado importante: mostrou que a luta antirracista no Brasil poderia ser tanto uma reivindicação por integração quanto uma afirmação cultural própria. Seu exemplo segue relevante para refletir sobre os caminhos do movimento negro contemporâneo, que ainda persistem, em diferentes medidas. Assim, a história da Frente

Negra Brasileira não é apenas um registro do passado, mas uma chave para entender as dinâmicas raciais que permanecem desafiadoras até os dias atuais. Ao revisitar sua história, compreendemos que as tensões entre inclusão e liberdade tão presentes na FNB ainda refletem nos debates contemporâneos. Seu curto ciclo nos lembra que a luta racial sempre enfrentou a opressão institucional, mas sua ousadia permanece como farol para quem resiste.

A música era e é outro espaço de resistência. Era uma nos barracões cheios de cheiros, tinta fresca, cola de fantasia, couro de surdo e café passado no coador de pano que os "nêgo véio" da Velha Guarda ensinavam aos mais novos como segurar a cuíca para gemer direito, como desfilar com dignidade na Comissão de Frente, como costurar uma alegoria com as próprias mãos e histórias. O samba não era só música: era reza, protesto mascarado de brincadeira, mapa da cidade desenhado no corpo da bateria. Mas veio o golpe militar de 1964, e com ele um vento gelado que não trouxe só tanques trouxe contadores, cronômetros e contratos. As escolas de samba, antes territórios de resistência negra, viraram fichas no tabuleiro do Brasil.

Os mestres-artesãos, aqueles que transformavam restos em reinos, foram sendo empurrados para os cantos escuros dos barracões. Em seus lugares, entraram cenógrafos de diploma, figurinistas que nunca pisaram na favela, carnavalescos que falavam em "produto". Esse período não representou apenas uma ruptura política, mas também uma profunda transformação nas dinâmicas culturais brasileiras, especialmente no que diz respeito às manifestações populares de matriz negra.

Como aponta a citação, duas consequências marcantes desse período foram a desarticulação das elites intelectuais negras e a integração das entidades de massa como as escolas de samba à lógica capitalista, transformando-as em produtos da indústria do entretenimento e do turismo. Antes espaços de resistência e afirmação identitária, as agremiações carnavalescas passaram por um processo acelerado de profissionalização. Os saberes tradicionais dos mestres-artesãos foram gradualmente substituídos por técnicas industrializadas; os sambas, simplificados para atender às demandas do mercado fonográfico; e os desfiles, transformados em espetáculos midiáticos, nos quais a figura do carnavalesco assumiu o lugar antes ocupado pelas lideranças comunitárias.

Essa transição não foi meramente estética: representou a apropriação de uma cultura negra historicamente marginalizada, agora adaptada aos interesses econômicos e às narrativas oficiais do regime. Esta fase acelerou a transformação das escolas de samba em produtos da indústria cultural, analisando as contradições entre a preservação das raízes populares e as

pressões do capitalismo. Nos levando a refletir sobre os custos dessa adaptação forçada e seu impacto na identidade negra brasileira.

O golpe de 1964 implicaria a desarticulação das elites intelectuais negras, de um lado, e o processo de integração das entidades de massa numa perspectiva capitalista, de outro. As escolas de samba, por exemplo, cada vez mais, vão se transformando em empresas da indústria turística. [...] Os desfiles transformaram-se em espetáculos tipo teatro de revista, sob a direção de uma nova figura: o carnavalesco. Levantaram-se arquibancadas para ricos, pobres e remediados, autoridades e povo, nacionais e estrangeiros, com a presença de jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas e câmeras de TV durante os desfiles. (González, 2022, pp.37-38)

Ao observarmos a transformação das escolas de samba após o golpe de 1964, isso nos revela um processo confuso de modernização e esvaziamento cultural. Por um lado, a profissionalização trouxe reconhecimento e recursos para uma manifestação que sempre esteve à margem; por outro, significou a gradual substituição de saberes ancestrais por lógicas mercadológicas. Os "nêgo véio" deram lugar às "mulatas tesudas", os sambas complexos foram simplificados para caber em discos, e os barracões comunitários se tornaram departamentos de grandes empreendimentos turísticos.

Essa metamorfose não foi natural ou inevitável: foi resultado direto de um projeto político que, ao mesmo tempo que reprimia as lideranças negras, incorporava suas expressões culturais para servir a uma nova ordem econômica. O Carnaval que emergiu desse processo é, portanto, um espelho das contradições brasileiras, celebração que vibra de alegria, mas que carrega nas entrelinhas a história de uma cultura obrigada a se adaptar para sobreviver.

Hoje, quando vemos as arquibancadas do sambódromo e os desfiles transmitidos para o mundo todo, é preciso lembrar: por trás do brilho do espetáculo, permanecem as vozes dos antigos mestres, resistindo nas letras dos sambas, nos gestos da Velha Guarda, e na memória de quem ainda sabe que Carnaval já foi muito mais que um produto, foi resistência, arte e voz de um povo. Essa dualidade entre tradição e mercado continua a desafiar as escolas de samba, que precisam equilibrar sobrevivência financeira e autenticidade cultural num país que ainda não resolveu suas dívidas com herança africana.

Outro aspecto importante do racismo se revela no processo de organização política e social relacionada as contradições e tensões inerentes às relações de poder, especialmente quando se trata das dinâmicas de gênero. Em muitos espaços de luta coletiva, a presença das mulheres desafiou estruturas patriarcais ativas, provocando reações que iam da resistência à adaptação. Esse cenário ambíguo, se por um lado, demonstra a solidariedade e o crescimento político nas reuniões mistas, por outro, a persistência do machismo e do paternalismo, que se manifestavam em comentários depreciativos e na exclusão velada das companheiras.

González expõe uma contradição reveladora na FNB: muitos dos homens que se opunham à participação ativa das mulheres eram justamente aqueles cujas próprias parceiras permaneciam confinadas aos papéis tradicionais cuidando da casa e dos filhos, afastadas dos debates políticos. Essa contradição não apenas reforçava a divisão sexual do trabalho, mas também denunciava o medo de uma masculinidade frágil, ameaçada pela competência e liderança feminina. Além disso, como bem observado, o machismo sectário muitas vezes carrega uma carga de homoerotismo não assumido, transformando-se em violência e ressentimento.

Essa reflexão nos convida a pensar não apenas sobre as lutas do passado, mas sobre como esses mesmos mecanismos de exclusão e resistência ainda se reproduzem hoje, mesmo em espaços que se pretendem progressistas. A citação abaixo alerta sobre a necessidade de enfrentar o patriarcado de forma interseccional, reconhecendo que a verdadeira transformação só acontece quando todas as vozes são ouvidas e quando os privilégios são questionados, e não apenas preservados sob novas roupagens.

Chegou um ponto em que as mulheres passaram a se reunir separadamente para, depois, todos se reunirem numa sala maior, onde se discutiam os problemas comuns. É claro que pintou machismo e paternalismo, mas também solidariedade e entendimento. O atraso de alguns manifestou-se num tipo de oralismo calvinista e machista, que caracterizava o quanto se sentiam ameaçados pela capacidade e sensibilidade das companheiras brilhantes; em seus comentários, falavam de mal-amada e coisas que tais, baixaria mesmo. [...] (González, 2022, pp.44-45)

Isso nos revela um retrato incisivo das contradições presentes nos espaços de luta política, onde a resistência ao machismo convive com a perpetuação de suas estruturas. A necessidade de as mulheres se reunirem separadamente antes de integrar o debate coletivo evidencia não apenas a persistência da opressão de gênero, mas também a força de sua organização autônoma. Mesmo em ambientes que se pretendem revolucionários, a misoginia se manifesta, seja no discurso calvinista que reduz as mulheres a estereótipos, seja na divisão sexual do trabalho que as mantém confinadas ao lar, excluídas da esfera pública.

No entanto, a crítica contundente aos "machões" da geração mais velha também aponta para uma transformação possível: os mais jovens, que cresceram ao lado de suas "irmãs de luta", representam a semente de uma nova consciência, menos aprisionada aos códigos tóxicos da masculinidade tradicional. E, de forma provocadora, a observação sobre o caráter homoerótico não assumido do machismo sectário expõe o paradoxo de uma violência que, no fundo, é sintoma de medo e insegurança, medo da igualdade, da autonomia feminina e, sobretudo, do desmonte de privilégios.

Este pensamento identificado na FNB nos anos 30 do século XX, nos lembra que a verdadeira mudança social exige mais do que discursos de ruptura: demanda a desconstrução cotidiana do patriarcado, inclusive nos espaços que se dizem progressistas. A luta antirracista, anticapitalista e antiopressão só será plena se for também interseccional, enfrentando sem hesitação as hierarquias de gênero que ainda dividem, silenciam e fragilizam as lutas coletivas. Afinal, não há revolução possível sem feminismo e não há feminismo possível sem a coragem de nomear e combater, até as raízes, o machismo que insiste em sobreviver, mesmo entre aqueles que juram lutar por um mundo novo.

No contexto das políticas públicas implementadas durante a Era Vargas, algumas medidas buscavam, aparentemente, reduzir as desigualdades históricas enfrentadas pela população negra no Brasil. No entanto, embora certas ações governamentais tenham gerado expectativas de inclusão, sua efetividade e continuidade foram frequentemente limitadas por contradições políticas do período. Um exemplo emblemático foi o diálogo entre o governo Vargas e a Frente Negra Brasileira (FNB).

A relevância desse movimento ficou evidente quando, após intensa mobilização, a FNB conseguiu uma audiência com Getúlio Vargas para revogar a proibição de negros na Guarda Municipal de São Paulo, o que significou uma vitória simbólica na luta por direitos civis. Contudo, a trajetória da entidade revela as ambiguidades da época: em 1936, transformou-se em partido político, mas teve sua existência abruptamente interrompida pelo golpe do Estado Novo em 1937, que suprimiu organizações dissidentes. Esse episódio ilustra tanto os avanços pontuais quanto os limites estruturais das políticas raciais no período, marcado por gestos de abertura combinados com mecanismos de controle autoritário. Como afirma Ynaê Santos:

À primeira vista, essas transformações implementadas pareciam resolver uma série de exclusões e marginalizações sofridas pela população negra brasileira. Um episódio que ganhou significativa repercussão e que corroborava o olhar mais atento de Getúlio Vargas para a população negra ocorreu quando a Frente Negra Brasileira foi recebida pelo então presidente da república numa audiência para reverter o dispositivo que proibia a participação de negros na Guarda Municipal de São Paulo, no que foi bem sucedida. (Santos, 2022, pp.222-223)

A análise das políticas da Era Vargas em relação à população negra revela um cenário complexo, marcado por contradições entre avanços simbólicos e a persistência de estruturas excludentes. A interação entre o governo Vargas e a Frente Negra Brasileira (FNB) exemplifica esse paradoxo: por um lado, houve o reconhecimento de demandas históricas, como a revogação da proibição de negros na Guarda Municipal de São Paulo; por outro, a repressão ao movimento, com a dissolução da FNB após o golpe do Estado Novo, demonstrou os limites impostos pela ditadura.

Essa dualidade reflete um projeto nacional que, embora promovesse uma retórica de inclusão social, mantinha-se alicerçado em mecanismos autoritários, subordinando as pautas identitárias aos interesses do regime. A breve existência da FNB como partido político (1936-1937) simboliza tanto a resistência negra quanto a fragilidade dos espaços de participação democrática na época.

Portanto, como destaca a citação, as ações do governo Vargas, ainda que pontualmente progressistas, não romperam com as bases estruturais do racismo no Brasil. A Frente Negra Brasileira, apesar de seu legado combativo, foi vítima de um contexto político que tolerava concessões superficiais, mas não admitia mudanças profundas na ordem social. Essa experiência histórica ressalta a importância de movimentos organizados na luta por igualdade, ao mesmo tempo que alerta para os riscos da repressão estatal. Em última instância, o episódio da FNB sob na era Vargas serve como reflexão sobre os desafios permanentes na construção de políticas verdadeiramente transformadoras que superem gestos isolados e enfrentem, de fato, as raízes da desigualdade racial no país.

2.3 A RESSIGNIFICAÇÃO DA MEMÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA A PARTIR DA DÉCADA DE 1970

Os anos 1970 revelaram a reivindicação do corpo negro através do Black Power (poder negro - movimento que surgiu nos Estados Unidos na década de 1960), enfatizando o orgulho racial e a busca por autodeterminação para pessoas de ascendência africana. Como estilo de cabelo, o Black Power é um penteado afro, volumoso e arredondado, que se tornou um símbolo de identidade e resistência negra. Das tranças à estética insurgente, era apenas o primeiro ato de uma revolução espacial maior.

Se o racismo tentava confinar a identidade afro-brasileira ao ridículo e a submissão, os movimentos negros responderam transformando cabelos crespos em bandeiras e corpos em territórios políticos. Mas essa batalha simbólica nunca esteve dissociada da luta concreta pelo direito à cidade, à moradia e à reparação. Afinal, qual é o sentido de exaltar tranças como coroa se o Estado continua encurralando corpos negros em favelas, cortiços e prisões?

O mesmo racismo que zoava o cabelo crespo nos anos 1970 hoje persegue jovens com dreadlocks (estilo de cabelo em que os fios são emaranhados e formam mechas cilíndricas) em escolas ou profissionais com turbantes em escritórios. A diferença é que, graças às lutas daquela década, a estética virou arma: ocupar espaços brancos com tranças amarradas é tão

revolucionário quanto ocupar terras ociosas com o MST (Movimento dos trabalhadores rurais sem-terra).

O racismo era uma forma de limpeza espacial simbólica: queriam convencer os negros de que eles não pertenciam à sala de aula, ao shopping, aos bairros "nobres". Os movimentos negros responderam ocupando tudo ao mesmo tempo: da cultura ao mapa urbano. Se o racismo dizia que tranças eram "desleixo", as ocupações diziam que favelas não eram "invasões", mas territórios de direito. Se a prática do racismo ensinava que negro não era "padrão para lojas de shopping", os Black Power dos anos 1970 exigiam que a cidade inteira fosse do negro. As panteras negras dos Estados Unidos sabiam: não basta o "Black is beautiful" sem creches comunitárias e moradia digna.

O Movimento Negro Unificado (MNU), que ocupou a cena política contra o racismo no Brasil, unificou várias pautas: A luta contra o bullying (com grupos de afirmação nas escolas); A luta por espaço (com denúncias contra a violência policial nas periferias); A luta por memória, com a pressão que levaria, décadas depois, à Lei 10.639/03. Desnaturalizar o racismo exige ocupar todos os espaços, do cabelo ao CEP. Essa conexão mostra que a identidade negra nunca foi apenas sobre autoestima, mas sobre poder mudar as estruturas que definem a quem pertence o chão, o teto e o futuro.

A década de 1970 evidencia, uma profunda transformação na maneira como o Brasil interpreta sua história e suas memórias relacionadas à população negra. Durante décadas, o 13 de maio foi celebrado como um marco de "libertação" concedida pelos brancos, representada pela figura da princesa Isabel, enquanto as resistências e lutas dos negros escravizados eram sistematicamente apagadas.

Nas escolas, crianças negras eram colocadas em posições subalternas, fantasiadas de escravizadas, enquanto uma menina branca encarnava o papel da redentora, reproduzindo simbolicamente a hierarquia racial que estrutura a sociedade brasileira. Esse cenário começou a ser desconstruído a partir da atuação incisiva do movimento negro, especialmente a partir dos anos 1970, que denunciou a falsa narrativa da passividade negra e resgatou a história de resistências, revoltas e quilombos.

A reivindicação do 20 de novembro, dia da morte de Zumbi dos Palmares, como Dia da Consciência Negra não apenas substituiu o 13 de maio no imaginário coletivo, mas também reposicionou o debate: longe de serem meros objetos da história, os negros passam a ser identificados como sujeitos de suas próprias lutas. Essa mudança não é apenas simbólica; é um ato político que desafia o racismo estrutural e exige um novo olhar sobre o passado e o presente.

Isso nos permite compreender como a memória pode ser tanto um instrumento de dominação quanto de libertação.

Durante muito tempo, quando se realizava alguma comemoração sobre a questão do negro no Brasil, somente a data do dia 13 de maio, dia da assinatura da lei Áurea, em 1888, abolindo a escravidão no Brasil era lembrada. Nas escolas da educação básica, o mais comum era que as crianças negras se fantasiassem de escravos e sempre uma menina branca e, de preferência, loura, era escolhida para representar a princesa Isabel. Os livros didáticos apresentavam essa data como o dia da libertação dos negros, e nada se estudava ou discutia sobre a resistência dos africanos escravizados e seus descendentes nascidos no Brasil, sob o regime da escravidão. As entidades do movimento negro surgidas a partir dos anos 70 denunciaram e muito esse equívoco e essa distorção. Além disso, o movimento negro trouxe para a sociedade brasileira mais uma data importante a ser lembrada e comemorada. Trata-se do dia 20 de novembro, dia da morte do líder Zumbi, do Quilombo dos Palmares. Hoje, Zumbi é considerado um dos principais símbolos da luta contra todas as formas de opressão e exclusão que continuam a castigar os descendentes de africanos no Brasil. (Gomes, Munanga, 2016, pp. 128-129-130)

Isso demonstra uma importante mudança no modo como a sociedade brasileira compreende e representa a história da população negra. A antiga celebração do 13 de maio como um ato de "bondade" da princesa Isabel, que reforçava a ideia de passividade dos negros frente à sua própria libertação, foi desconstruída pelo movimento negro, que resgatou as inúmeras formas de resistência e luta travadas pelos africanos escravizados e seus descendentes.

A crítica a essa narrativa distorcida não apenas denunciou o apagamento histórico das lideranças negras, mas também reposicionou o 13 de maio como um dia de reflexão sobre o racismo e as desigualdades que persistem na sociedade brasileira. Além disso, a instituição do 20 de novembro como Dia da Consciência Negra, em homenagem a Zumbi dos Palmares, simboliza a resistência ativa e a luta por liberdade, tornando-se uma data central para a reafirmação da identidade negra e para o combate ao racismo estrutural.

Essa mudança de perspectiva não é apenas representativa, mas um passo fundamental na descolonização da história e na valorização da contribuição negra para a formação do Brasil. Enquanto o 13 de maio representava uma falsa ideia de liberdade concedida, o 20 de novembro celebra a resistência e a autonomia do povo negro, lembrando que a verdadeira abolição ainda está em construção, exigindo o enfrentamento contínuo das opressões que perduram. Assim, a luta do movimento negro por memória e reconhecimento permanece essencial para a construção de uma sociedade verdadeiramente justa e igualitária.

2.4 TRANÇAS COMO RESISTÊNCIA: A ESTÉTICA NEGRA, IDENTIDADE E O COMBATE AO RACISMO ATRAVÉS DA CURRICULARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

O racismo no Brasil geralmente se expressa de maneira violenta e naturalizada em diferentes espaços sociais. Nas escolas, jovens sofrem com insultos, isolamento e até violência física. Nos anos 1970, o ensino, que omitia a história da África e a influência negra no país, reforçava estereótipos de inferioridade, e muitos educadores ignoravam ou reproduziam o preconceito. No âmbito profissional, os cargos mais valorizados eram ocupados por brancos, enquanto a população negra era marginalizada em funções de baixo prestígio, como empregos domésticos, manuais ou de segurança.

Mesmo com qualificação, profissionais negros enfrentavam obstáculos invisíveis em suas carreiras, além de discriminação velada no ambiente de trabalho. Em locais públicos, a opressão racial era frequente. Pessoas negras eram vigiadas em estabelecimentos, impedidas de entrar em clubes "seletos" e alvo de repressão policial excessiva.

Alain Pascal, nos provoca ao fazer uma reflexão crítica sobre as estruturas ideológicas que perpetuam o apagamento da história e das culturas africanas e afro-brasileiras no ensino brasileiro. Por que, em um país onde a população negra é tão significativa, a narrativa sobre a África ainda é majoritariamente reduzida ao período colonial e marcada por essencialismos construídos desde as interpretações árabes medievais até o Iluminismo europeu?

Além disso, como entender a contradição entre o mito da "democracia racial" brasileira e a necessidade de leis como as que instituíram o ensino obrigatório de história e cultura afro-brasileira e indígena para garantir visibilidade a essas narrativas? Essas questões nos revelam não apenas um projeto histórico de silenciamento, mas também a resistência e a luta por reconfigurações identitárias.

Analisar esse contexto nos permite compreender o lugar do negro na formação da sociedade brasileira: um lugar muitas vezes marginalizado, mas também de resignificação e resistência, que exige o questionamento das narrativas hegemônicas e a valorização de memórias e saberes sistematicamente negados.

O que estaria por trás da opção ideológica do silenciamento do ensino da história e das culturas da África e dos africanos, como também dos afro-brasileiros, no Brasil? E como explicar que, apesar das contribuições da África para a civilização mundial, os poucos espaços reservados nos livros didáticos no Brasil continuam enfatizando a história da África e dos africanos a partir da chegada dos europeus, bem como os essencialismos "cientificamente" elaborados desde os pensadores árabes no século IX, passando pelo Iluminismo? Tais essencialismos que vêm do Iluminismo continuam ainda vigorando? E finalmente, como explicar que o Brasil, cujo maior,

mais veiculado e festejado identitário é a “mistura racial e falta de conflitos raciais”, tenha de, no século XXI, legislar para que haja inclusão do ensino da história da África, dos afro-brasileiros e de suas culturas nos currículos escolares, e também das sociedades indígenas? O que tal fato assinala, analiticamente, no que diz respeito ao lugar do brasileiro negro na (re)configuração da sociedade nacional? (Pascal, 2013, pp. 157-158)

Isso evidencia que o silenciamento da história e das culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil não é um descuido, mas uma opção ideológica profundamente enraizada. A ênfase dos livros didáticos na narrativa colonial e a perpetuação de essencialismos desde as interpretações medievais árabes até o Iluminismo europeu expõem um projeto de poder que busca manter hierarquias raciais e justificar a exclusão histórica da população negra. O fato de o Brasil, mesmo no século XXI, precisar legislar para incluir essas narrativas nos currículos escolares desmonta o mito da "democracia racial" e expõe a resistência estrutural em reconhecer o protagonismo negro e indígena na formação nacional.

Essa necessidade de leis específicas demonstra que a luta por representação e memória é, antes de tudo, uma luta política. O lugar do negro na sociedade brasileira tem sido constantemente reconfigurado entre a marginalização e a resistência, entre a invisibilização e a reafirmação de suas contribuições civilizatórias. A inclusão obrigatória desses conteúdos não é apenas uma reparação histórica, mas um passo fundamental para descolonizar o conhecimento e construir uma identidade nacional verdadeiramente plural.

Enquanto persistirem essas lacunas no ensino, o Brasil continuará reproduzindo desigualdades e negando a si mesmo a riqueza de suas próprias raízes. Portanto, mais do que cumprir uma legislação, é urgente questionar as estruturas que, até hoje, insistem em apagar as vozes que deveriam estar no centro da história.

O pensamento abaixo expõe um mecanismo perverso de dominação ideológica: a negação deliberada do conhecimento sobre as origens e contribuições africanas como ferramenta de subjugação. Ao apagar a história pré-colonial da África e reduzir a existência do povo negro no Brasil ao marco da escravização, criou-se uma narrativa que associa a identidade negra à inferioridade, marginalização e vergonha de si mesmo. Essa estratégia não foi acidental, mas um projeto político que visava manter os afro-brasileiros alienados de sua própria história, facilitando sua manipulação e impedindo que reivindicassem direitos e dignidade plena.

Além disso, a omissão sistemática dessas narrativas nos currículos escolares não apenas empobrece a formação educacional, mas também sustenta uma hierarquia racial enraizada, onde a suposta superioridade de uns e a inferioridade de outros são naturalizadas. O resultado é a perpetuação de um ciclo de exclusão e auto aversão, em que muitos negros internalizam a desvalorização de suas raízes. Questionar esse apagamento histórico é, portanto, mais do que

uma demanda por representação justa, é uma luta pela descolonização do saber, pelo direito à memória e pela construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, onde todos possam se reconhecer como sujeitos de sua própria história.

A recusa política de permitir que os brasileiros de ascendência africana conhecessem suas origens, as contribuições da África e dos africanos na civilização mundial era uma excelente arma ideológica. Ora, tal recusa fez e faz com que o negro ou o ser brasileiro negro seja sinônimo de ser um brasileiro inferior e condenado a viver em todos os níveis nas múltiplas periferias. Esta recusa visava, na realidade, transformá-los em brasileiros cujas histórias começam apenas com a escravização dos seus antepassados. [...] O não ensinar a história da África, dos brasileiros de ascendência africana e dos povos indígenas no Brasil, não só fragmenta a formação acadêmica; contribui, também, para reforçar e manter vivas as crenças do eterno superior e do eterno inferior, baseando-se nas ideologias estabelecidas a partir das maneiras como eram os seus antepassados. (Pascal, 2013, pp. 207-208)

Esta perspectiva, reflete um dos pilares mais perversos da estrutura racial brasileira: a manipulação política da memória como instrumento de dominação. Ao apagar deliberadamente as contribuições civilizatórias da África e reduzir a história dos afro-brasileiros ao trauma da escravidão, criou-se uma narrativa que associa a negritude à inferioridade e à marginalização. Essa estratégia não foi mero descuido, mas uma violência epistêmica calculada, destinada a fragilizar identidades, alimentar a auto repulsa e perpetuar um sistema de controle social.

O resultado é uma sociedade que, ainda naturaliza hierarquias raciais, enquanto milhões de brasileiros seguem confrontando o peso de uma história mutilada e estigmatizada. A ausência dessas narrativas nos currículos escolares não é apenas uma lacuna educacional, mas a manutenção ativa de um projeto colonial que insiste em negar humanidade plena aos descendentes de africanos. Reverter esse quadro exige mais do que a inclusão formal de conteúdo; demanda um rompimento radical com as lógicas que sustentam o apagamento histórico. Significa reconhecer que a reivindicação pela memória africana é, antes de tudo, uma luta por reparação, autoestima e poder.

Enquanto o Brasil não enfrentar criticamente esse passado de silenciamentos, seguirá reproduzindo um presente de exclusão onde a cor da pele ainda determina quem merece ter história e quem está condenado a ser apenas um personagem secundário na narrativa nacional. A descolonização do conhecimento, portanto, não é opcional: é condição básica para qualquer projeto de justiça e igualdade real.

2.5 DAS OFENSAS À ORGANIZAÇÃO: O ENFRENTAMENTO A DISCRIMINAÇÃO RACIAL RELACIONADO AO RACISMO E A MOBILIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS NEGROS NOS ANOS 1970 E SUAS REFLEXÕES NO BRASIL DE HOJE

Nos anos 1970, o Brasil vivenciou um período crucial de resistência e organização dos movimentos negros em resposta a discriminação racial, ao racismo estrutural e à discriminação enraizada na sociedade. As ofensas e violências cotidianas, longe de silenciar a população negra, serviram como combustível para a articulação de coletivos, grupos de estudo e organizações que desafiaram o mito da democracia racial. A luta contra a discriminação ganhou força com ações como o surgimento do Movimento Negro Unificado (MNU), a valorização da cultura afro-brasileira e a pressão por políticas públicas que reconhecessem as desigualdades raciais. Hoje, esse legado permanece vivo, mas os desafios persistem.

A discriminação racial ainda se manifesta nas escolas, no mercado de trabalho e nas redes sociais, muitas vezes velado pelo discurso da "brincadeira" ou da "sensibilidade excessiva". No entanto, a resistência também se atualiza: movimentos como o Black Money (ciclo econômico gerado e mantido pela comunidade negra, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista e isso inclui onde e como gastamos nosso dinheiro), e a atuação de influenciadores e influenciadoras digitais negros evidenciam a continuidade da mobilização. A implementação de cotas raciais, a criminalização do racismo e a maior visibilidade de vozes negras na mídia e na política são conquistas diretas dessas lutas históricas.

Ainda assim, o Brasil contemporâneo segue marcado por profundas disparidades. A população negra continua sendo a mais afetada pela violência policial, pelo desemprego e pela falta de acesso a serviços básicos. A discriminação racial, agora amplificado pela internet, exige novas estratégias de combate, como a educação antirracista e a conscientização sobre privilégios brancos. A trajetória desse período nos ensina que a organização é o caminho para transformar a dor em potência. Se antes as ofensas eram enfrentadas com protestos nas ruas, hoje a batalha também se dá nos tribunais, nas universidades e nos algoritmos. A luta contra o racismo, seja ele escancarado ou disfarçado, segue urgente e a herança daquela década prova que, unidos, os negros brasileiros podem reescrever seu lugar na história, do passado ao presente.

A história da luta por igualdade no Brasil é marcada por inúmeras vozes que, ao longo do tempo, enfrentaram silenciamentos e marginalizações. Entre essas vozes, destaca-se a atuação das mulheres negras, que ocuparam e continuam ocupando um papel fundamental na organização do movimento negro brasileiro. No entanto, a contribuição dessas mulheres nem

sempre recebeu o devido reconhecimento, tanto dentro do próprio movimento negro quanto no movimento feminista.

Nilma Lino Gomes e Munanga, nos convida a refletir sobre essa realidade, destacando as especificidades da vivência da mulher negra em uma sociedade que ainda se estrutura em torno do racismo e do machismo. Ao longo da história, elas foram relegadas a trabalhos subalternos, insalubres e invisíveis, mesmo após conquistas sociais e transformações nos papéis de gênero. Essa dupla opressão de raça e de gênero impulsionou a formação de um movimento de mulheres negras autônomo, que busca dar visibilidade às suas pautas e construir um espaço de luta que reconheça suas particularidades históricas, sociais e políticas.

É nesse contexto que se insere a citação a seguir, que nos ajuda a compreender melhor a trajetória de resistência e organização dessas mulheres ao longo dos tempos. Enquanto a sociedade passou por transformações significativas a partir da segunda metade do século XX, especialmente com os avanços dos movimentos feministas, a realidade das mulheres negras permaneceu marcada por uma dupla marginalização, marcada pelo racismo e pelo machismo, que as coloca em uma posição de vulnerabilidade histórica e laboral.

Desde o período escravista, quando eram submetidas ao trabalho forçado, até os dias atuais, quando muitas ainda desempenham funções precarizadas e insalubres, as mulheres negras têm ocupado o espaço público não como conquista de autonomia, mas como imposição de uma condição social excludente. Enquanto a chamada "mulher moderna" é celebrada por sua inserção no mercado de trabalho, a trajetória das mulheres negras revela que sua presença nesse espaço sempre foi uma realidade imposta pela necessidade de sobrevivência, muitas vezes em serviços domésticos e de cuidado, que perpetuam estereótipos racistas.

Além disso, Nilma Lino Gomes e Munanga, aponta para a invisibilização das pautas específicas das mulheres negras tanto no movimento negro quanto no feminismo hegemônico, o que as levou a construir uma luta própria, articulando gênero e raça. Essa mobilização resultou na criação de diversas organizações que, com diferentes abordagens, buscam combater as desigualdades estruturais e reivindicar reconhecimento.

Assim, o movimento de mulheres negras surge não apenas como uma resposta à exclusão, mas como uma força essencial na luta por justiça social e equidade no Brasil. Essa reflexão é crucial para entendermos as dinâmicas dos movimentos sociais e a importância de interseccionalidade nas discussões sobre direitos e representação.

No contexto de organização do movimento negro brasileiro não podemos nos esquecer do importante papel assumido pelas mulheres negras e suas organizações. Apesar das transformações nas condições de vida e papel das mulheres em todo o mundo, em especial a partir dos anos de 1960, a mulher negra continua vivendo uma

situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista e ser negra numa sociedade racista. Algumas feministas negras costumam refletir que a situação da mulher negra no Brasil, apesar dos avanços, ainda tem muito que mudar. [...]A compreensão e sensibilidade para com a história específica das mulheres negras nem sempre ocuparam a atenção do movimento negro de um modo geral e nem do movimento feminista. Isso levou as mulheres negras a questionar a ausência da discussão de gênero articulada com a questão racial dentro do movimento feminista e do movimento negro e a iniciar uma luta específica. (Gomes, Munanga, 2016, pp.128-133)

Este ponto de vista, evidencia a importância histórica e política das mulheres negras na organização do movimento negro brasileiro, destacando sua resistência frente a uma realidade de dupla opressão: o racismo estrutural e o machismo enraizado na sociedade. Mesmo diante das transformações sociais ocorridas a partir do século XX, a condição da mulher negra permanece marcada pela herança escravocrata, que a relegou a trabalhos precarizados e invisibilizados, como o serviço doméstico e os afazeres de cuidado, funções que ainda hoje refletem desigualdades profundas.

A reflexão proposta pela citação também aponta para a necessidade de uma abordagem interseccional, que considere as especificidades das mulheres negras, muitas vezes negligenciadas tanto pelo movimento feminista majoritariamente branco quanto por setores do movimento negro que não priorizavam as questões de gênero. Essa invisibilização foi determinante para que as mulheres negras organizassem suas próprias lutas, criando coletivos, fóruns e entidades que articulam raça, classe e gênero em suas pautas.

Assim, conclui-se que a trajetória das mulheres negras no Brasil não apenas revela as contradições de uma sociedade desigual, mas também demonstra sua força como agentes de transformação social. Sua mobilização independente e crítica foi fundamental para ampliar as discussões sobre justiça racial e de gênero, pressionando tanto o Estado quanto os movimentos sociais a reconhecerem suas demandas. A luta das mulheres negras, portanto, não é apenas um capítulo essencial na história do movimento negro, mas um eixo central para qualquer projeto de emancipação verdadeiramente inclusivo no Brasil. Enquanto persistirem as opressões estruturais, sua resistência seguirá sendo um farol na busca por equidade e dignidade.

A reflexão sobre as diferenças e as desigualdades sociais nos leva a questionar como estruturas históricas e culturais moldam nossa percepção do outro. Desde cedo, aprendemos a comparar e classificar, mas o problema surge quando essas diferenças são transformadas em hierarquias de valor, especialmente em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural. A citação abaixo, aborda justamente esse processo: como a naturalização da inferiorização do negro, baseada em atributos físicos e na herança africana, é sustentada por uma história de escravidão e pela falta de um enfrentamento efetivo ao racismo após a abolição.

Além disso, discute a complexidade do uso do conceito de "raça" no contexto brasileiro, destacando que sua utilização pelo Movimento Negro e por intelectuais engajados não é uma mera reprodução de categorias biológicas, mas uma ferramenta política para denunciar e combater a desigualdade racial. A discussão nos convida a refletir sobre os significados atribuídos ao termo "raça", seja como instrumento de opressão ou como meio de resistência e reafirmação identitária. Compreender esse debate é essencial para desconstruir o racismo e avançar em direção a uma sociedade verdadeiramente justa e igualitária.

Aprendemos na cultura e na sociedade, a perceber as diferenças, a comparar, a classificar. Se as coisas ficassem só nesse plano, não teríamos tantos complicadores. O problema é que, em variados contextos, também vamos aprendendo a tratar as ditas diferenças de forma desigual. [...]É preciso, portanto, saber em que situação, por que, para que e por quem está sendo utilizado o conceito raça, para distinguir seu significado. Temos que distinguir se a conotação empregada lhe atribui um caráter negativo e racista, ou se está sendo atribuído um caráter positivo para a compreensão da história e o reconhecimento da presença do negro em nossa sociedade. (Gomes, Munanga, 2016, p. 176)

A citação, nos leva a uma reflexão profunda sobre como o racismo se estrutura e se perpetua na sociedade brasileira, indo muito além da simples percepção das diferenças. Ela evidencia que o problema não está em reconhecer a diversidade, mas em transformá-la em justificativa para desigualdades históricas e sistêmicas. A inferiorização do negro, enraizada no passado escravocrata e mantida por uma estrutura social que não enfrentou o racismo de maneira efetiva, ainda hoje determina trajetórias de exclusão e marginalização.

O debate sobre o uso do termo "raça", muitas vezes questionado em favor de conceitos como "etnia", revela sua importância política como ferramenta de denúncia e resistência. Enquanto a sociedade brasileira não desmontar as bases do racismo, substituir palavras não será suficiente para alterar realidades opressoras. É fundamental compreender o contexto em que esses conceitos são utilizados: se para reproduzir hierarquias ou para reafirmar identidades e lutar por justiça social. A superação desse cenário exige mais do que discursos; demanda ações concretas que confrontem o racismo em suas múltiplas dimensões.

Reconhecer a presença e a contribuição negra na formação do Brasil, assim como combater as desigualdades raciais, são passos essenciais para construir uma sociedade verdadeiramente democrática. Enquanto persistirem as estruturas que naturalizam a discriminação, o Movimento Negro e os intelectuais engajados seguirão utilizando a linguagem da "raça" não como uma prisão biológica, mas como um instrumento de libertação. A mudança começa quando entendemos que o problema não está nas diferenças, mas na forma desigual como as tratamos.

A luta por cotas raciais no Brasil emerge em um contexto histórico marcado por profundas desigualdades estruturais, nas quais a população negra, mesmo após a abolição da escravidão, permaneceu à margem dos direitos básicos, como educação e oportunidades no mercado de trabalho. No século XX, especialmente a partir dos anos 1980, o Movimento Negro Brasileiro intensificou sua atuação, defendendo não apenas a democratização do acesso à educação de forma universal, mas também evidenciando que políticas meramente inclusivas não eram suficientes para garantir equidade entre brancos e negros.

Com o tempo, ficou claro que medidas universais, embora necessárias, não corrigiam as disparidades históricas, levando à defesa de ações afirmativas específicas, como as cotas raciais. Essa reivindicação ganhou força no cenário político nacional, articulando-se a outras políticas de reconhecimento, como cotas para pessoas com deficiência e para mulheres na representação política. O ensino superior tornou-se um dos principais campos dessa batalha, impulsionado por dados alarmantes, como os divulgados pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em 2001, que revelavam uma diferença de mais de dois anos de escolaridade entre jovens brancos e negros.

Deste modo, as cotas raciais surgem como uma resposta urgente às desigualdades estruturais, buscando não apenas reparar injustiças históricas, mas também transformar as instituições em espaços mais plurais e representativos. Esta discussão, longe de se restringir à educação, reflete um debate mais amplo sobre justiça social e a necessidade de democratização efetiva em todas as esferas da sociedade brasileira.

No cenário político nacional, o discurso sobre cotas raciais realizado pelo Movimento Negro não é algo tão estranho e vem abrangendo outros segmentos e grupos. Ele se dá em conjunto com outras políticas de reconhecimento, como as cotas para os portadores de necessidades especiais em empresas estatais, e para mulheres nos partidos políticos e em cargos de representação pública. Não se limita tampouco a vagas nos cursos superiores. O mercado de trabalho também é um setor da nossa sociedade que tem sido alvo da luta pelas cotas raciais, demandada pelo Movimento Negro. (Gomes, Munanga, 2016, pp. 192-193)

A reivindicação por cotas raciais no Brasil surge como uma resposta necessária às persistentes desigualdades que marginalizam a população negra, mesmo após décadas de políticas educacionais de caráter universal. O Movimento Negro Brasileiro, desde os anos 1980, evidenciou que a simples ampliação de vagas no ensino superior não garantia equidade, uma vez que as barreiras históricas, sociais e econômicas continuavam a excluir negros e negras de forma desproporcional.

A implementação de ações afirmativas, como as cotas, representa, portanto, um passo fundamental no enfrentamento do racismo estrutural, buscando reparar séculos de exclusão e

promover justiça social. Os dados do Ipea, que revelam uma diferença de mais de dois anos de escolaridade entre jovens brancos e negros, comprovam a urgência dessas medidas. No entanto, a luta não se limita à educação: o mercado de trabalho, a representação política e outros setores da sociedade também exigem políticas de inclusão racial. As cotas, nesse sentido, não são um fim em si mesmas, mas um mecanismo transitório para acelerar a democratização efetiva de espaços historicamente elitizados.

Embora as cotas raciais ainda enfrentem resistências, sua expansão nas universidades e em outras esferas demonstra avanços significativos na construção de uma sociedade mais justa e plural. O desafio, agora, é consolidar e ampliar essas conquistas, garantindo que o combate ao racismo e à desigualdade permaneça como prioridade nas políticas públicas brasileiras. Assim, as cotas se afirmam não apenas como uma reparação histórica, mas como um instrumento essencial para a real democratização do país.

No Brasil, a cor da pele ainda determina, de forma cruel e sistemática, o lugar que cada indivíduo ocupa na sociedade. Ser negro significa, em média, ter menos acesso à educação, salários mais baixos, oportunidades profissionais reduzidas e uma expectativa de vida menor. Significa estar mais sujeito à violência urbana, ao encarceramento em massa e à exclusão dos espaços de poder. No entanto, apesar dessa realidade incontestável, persiste no país um discurso que atribui essas desigualdades a meras diferenças socioeconômicas, negando o peso decisivo do racismo na perpetuação dessas injustiças.

Essa negação não é casual: ela é herança direta de um sistema escravocrata que, mesmo após a abolição formal em 1888, manteve a população negra à margem, sem acesso à terra, educação ou reparação histórica. Em vez de integrar os ex-escravizados, o Estado brasileiro optou por substituí-los por mão de obra imigrante, relegando os negros a subempregos e condições precárias de vida. Hoje, esse passado se reflete em um racismo estrutural que insiste em se camuflar sob o mito da "democracia racial", dificultando o reconhecimento do problema e a implementação de políticas afirmativas eficazes. Enquanto o racismo for tratado como uma questão secundária ou mera consequência de outras desigualdades, as mudanças necessárias continuarão sendo adiadas.

Nossa intenção ao fazer essa discussão é expor como a negação do racismo no Brasil não apenas mascara a realidade, mas também sustenta um sistema de exclusão que precisa ser urgentemente enfrentado para que o país possa superar suas profundas disparidades. Enquanto o racismo for tratado como uma questão secundária ou mera consequência de outras desigualdades, as mudanças necessárias continuarão sendo adiadas.

No Brasil, ser negro significa ser mais pobre do que o branco, ter menos escolaridade, receber salário menor, ser mais rejeitado pelo mercado de trabalho, ter menos oportunidades de ascensão profissional e social, dificilmente chegar à cúpula do poder público e aos postos de comando da iniciativa privada, estar entre os principais ocupantes dos subempregos, ter menos acesso aos serviços de saúde, ser vítima preferencial da violência urbana, ter mais chances de ir para a prisão, morrer mais cedo.[...] Eles não ganharam terra nem escola, apesar de parlamentares terem apresentado projetos de lei nesse sentido. Tampouco prosperaram os planos de indenizá-los pelos anos de cativeiro. Restringiram-lhes até mesmo o trabalho. Para as plantações de café e as primeiras indústrias, o governo preferiu incentivar a imigração de trabalhadores da Europa e da Ásia. (Westin, Agência Senado, 2020)

A realidade descrita na citação evidencia que o racismo no Brasil não é um problema do passado, mas uma estrutura viva que continua a determinar o lugar social da população negra. As desigualdades econômicas, educacionais e de oportunidades não são fruto do acaso ou de uma "natural" disparidade social, mas consequência direta de quase quatro séculos de escravidão e de um pós-abolição que abandonou os negros à própria sorte, sem reparação, terra, educação ou acesso digno ao trabalho.

A negação desse racismo estrutural muitas vezes mascarado pelo mito da democracia racial é o que permite sua perpetuação. Ao tratar as desigualdades como meras diferenças socioeconômicas, ignora-se que elas são, na verdade, produto de um sistema que historicamente reservou aos negros os piores lugares na sociedade. Essa postura negacionista também se reflete na resistência a políticas afirmativas, como cotas raciais e demarcação de terras quilombolas, que buscam corrigir, ainda que parcialmente, séculos de exclusão.

Superar esse cenário exige mais do que reconhecer o racismo: é preciso enfrentá-lo com medidas concretas que promovam equidade e justiça reparadora. Enquanto o Brasil não encarar seu passado escravocrata e suas consequências no presente, a população negra continuará sendo vítima preferencial das violências sociais, econômicas e institucionais. A transformação só virá quando assumirmos coletivamente que o racismo existe, que ele molda nossa sociedade e que combatê-lo não é um favor, mas uma obrigação histórica para a construção de um país verdadeiramente democrático.

A luta contra o racismo no Brasil é, sem dúvida, uma das mais antigas e persistentes. Desde os tempos da escravidão, quando milhões de africanos foram trazidos para o país e privados de sua liberdade e humanidade, a resistência negra nunca cessou. Quilombos foram formados como espaços de fuga e resistência ao sistema colonial escravagista, e ao longo dos séculos, inúmeras figuras negras se destacaram na busca pela liberdade, igualdade e justiça social. A população negra, que foi o alicerce da economia colonial e das grandes riquezas do Brasil, sempre enfrentou a discriminação racial de forma estrutural. Embora a abolição da escravatura tenha sido um marco importante, não houve um processo efetivo de integração dos negros à sociedade brasileira. (Instituto Benjamin Constant; 2024)

A longa trajetória de resistência negra no Brasil, desde os quilombos coloniais até as mobilizações contemporâneas, revela uma verdade fundamental: o racismo não é um desvio no

projeto nacional, mas sim um alicerce estrutural de nossa sociedade. A abolição inacabada de 1888, que libertou os corpos, mas não lhes garantiu cidadania, criou as bases para um racismo que se adapta e persiste, assumindo novas roupagens em cada era, mas mantendo intacta sua essência excludente.

Os desafios atuais da violência institucional à desigualdade econômica, da sub-representação política aos estereótipos culturais, comprovam que o racismo brasileiro é um sistema sofisticado de manutenção de privilégios. Isso nos confronta com perguntas incômodas: até quando aceitaremos que a maioria da população viva em condições de subcidadania? Quantas gerações ainda precisarão esperar por justiça? A luta antirracista se revela, portanto, não como um movimento setorial, mas como o projeto mais urgente para a verdadeira democracia brasileira.

Trata-se de uma luta que exige de todos nós, negros e não negros, o reconhecimento da existência dos privilégios estruturais, que busquemos estratégias para a implementação de políticas reparatórias efetivas e, sobretudo, que tenhamos a coragem de desmontar diariamente as engrenagens desse sistema perverso. Só assim poderemos honrar os que resistiram no passado e garantir um futuro onde a igualdade racial deixe de ser utopia para se tornar realidade vivida.

Enquanto o racismo existir, nenhum brasileiro poderá dizer-se verdadeiramente livre, porque nossa liberdade só será plena quando deixar de ser um privilégio de pele para se tornar um direito inalienável de todos. São esses questionamentos e a vivência na escola que nos motivaram a propor uma intervenção pedagógica, aplicada e validada na escola, que favoreça a discussão de situações que são postas cotidianamente na rotina escolar e que, na maioria das vezes, são normalizadas e mascaradas pela existência do racismo estrutural. Nossa Sequência Didática visa tratar essa temática tão cara e necessária para que nos reconheçamos enquanto povo e que nossa identidade reflita as diferenças e as inclua.

Diante desse cenário, este trabalho busca contribuir para a construção de uma educação antirracista e inclusiva, oferecendo uma reflexão crítica sobre a importância da valorização da identidade afro-brasileira no contexto escolar. Com base nas discussões teóricas sobre o racismo estrutural e as manifestações do movimento antirracista no Brasil, apresentadas nos capítulos anteriores, criamos um arcabouço para a Sequência Didática que será apresentada no próximo capítulo. Por meio dessa sequência, objetivamos não apenas combater o racismo e a discriminação racial, mas também fomentar um ambiente escolar mais reflexivo, acolhedor e respeitoso, onde as diferenças sejam celebradas e valorizadas.

2.6 A EMERGÊNCIA DO DEBATE RACIAL NA REDEMOCRATIZAÇÃO: O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO (TEN), O MOVIMENTO NEGRO E A LUTA POR REPRESENTAÇÃO

No Brasil dos anos 1940, enquanto o país vivia transformações políticas e sociais importantes, a população negra organizava-se em busca de participação e reconhecimento. Clubes recreativos, associações culturais e grupos de militância surgiam em várias cidades, unidos pelo desejo de integrar-se à vida nacional e, ao mesmo tempo, combater o preconceito racial que ainda marcava forte presença na sociedade. Foi nesse contexto que nasceu, em 1944, o Teatro Experimental do Negro (TEN), idealizado por Abdias do Nascimento⁵. Antes mesmo de criar o TEN, já militava na Frente Negra Brasileira e denunciava as desigualdades raciais em artigos e conferências. Sua experiência nos Estados Unidos, onde teve contato com intelectuais e artistas negros, também influenciou sua visão sobre a importância da arte como instrumento de emancipação.

O TEN não era apenas mais um grupo teatral. Sua proposta era usar a arte como ferramenta de transformação social, oferecendo espaço e formação para atores e atrizes negros que até então eram excluídos dos palcos ou reduzidos a papéis humilhantes e estereotipados. Abdias acreditava que, ao ocupar os palcos com dignidade e competência, os artistas negros estariam não apenas fazendo teatro, mas também afirmando sua humanidade e combatendo o racismo na prática. O movimento foi além do teatro. Promoveu concursos de beleza negra⁶ para desafiar os padrões europeus dominantes, ofereceu cursos de alfabetização⁷ e estimulou debates sobre a situação da população negra no país. Tudo isso num período em que muitos ainda acreditavam no mito da democracia racial, ou seja, na falsa ideia de que no Brasil não existia

⁵ Abdias do Nascimento (1914-2011) foi um intelectual, ativista e artista afro-brasileiro fundamental para o movimento negro, conhecido por fundar o Teatro Experimental do Negro, por suas obras sobre racismo (como "O Genocídio do Negro Brasileiro") e por ser pioneiro na luta por políticas de igualdade racial, sendo também deputado, senador e professor, com uma forte atuação pan-africanista. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Abdias_do_Nascimento.

⁶ Além da atuação nos palcos, o TEN assumiu uma postura política, criando entidades como a Associação das Empregadas Domésticas e o Conselho Nacional de Mulheres Negras. Publicou o jornal *Quilombo*, que denunciava a discriminação racial em todo o Brasil e dava notícias e informações sobre cultura negra no mundo. Combateu o padrão eurocentrista de beleza dos concursos de Miss Brasil, realizando concursos de beleza para mulheres negras. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_Experimental_do_Negro.

⁷ Este projeto disponibilizou a seus membros cursos de alfabetização e de iniciação à cultura geral, além do de noções de teatro e interpretação, mesclando aulas, debates e exercícios práticos, e contando com a contribuição dos professores Rex Crawford, Maria Yeda Leite e José Carlos Lisboa, do poeta José Francisco Coelho e do escritor Raimundo Souza Dantas, que ajudavam o grupo em formação por meio de palestras. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/teatro-experimental-do-negro-ten>

racismo. Abdias do Nascimento foi um dos primeiros a denunciar publicamente essa mentira, mostrando como a discriminação racial estava presente em todos os aspectos da vida nacional.

O TEN revelou talentos que marcaram a cultura brasileira. Ruth de Souza, que enfrentou barreiras para se consagrar no teatro e no exterior, Grande Otelo, cuja genialidade ia muito além dos papéis que lhe ofereciam, Léa Garcia, Aguinaldo Camargo e Haroldo Costa são alguns dos nomes que passaram pelo movimento e construíram trajetórias importantes, sempre com o incentivo e a visão de Abdias.

Mais do que formar artistas, o Teatro Experimental do Negro deixou um legado profundo. Mostrou que a arte podia ser instrumento de cidadania, que a população negra tinha muito a contribuir intelectual e artisticamente, e que a luta contra o racismo precisava ocupar todos os espaços da sociedade. Abdias do Nascimento levou essa mensagem adiante por toda sua vida, atuando como deputado federal, senador e criador do Memorial Zumbi, sempre defendendo políticas de reparação e valorização da cultura afro-brasileira. Hoje, quando se fala em representatividade, ações afirmativas e valorização da cultura afro-brasileira, é preciso lembrar que Abdias do Nascimento e o TEN abriram esse caminho há oitenta anos. Seu exemplo continua vivo sempre que a arte e a resistência caminham juntas.

Em vários estados do país, proliferaram organizações negras de diferentes aspectos: cultural, político, recreativo, intelectual e literário. Esse movimento em prol da participação do povo na vida nacional acontecia de uma maneira geral na sociedade brasileira, e o segmento negro da população acompanhava todo esse processo, enfatizando a dimensão racial e a luta contra o preconceito e a discriminação. Através do Teatro Experimental do Negro (TEN) a sociedade e as artes cênicas conheceram atores e atrizes negras competentes, expressivos e talentosos. Alguns são mais conhecidos do grande público e outros são nomes cujo talento é reconhecido dentro do circuito artístico e por pessoas da geração do TEN. Vamos citar alguns: Aguinaldo Camargo, Grande Otelo, Ruth de Souza, Haroldo Costa, Lea Garcia, Abdias do Nascimento, entre outros. (Gomes, Munanga, 2016. pp.123-124)

O Teatro Experimental do Negro (TEN)⁸ surgiu em um contexto de efervescência das organizações negras no Brasil do pós-guerra, mas sua originalidade reside na forma como articulou política e estética. Mais do que um coletivo artístico, o TEN funcionou como um laboratório de cidadania: ao mesmo tempo em que levava atores negros aos palcos, promovia

⁸ O Teatro Experimental do Negro (TEN) surgiu em 1944, no Rio de Janeiro, como um projeto idealizado por Abdias Nascimento (1914-2011), com a proposta de valorização social do negro e da cultura afro-brasileira por meio da educação e arte, bem como com a ambição de delinear um novo estilo dramático, com uma estética própria, não uma mera recriação do que se produzia em outros países. Disponível em <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/teatro-experimental-do-negro-ten>

alfabetização, concursos de beleza negra e debates sobre o lugar da população afro-brasileira na sociedade. Personalidades como Ruth de Souza⁹, Grande Otelo¹⁰, Léa Garcia e Haroldo Costa não foram apenas artistas revelados pelo movimento. Eles representaram, cada um a seu modo, uma ruptura com os papéis subalternos que a dramaturgia brasileira reservava às pessoas negras. Ruth de Souza, por exemplo, precisou enfrentar as barreiras dos teatros para construir uma carreira internacional, enquanto Grande Otelo transcendia, com seu talento, as tentativas de reduzi-lo a estereótipos.

O legado do TEN, no entanto, vai além das trajetórias individuais. O movimento deixou marcas profundas na forma como o Brasil passou a discutir raça e representação. Ao questionar a idealização da democracia racial e ao ocupar espaços historicamente negados à população negra, o grupo abriu caminho para que, décadas depois, pudéssemos ter um cinema negro, uma literatura afro-brasileira consolidada e políticas de ação afirmativa. Compreender o TEN é, portanto, entender que a luta antirracista no Brasil sempre esteve acompanhada de produção intelectual e artística de alto nível.

Essa memória ganha contornos ainda mais significativos quando transportada para o presente. A valorização do cabelo afro, dos penteados tradicionais e da estética negra nas escolas como na E.C.I. Sólton de Lucena não é um modismo passageiro. Trata-se de um desdobramento direto daquela "gramática visual" insurgente que o TEN inaugurou nos anos 1940. Se nos palcos o corpo negro reivindicava protagonismo, nas salas de aula de hoje ele continua a disputar narrativas, desnaturalizar preconceitos e afirmar identidades. Pensar uma Sequência Didática que parta dessa memória é, antes de tudo, um ato de continuidade. É transformar o espaço escolar em um novo palco onde cada estudante possa se reconhecer como herdeiro de uma história de resistência e, ao mesmo tempo, como autor de sua própria história.

⁹ Ruth Pinto de Souza (Rio de Janeiro, 12 de maio de 1921 — Rio de Janeiro, 28 de julho de 2019) foi uma atriz brasileira. Considerada uma das grandes damas da dramaturgia brasileira e a primeira grande referência para artistas negros na televisão por seus papéis notáveis. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ruth_de_Souza.

¹⁰ Sebastião Bernardes de Souza Prata, OMC (Uberlândia, 18 de outubro de 1915 – Roissy-en-France, 26 de novembro de 1993), mais conhecido como Grande Otelo, foi um proeminente e multifacetado ator, comediante, cantor, produtor e compositor brasileiro. Considerado um dos maiores ícones da cultura popular brasileira do século XX, Otelo transcendeu os palcos dos cassinos cariocas e do efervescente teatro de revista para se consagrar no cinema e na televisão, marcando sua presença indelével na história do entretenimento nacional. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Otelo

CAPITULO 3- TECENDO IDENTIDADES EM SALA DE AULA

3.1 IMPLEMENTAÇÃO E ANÁLISE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O espaço escolar, enquanto espelho da sociedade, não está imune às suas mazelas. Nele, reproduzem-se cotidianamente formas de violência e discriminação que atingem, sobretudo, grupos historicamente marginalizados. Entre essas manifestações, o racismo e a discriminação racial emergem como desafios urgentes a serem enfrentados pela educação, manifestando-se de maneira particularmente cruel através de ataques à estética e identidade negras. O cabelo afro é alvo constante de comentários depreciativos, piadas e até mesmo medidas disciplinares que violam a integridade dos estudantes.

É neste contexto que o presente trabalho de intervenção se insere, propondo e analisando a aplicação de uma Sequência Didática voltada para o combate ao racismo e a discriminação racial, com foco central na valorização do cabelo afro como símbolo de identidade e resistência. Partindo do pressuposto de que a escola não pode ser um espaço de neutralidade, consideramos que ela deve atuar de forma ativa e intencional como um agente de transformação social, promovendo uma educação antirracista que dialogue com a história e a cultura afro-brasileira.

Para além de uma discussão pontual, esta intervenção busca ancorar a luta contemporânea pela aceitação da estética negra em suas bases históricas. Para isso, recuamos à década de 1970, um período fundamental de rearticulação e empoderamento da comunidade negra no Brasil. Neste capítulo, será apresentada a concepção, implementação e análise crítica dessa Sequência Didática, detalhando as estratégias pedagógicas que utilizaram o legado dos movimentos negros dos anos 1970, a atuação do Movimento Negro Unificado (MNU) e a influência do Black Power, como fio condutor para discutir autoestima, orgulho étnico-racial e resistência política com os alunos.

O objetivo central foi não apenas informar, mas proporcionar uma experiência de aprender e fazendo, onde os estudantes pudessem reconhecer a potência de sua herança cultural, entender a dimensão política por trás de uma textura capilar e, assim, desconstruir preconceitos internalizados e fortalecer sua autoimagem. A expectativa é contribuir para práticas educativas verdadeiramente comprometidas com a equidade e o respeito à diversidade.

A Sequência Didática foi elaborada com base em uma abordagem interdisciplinar, envolvendo aulas expositivas, rodas de conversa, análise de documentários e músicas, discussões em grupo e debates. O trabalho foi desenvolvido em 10 aulas, com atividades

práticas e reflexivas que visaram promover a conscientização e a valorização da identidade negra. As perguntas e atividades propostas foram elaboradas com base nas pesquisas e reflexões realizadas nesses capítulos, visando criar uma conexão direta entre a teoria e a prática.

Dessa forma, buscamos proporcionar aos estudantes uma experiência de aprendizagem (quadro 1) significativa, que os permitisse não apenas entender os conceitos, mas também refletir criticamente sobre a realidade e desenvolver uma consciência mais profunda sobre as questões de discriminação e racismo.

Quadro 1 – Sequência de Aprendizagem (continua)

Sequência Didática	
Público: Estudantes do 8º Ano do Ensino Fundamental II	
Duração: 9 aulas de 50 minutos cada	
Período de Desenvolvimento: 1º, 2º e 3º períodos (fevereiro a outubro de 2025)	
Objetivos Geral: Analisar o cabelo afro como símbolo de resistência cultural e política no contexto escolar. Específicos 1. Contextualizar os movimentos negros da década de 1930 e de 1970 no Brasil. 2. Refletir sobre o papel da música como forma de resistência e expressão cultural. 3. Desenvolver a valorização da diversidade racial e a conscientização antirracista no espaço da escola. 4. Avaliar o impacto da sequência didática no espaço escolar.	
Metodologia - Aulas expositivas e dialogadas. - Rodas de conversas - Análise de documentário e músicas. - Discussões em grupo e debates.	
Recursos Didáticos: - Documentário: "<i>Cabelo Bom</i>" - Vídeo da década de 1970 com Gilberto Gil - Vídeos curtos sobre as cotas raciais e bancas de heteroidentificação - Imagens de personalidades negras da década de 1970 - Músicas: - "<i>Sarará Miolo</i>" de Gilberto Gil - "<i>A Carne</i>" com Elza Soares - Textos sobre os Movimentos Negros da Década de 1970 que analisam o contexto e impacto dos movimentos negros na sociedade brasileira e o cabelo afro. - Sala de informática para pesquisa. - Materiais artísticos: papel, canetas, revistas, cola, cartolina, etc.	
Avaliação - Observação do engajamento dos alunos nas discussões e atividades. - Trabalhos escritos e apresentações. - Produção de desenhos e pinturas referentes ao tema - Autoavaliação dos estudantes sobre o aprendizado e a relevância do tema.	
Aula 1: Introdução ao Tema	- Atividade de sondagem - Apresentar o tema e identificar os conhecimentos prévios dos estudantes. Atividade 1: Apresentação do documentário: "<i>Cabelo Bom</i>". Atividade 2: Roda de conversa com perguntas reflexivas.

Quadro 1 -Sequência de Aprendizagem (Conclusão)

Aula 2: Movimentos Negros da Década de 1970. (Atividades desenvolvidas em 2 aulas).	- Introduzir o cenário político e social do Brasil nos anos 1970. Atividade 1: Exposição dialogada sobre o Movimento Negro Unificado (MNU) e a luta contra o racismo estrutural. Atividade 2: Pesquisa na sala de informática com o link disponibilizado: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56670268 Atividade 3: Leitura coletiva de um texto sobre os movimentos negros da época. Atividade 4: Roda de conversa com perguntas reflexivas. Atividade 4: Atividade diagnóstica.
Aula 3: Música “Sarará Miolo” de Gilberto Gil.	- Introduzir a discussão sobre fonte histórica: música e história. - Utilizar a música no ensino de história como instrumento de resistência cultural. Atividade 1: Audição da música em sala de aula. Atividade 2: Leitura coletiva da letra, destacando palavras ou frases que se relacionem com o cabelo afro e a resistência cultural. Atividade 3: Debate: O que a música sugere sobre padrões de beleza e identidade racial?
Aula 4: Vídeo com Gilberto Gil	Atividade 1: Exibição de vídeo da década de 1970 com Gilberto Gil Atividade 2: Debate em grupo - Percepção sobre a estética de Gilberto Gil naquele período. Atividade 3: atividade escrita com perguntas reflexivas.
Aula 5: Música “A Carne”	Atividade 1: Audição da música, cantada por Elza Soares Atividade 2: Roda de conversa e atividade de sondagem.
Aula 6: Cotas Raciais e Bancas de Heteroidentificação	Atividade 1: Vídeos curtos sobre o tema. Atividade 2: Roda de conversa e atividade de sondagem.
Aula 7: Oficina Criativa	- Expressar a aprendizagem por meio de produções artísticas. Atividade 1: Produção de cartazes, colagens ou desenhos que representem o cabelo afro como símbolo de resistência. Atividade 2: Os cartazes devem incluir frases inspiradas na música “Sarará Miolo” e nas discussões anteriores.
Aula 8: Apresentação dos resultados	Apresentação das produções: compartilhar as produções artísticas e digitais criadas pelos estudantes. Atividade 1: Apresentação dos cartazes e relatórios digitais na sala. Atividade 2: Discussão coletiva sobre as mensagens transmitidas pelas produções Atividade 3: Discussão final guiada por perguntas reflexivas.
Aula 9: Avaliação	Atividade: Auto avaliação escrita

Autoria própria (2025)

3.2 RAÍZES E CRESPOS: NARRATIVAS DE EMPODERAMENTO ATRAVÉS DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A sequência didática aqui apresentada foi concebida como um convite sensível e potente à valorização das identidades negras no espaço escolar. Mais do que uma simples proposta de intervenção pedagógica, ela constitui um percurso didático intencional, voltado a explorar, com profundidade e sensibilidade, a força transformadora da cultura afro-brasileira e o poder simbólico do cabelo crespo como expressão de identidade, resistência e luta social.

Em uma sociedade onde os padrões estéticos hegemônicos, marcadamente eurocentrados, insistem em invisibilizar e inferiorizar traços fenotípicos negros, o ato de resgatar, valorizar e afirmar a história, a beleza e o significado dos cabelos crespos torna-se, simultaneamente, um gesto político e uma prática pedagógica emancipadora.

Essa proposta não se restringe à discussão da estética como forma superficial de expressão. Pelo contrário, ela propõe uma imersão nas camadas profundas de significados culturais, históricos e afetivos que envolvem o corpo negro, especialmente o cabelo crespo. Trata-se de um exercício de escuta e de diálogo com narrativas que celebram a ancestralidade africana, denunciam o racismo estrutural e promovem o autorreconhecimento como direito e como estratégia de sobrevivência. Ao abordar o cabelo crespo como símbolo de dignidade e herança cultural, foi aberto um espaço para que os estudantes compreendessem que a valorização da estética negra é, também, valorização da própria história.

Ao longo das atividades que incluíram leitura de textos, escuta de músicas, rodas de conversa e debates mediados os estudantes foram desafiados a refletir criticamente sobre como o corpo negro, especialmente o cabelo crespo, tem sido historicamente controlado, silenciado e estigmatizado. E, ao mesmo tempo, como ele se tornou instrumento de resistência, orgulho e resistência. Cada fio, cada cacho, carrega consigo memórias coletivas de lutas, afetos e pertencimentos. Desde os tempos de escravidão, quando o cabelo era escondido ou raspado à força, até as conquistas simbólicas do movimento negro contemporâneo, o cabelo crespo se ergue como um verdadeiro manifesto de liberdade.

Cada etapa desta sequência didática foi cuidadosamente pensada para fortalecer a autoestima dos estudantes, ampliar a empatia dos colegas e fomentar uma cultura escolar baseada no respeito à diversidade e na valorização das múltiplas identidades que coexistem no ambiente educativo. A educação antirracista começa por reconhecer a presença e a importância dos saberes e das experiências negras como parte constitutiva da nossa formação cultural e social.

Que possamos, juntos e juntas, dentro e fora da sala de aula, desembaraçar não apenas os fios, mas também os preconceitos e estereótipos enraizados em nossa sociedade. Que cada criança ou jovem negro possa olhar para si com orgulho, reconhecendo-se como parte de uma história rica, diversa e potente. Desembaraçar os fios dos crespos é, simbolicamente, desatar os nós da opressão histórica. Cada cabelo crespo natural que se ergue é um grito silencioso de liberdade, um monumento vivo de resistência, e uma celebração de uma ancestralidade que nunca se calou e que agora ecoa com ainda mais força nas escolas, nos territórios, nas narrativas e nos afetos.

3.2.1 Aula 1 Racismo no ambiente escolar: reconhecimento, resistência e representação - atividade com o documentário “Cabelo bom”.

A atividade foi realizada com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental com o objetivo de promover reflexões sobre o racismo estrutural no ambiente escolar, especialmente no que diz respeito à estética, à identidade e à valorização do cabelo crespo. A proposta teve como ponto de partida a exibição do documentário *Cabelo Bom*, dirigido por Katia Lund e Luciana Bezerra, que aborda, de forma sensível e acessível, as vivências de crianças negras com seu cabelo e o preconceito sofrido no cotidiano.

Após assistirem ao documentário, os alunos participaram de uma roda de conversa (figura 1) na qual compartilharam experiências pessoais, identificaram semelhanças com os relatos apresentados e discutiram sobre como o racismo se manifesta, muitas vezes de maneira velada, no ambiente escolar. Foram abordadas questões como bullying, padrões de beleza impostos, autoestima e o impacto das palavras e atitudes no desenvolvimento identitário de crianças e adolescentes negros.

Utilizamos as seguintes perguntas para nortear o debate: Você já presenciou ou viveu alguma situação de preconceito por causa do cabelo no ambiente escolar? Como o documentário retrata a relação das crianças com seu cabelo? Em que isso se parece ou difere da sua realidade? Por que o cabelo crespo ou afro ainda é alvo de discriminação? O que podemos fazer, como colegas e como escola, para combater o racismo e valorizar a diversidade? Qual a importância de se reconhecer e valorizar a própria identidade?



Figura 1 Roda de conversa

A atividade teve como objetivo central estimular o respeito à diversidade, o reconhecimento das múltiplas formas de ser e existir, e o fortalecimento da autoestima dos alunos. A partir desse debate, foi possível iniciar um processo de conscientização coletiva sobre a importância de combater o racismo nas suas formas sutis e explícitas, construindo um ambiente escolar mais acolhedor, plural e antirracista.

3.2.3 Aula 2 Movimento negro na década de 1970: leitura e pesquisa digital para compreensão histórica e identitária (Atividades desenvolvidas em 2 aulas)

Inicialmente, observou-se que a maioria dos estudantes apresentava um significativo desconhecimento a respeito da existência e da importância dos movimentos negros organizados no Brasil. Muitos deles não tinham sequer ouvido falar sobre a atuação dessas organizações na luta por direitos, reconhecimento e igualdade racial no país. Esse desconhecimento revela o silenciamento histórico que ainda persiste em grande parte do currículo escolar tradicional, onde a contribuição da população negra costuma ser reduzida à escravização e à marginalização.

No entanto, ao longo da atividade proposta, foi possível perceber uma mudança significativa na percepção dos alunos. A partir do contato com textos, imagens e debates, eles passaram a compreender a relação direta entre o contexto de repressão política vivido especialmente durante a ditadura militar e a coragem dos movimentos negros em se organizar e resistir. Tornou-se mais claro para os estudantes que essas organizações não apenas

denunciavam as violências raciais, mas também lutavam por transformações concretas, como a implementação de políticas públicas afirmativas a exemplo da Lei nº 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas.

Dentre os diversos temas abordados, o ponto de maior impacto emocional e reflexivo foi, sem dúvida, a discussão sobre o cabelo crespo e cacheado como símbolo de resistência e identidade. A abordagem histórica, associada a vivências pessoais, conferiu um novo significado a uma característica física muitas vezes alvo de preconceito. Ao relacionar o cabelo à trajetória de luta e valorização da identidade negra, muitos estudantes passaram a enxergar seus próprios corpos como territórios de afirmação e continuidade histórica. Relatos como “Eu não sabia que deixar o cabelo cacheado solto era uma forma de continuar uma luta que começou há décadas” foram recorrentes durante a roda de conversa que encerrou a atividade.

Estudantes negros, em particular, expressaram um sentimento renovado de orgulho e pertencimento, demonstrando maior segurança para falar sobre suas experiências e fortalecer suas identidades. Já entre os estudantes não negros, foi notável o surgimento de uma escuta mais empática e uma maior compreensão sobre as formas de racismo enfrentadas por seus colegas, especialmente no que diz respeito às chamadas microagressões, como comentários pejorativos, piadas ou “brincadeiras” sobre cabelo e aparência.

A atividade funcionou, assim, como um verdadeiro catalisador para o desenvolvimento de uma consciência racial crítica entre os alunos. A partir dela, começaram a identificar, problematizar e nomear situações de racismo que antes passavam despercebidas ou eram naturalizadas no cotidiano escolar. Essa conscientização inicial é fundamental para a construção de uma postura antirracista, tanto individual quanto coletiva, no ambiente educacional.

É importante destacar que, apesar da relevância e potência da atividade, apenas nove estudantes estiveram presentes no dia de sua realização, em uma turma composta por quinze alunos no total, por motivações diversas, mas não relacionadas à aula. Ainda assim, o impacto nos presentes foi profundo, o que reforça a importância de continuar promovendo experiências pedagógicas que valorizem a história e a cultura afro-brasileira de forma contínua, sensível e crítica.

A atividade foi realizada em duas aulas de História, que tiveram início na sala de informática, com os estudantes pesquisando por meio de um link disponibilizado: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56670268> e, em seguida, foi realizada a leitura em sala de aula.



Figura 2 Sala de informática. Fonte: Autoria própria

A atividade teve como foco principal a leitura e análise de um texto sobre os movimentos negros no Brasil na década de 1970, com o objetivo de proporcionar aos alunos uma compreensão mais profunda sobre a luta da população negra durante esse período.

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56670268>

Por que o cabelo é tão importante no movimento negro

Antes de serem traficados e enviados para as Américas, muitos africanos carregavam na cabeça um símbolo que ia além da estética: o cabelo.

A forma, o corte e os adereços podiam representar origens, etnias, religiões, status social. Mas já no caminho para as colônias americanas, entre elas o Brasil, essa relação era rompida. Ao expor as condições de um navio negreiro na famosa gravura *Negros no Fundo do Porão*, o pintor alemão Johann Moritz Rugendas retratou homens e mulheres amontoados, algemados e nus - muitos sem cabelo ou com ele bem curto.

No registro dos livros *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, de Gilberto Freyre, e *Ser Escravo No Brasil*, de Kátia Mattoso, são relatadas as cabeças forçadamente raspadas dos africanos no momento em que eram oferecidos à venda para os senhores de engenho.

"Buscavam minar qualquer tipo de pertencimento étnico e identificação que eles pudessem ter uns com os outros a partir do cabelo", explica a socióloga Anita Pequeno Soares, pesquisadora da relação entre o cabelo e negritude na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

"Há relatos de que a raspagem do cabelo era parte importante desse processo de subjugar a população negra, principalmente homens, o que acarretava sérios problemas, porque o cabelo protege o couro cabeludo num trabalho sob sol escaldante. As sinhás, com ciúmes de mulheres violentadas pelos homens brancos, também usavam a raspagem como prática de tortura".

Além da violência, a associação da estética dos africanos a algo primitivo e distante de ideias europeias de beleza e humanidade foi uma prática recorrente durante o colonialismo.

Uma das histórias mais chocantes e ilustrativas é de Sarah Baartman, levada da África do Sul ao Reino Unido para aparecer em espetáculos de circo.

Considerada por muitos como símbolo da exploração e do racismo colonial, bem como da ridicularização das pessoas negras, muitas vezes representadas como objetos ou animais, ela morreu após passar anos sendo exibida em feiras de "fenômenos bizarros humanos".

Seu cérebro, esqueleto e órgãos sexuais continuaram sendo exibidos em um museu de Paris até 1974. Os restos mortais só retornaram à África em 2002, após a França concordar com um pedido feito por Nelson Mandela.

"O discurso racista é pautado na negação da humanidade das pessoas negras. A beleza é parte da humanidade, ser considerado belo é parte de ser considerado gente. Isso faz para do mesmo enredo que associou negros e negras à animalidade, à natureza, como Baartman, mais comparada a macacos que seres humanos", ressalta Soares.

Cabelo como orgulho

Na história das Américas, o movimento negro tentou por diversas vezes romper com um sistema que durante séculos estigmatizou (e ainda estigmatiza) as características físicas dos negros - entre elas, uma das mais representativas é o cabelo.

O assunto ganhou ampla discussão no Brasil em 2021 após um episódio no programa Big Brother Brasil, da TV Globo, em que o cantor Rodolfo comparou o cabelo do professor João Luiz a uma peruca de homens das cavernas.

Um dos marcos identificados pela socióloga nessa busca pela valorização da estética negra é o movimento rastafári.

Nos anos 1930, um grupo de jamaicanos passou a acreditar que a coroação de Ras Tafari (o imperador etíope Haile Selassie) era o cumprimento de uma profecia e que ele era o messias.

Eles acreditavam que seriam libertados pelo imperador, que os tiraria da pobreza no Caribe e os levaria à África, a terra dos seus antepassados e um centro espiritual.

Porém, além da conotação religiosa, o movimento rasta se respaldou na estética, como as roupas coloridas e os cabelos com dreadlocks, popularizados pelo seu seguidor mais famoso, o cantor Bob Marley.

Outro marco nessa tentativa de olhar diferente para a beleza dos descendentes dos africanos escravizados foi o movimento Negritude, também nos anos 1930, promovido pelo escritor e político francês nascido na ilha caribenha de Martinica Aimé Césaire e pelo escritor e político senegalês Léopold Senghor.

Em suas obras, há uma exaltação da "raça negra": "Buscaram valorizar raízes africanas, olhar para a África com nova perspectiva, diferente da europeia, que colocava a África como a negação da beleza", diz Soares.

'Black is beautiful'

Em 1858, em Boston, o abolicionista americano John Swett Rock fez um dos primeiros discursos conhecidos que exaltavam as características físicas dos negros.

"Quando eu comparo o sistema muscular mais forte, a bela, rica cor, os traços largos e o cabelo graciosamente frisado do negro com a frágil organização física, a cor pálida, as feições finas e os cabelos lisos do branco, estou inclinado acreditar que, quando o homem branco foi criado, a natureza estava exausta".

Esse discurso é considerado uma das bases para o que viria a ser a amplamente utilizada expressão "black is beautiful" (preto é bonito). Era uma tentativa de igualar negritude a beleza, em um ato contra séculos de imagens que mostravam negros como grotescos.

Na África do Sul do regime racista do apartheid, a frase se tornou símbolo do movimento Consciência Negra, liderado pelo ativista Steve Biko. "Ele tinha preocupação forte com essa dimensão subjetiva do racismo, com a forma com que o racismo fazia com que as pessoas negras tivessem muitas vezes ódio de si mesmas."

Nesse contexto, o cabelo crespo passou a significar orgulho e poder.

A corrente sul-africana influenciou o movimento homônimo nos EUA, onde ganhou mais força.

Em 1966, no momento de luta pelos direitos civis no país, também surgiu o movimento chamado "Black Power", que deu ao cabelo afro papel central na estética dos negros americanos.

O black power também virou símbolo dos Panteras Negras, um movimento de militantes políticos nos EUA que defendiam a resistência armada nos bairros negros contra a perseguição policial no país.

Para Soares, esses movimentos "ajudaram não só a pensar estratégias políticas de combate ao racismo como também formularam um conjunto de ideias que inspiraram o ativismo de jovens militantes negros em outros países."

Brasil e alisamento

As pesquisas da socióloga da UFPE apontam que, quando esses movimentos explodiram nos EUA, eles também tiveram reflexos no Brasil. Houve, por exemplo, um aumento expressivo dos chamados "salões étnicos", voltados para pessoas com cabelos crespos.

Até então, no período pós-abolição, o que a militância negra interpretava como urgente eram questões ligadas à moral, conta Soares. Os primeiros concursos de beleza para mulheres negras, por exemplo, se preocupavam em passar uma imagem de "civildade" àquelas pessoas, não necessariamente a estética.

"Durante a escravidão a população negra era associada muito à sexualidade, que é também associar ao animal. Esses primeiros concursos estavam preocupados em negar a degradação sexual que tentavam associar a elas. Não havia isso de cabelo black. O alisamento fazia parte da moral. Queriam, como diziam, 'reeducar a raça', mas pautados nos padrões da branquitude". Como reflexo dos movimentos nos EUA, houve uma crescente busca de valorizar a beleza negra no país. O Teatro Experimental do Negro (TEN), por exemplo, incluiu a estética na pauta, inclusive também com concursos de beleza. Movimentos musicais como o Black Rio deram voz a artistas como Tim Maia e Sandra de Sá.

Mais recentemente, também acompanhando um movimento global impulsionado principalmente pela internet, negros e, principalmente, negras brasileiras passaram a adotar o cabelo natural como símbolo de orgulho.

A chamada transição capilar, em que os cabelos alisados são cortados e tratados para que as químicas usadas fiquem para trás, se popularizou principalmente através das redes sociais.

"A geração de hoje está tendo oportunidade de viver algo diferente e eu associo ao movimento de transição capilar, que revolucionou. Hoje em dia, a partir dessa demanda, as mulheres, principalmente, viram a internet como um lugar de falar para poder trazer um novo discurso", explica Soares.

Mas a socióloga faz um alerta: "Não podemos engessar o olhar sobre o alisamento e colocá-lo exclusivamente como uma negação da negritude. Claro que cabelo afro é poder, identidade, mas cada pessoa tem seu momento".

Texto que foi lido em sala de aula e pesquisado na sala de informática.

O texto trabalhado aborda o surgimento de importantes organizações, como o Movimento Negro Unificado (MNU), e destaca as estratégias adotadas por militantes para denunciar o racismo estrutural, fortalecer a identidade negra e reivindicar direitos civis e

sociais, evidenciando o papel fundamental desses movimentos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Após a leitura, os alunos participaram de um debate orientado e responderam a questões interpretativas, apresentadas abaixo, promovendo assim um espaço de reflexão crítica sobre os impactos dessas lutas no Brasil contemporâneo.

- Qual era o significado do cabelo para os africanos antes de serem traficados para as Américas?

Representava origem, religião, rotas sociais.

- Como o cabelo dos africanos era alterado durante o processo de tráfico de escravizados?

com corte e deixado crescer e calado.

- Qual era a finalidade da raspagem do cabelo dos africanos durante a escravidão, conforme explicado pela socióloga Anita Pequeno Soares?

para não saber quem são eles.

- Quem foi Sarah Baartman e como sua história ilustra o racismo colonial em relação ao corpo e à estética negra?

chamado de sul do seio unido
por aparecer perfeita.

- Como o movimento rastafári, surgido nos anos 1930, se relaciona com a valorização da estética negra?

eles acreditavam que eram pastor com
racismo

- O que foi o movimento Negritude e como ele buscou valorizar a cultura africana e a estética dos negros?

após marcar negro alternativo
do movimento do negritude.

- Qual é a importância histórica da frase "black is beautiful" e como ela se relaciona com os direitos civis e a luta contra o racismo?

que colocava a africa como o negócio
do beleza.

- De que maneira o cabelo crespo se tornou um símbolo de orgulho e poder durante os movimentos de resistência dos anos 1960, como o movimento Black Power?

com muitos pessoas ajudando.

- Como o movimento de valorização da estética negra nos Estados Unidos influenciou o Brasil, especialmente no contexto dos "salões étnicos"?

influiu com as pessoas com
cabelo negro.

Amostra da atividade que foi realizada pelos estudantes, as demais atividades encontram-se no anexo A.

A atividade contribuiu para o desenvolvimento da consciência histórica, da empatia social e do pensamento crítico dos estudantes, consolidando a importância do estudo das lutas sociais no currículo escolar. O método avaliativo foi a participação dos estudantes no debate.

3.2.4 Aula 3 - A música como ponte para o engajamento dos estudantes

A música "*Sarará Miolo*", composta por Gilberto Gil, é uma obra requintada que entrelaça elementos culturais e históricos, tornando-se um excelente recurso para o ensino de História em sala de aula. Ao trabalhar com essa música na disciplina de História, os estudantes podem adquirir uma compreensão mais profunda e contextualizada de diversos aspectos da sociedade brasileira. Segundo Marcos Napolitano na obra: *História & Música*:

Depois da participação de Caetano Veloso e Gilberto Gil no Festival da TV Record de 1967, a MPB não seria mais a mesma. O impacto do movimento tropicalista, ao longo de 1968, exigiu a revisão das bases estéticas e valores culturais que norteavam a MPB e, no limite, obrigaram a uma abertura estética do "gênero" a outras influências que não os "gêneros de raiz" ou materiais folclóricos. O Tropicalismo não tomou conta apenas da crítica acadêmica, mas até hoje se faz sentir na vida musical brasileira como um todo. Ele tem sido o centro de um amplo debate que vem ocupando não só jornalistas e fãs, mas também o meio acadêmico. Normalmente, o tropicalismo tem sido melhor aceito entre os críticos musicais jovens e pelos movimentos musicais que vêm dominando a cena musical brasileira desde a década de 80, como o Rock nacional e o mangue beat. (NAPOLITANO, 2002, p.46).

Concordando com Napolitano, a Música Popular Brasileira (MPB) é, em sua essência, um reflexo de transformações culturais e políticas no Brasil. O tropicalismo, movimento que Gilberto Gil integrou nas décadas de 1960-70, foi fundamental para a história musical e política do Brasil e é essencial no uso de abordagens pedagógicas em sala de aula no ensino de História. Isso possibilita promover análises de contextos historiográficos musicais com temáticas que tratam de assuntos que oportunizam debates sobre diversidade e combate à discriminação racial.

No tocante à música "*Sarará Miolo*", a MPB desempenhou e desempenha um papel significativo na formação da identidade cultural brasileira. Apesar da perseguição política que os integrantes desse movimento sofreram, o impacto revolucionário do tropicalismo possibilitou transformações que sempre irão incentivar debates e reflexões sobre aspectos sociais, políticos e culturais, influenciando várias gerações. No artigo "*História & Música: considerações sobre suas possibilidades de interação*", Assunção nos traz a seguinte reflexão:

Estamos mais perto de outra interação interessante entre a Música dos músicos e a História dos historiadores: a possibilidade de utilizar conceitos e modos de imaginação típicos da Música para a renovação da História como campo de saber. Este aspecto é particularmente fascinante. Se há muito os historiadores já estudam a música como objeto (a História da Música), e se já, há bastante tempo, utilizam a música como fonte para a História (a História através da música), já é menos comum o uso da Música como interface interdisciplinar capaz de oferecer meios para a renovação da própria História como disciplina. Há um vasto caminho, aqui, ainda a

ser percorrido. Será que certos conceitos típicos de Música (enquanto disciplina ou prática) não poderiam contribuir para oferecer à História novos modos de análise, novos recursos expressivos, novas aproximações teóricas? A imaginação musical, típica dos músicos, não poderia contribuir para renovar os modos de imaginação que já são típicos dos historiadores?
(ASSUNÇÃO, 2018, p. 33)

A partir dessa perspectiva, constata-se que o uso da música no ensino de História oferece uma excelente oportunidade de enriquecer as aulas, pois o uso de diferentes ferramentas estimula a compreensão dos estudantes sobre temas variados, como, por exemplo, discriminação racial, identidade racial, racismo estrutural, racismo cotidiano, miscigenação e resistência cultural. Além disso, permite explorar a sensibilidade rítmica e a interpretação poética, pertinentes a linguagem musical, e aprofundar o entendimento dos estudantes sobre o contexto histórico e cultural que envolve a composição de uma música. Essa abordagem interdisciplinar não só torna as aulas mais dinâmicas e envolventes, mas também contribui para uma percepção mais global do ensino de História.

Esta pesquisa-ação foi desenvolvida com uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de investigar o potencial da música "*Sarará Miolo*", de Gilberto Gil, como ferramenta para abordar questões de identidade, mestiçagem e representação negra no Brasil.



Figura 3 Audição da música *sarará miolo*. Fonte: Autoria própria.

Após a audição da música, foi aplicado o seguinte questionário de sondagem.

(Música: Sarará Miolo-Gilberto Gil)

Sara, sara, sara cura
Dessa doença
Sara, sara, sara cura
Dessa doença de branco
De querer cabelo liso
Já tendo cabelo louro
Cabelo duro é preciso
Que é pra ser você crioulo
Sará, Sarará, Sarará
Sara, sara, sara, sarará (sarará)
Sara, sara, sara, sarará, sarará (sarará)
Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo

Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
Sara, sara, sara cura
Dessa doença
Sara, sara, sara cura
Dessa doença de branco
De querer cabelo liso
Já tendo cabelo louro
Cabelo duro é preciso
Que é pra ser você crioulo
Sará, Sarará

ATIVIDADE DE SONDAGEM

1. O que você acha que a música está querendo dizer sobre a sociedade?
QUE A SOCIEDADE QUER SE TRANSFORMAR E NÃO
ACEITANDO AS ORIGENS.
2. Por que você acha que a música fala sobre "curar a doença de querer cabelo liso"?
POIS TEM MUITAS PESSOAS DO CABELO CACHEADO DANDO
PROGRESSIVA E NÃO ACEITANDO ELE NATURAL
3. O que significa para você a ideia de "ser você crioulo"?
DESCENDENTE DOS ESCRAVOS PRETOS E DAS MISTURAS
4. Como você se sente em relação ao cabelo e à aparência?
BEM, POIS ME ACEITO DO JEITO QUE SOU
5. Você acha que, hoje em dia, ainda existem padrões de beleza que desfavorecem as pessoas negras? Como podemos mudar isso?
SIM, NÃO TATANDO DIFERENÇA, RESPEITANDO E AMANDO

Amostra da atividade que foi realizada pelos estudantes, as demais atividades encontram-se no anexo B

Na sequência da aula, foi realizado um debate para analisar a letra da música, o qual foi bastante intenso. Estudantes que se autodeclaravam "negros" ou "pardos" começaram a questionar essas categorias. A frase "puxa do sangue do negro, do branco e até do índio" gerou discussões ricas sobre ancestralidade e a complexidade da identidade brasileira, que não cabe em categorias estanques, mas que ela é resultado de uma mistura de influências culturais, étnicas e históricas, não podendo ser enquadrada em definições simplistas ou reducionistas.

A atividade teve um impacto profundo em estudantes com fenótipos de "sará" (cabelos crespos claros, olhos claros, pele morena). Um estudante relatou: "Eu me vi na música. Sempre fiquei em dúvida se era negro ou não, porque meu cabelo é crespo, mas é claro. Agora vi que tem um nome e que faz parte do Brasil." Este relato indica um poderoso momento de autorreconhecimento e validação identitária.

A utilização da música "Sarará Miolo" de Gilberto Gil mostrou-se uma estratégia pedagógica extremamente eficaz. A obra artística, por sua riqueza poética e temática, foi capaz de engajar os estudantes em um nível que vai além do cognitivo, atingindo a esfera emocional e identitária.

A pesquisa demonstrou que a música pode ser uma chave poderosa para desbloquear discussões complexas sobre raça, identidade e representação, ajudando a construir uma autoimagem mais positiva e uma compreensão mais nuanceada da sociedade brasileira. A atividade confirmou que a arte não apenas reflete a realidade, mas também pode ajudar a transformá-la, começando pela sala de aula.

3.2.5- Aula 4 - A revolução na cabeça: a estética de Gilberto Gil nos anos 1970 como símbolo de resistência

A atividade foi concebida para explorar como elementos estéticos pessoais podem transcender a esfera individual para se tornarem poderosas declarações políticas e culturais. O ponto de partida foi a figura icônica do cantor e compositor Gilberto Gil durante a década de 1970, um período de efervescência cultural no Brasil.

Mais do que um simples estilo, a escolha de Gil por usar seu cabelo crespo naturalmente, ampliado em um volumoso afro, foi um ato profundamente significativo. Em um contexto mundial de lutas por direitos civis e de afirmação da identidade negra, a estética deixou de ser apenas uma questão de moda para se tornar uma bandeira de orgulho, resistência e contestação.

A atividade propôs uma análise dessa escolha estética como um texto cultural a ser decifrado. O "afro" de Gilberto Gil não era apenas um penteado; era um manifesto visual. Era uma forma de questionar padrões de beleza eurocêntricos dominantes na época; afirmar publicamente uma identidade negra positiva e orgulhosa, em um país que propagava o mito da democracia racial; expressar solidariedade e sintonia com as lutas da diáspora africana ao redor do globo; utilizar o corpo como um palco de resistência política, onde gestos aparentemente simples carregavam um peso enorme.

Ao investigar a estética de Gilberto Gil, os alunos foram conduzidos a uma reflexão sobre o poder simbólico das escolhas pessoais, a relação entre cultura e política, e como a luta contra o racismo e a favor da diversidade também se travava e ainda se trava na esfera da aparência e da autoestima. A atividade visou demonstrar que a história e os valores de uma época podem ser lidos não apenas em documentos oficiais, mas também nos corpos e no estilo de seus agentes de mudança. A estética de Gilberto Gil nos anos 1970 nos lembra que o corpo negro é, em si, um território de luta e liberdade, e cada fio de cabelo crespo carrega uma revolução.

A atividade foi iniciada com uma sondagem sobre o conhecimento que os alunos tinham sobre a vida e a obra de compositor e cantor Gilberto Gil.



ATIVIDADE DE SONDAAGEM

ESTÉTICA DO CABELO DO GILBERTO GIL NOS ANOS 1970

- Você conhece Gilberto Gil? O que sabe sobre ele?
Sim. Foi ministro da cultura e é cantor
- Observe o cabelo dele nesta imagem. Como você descreveria esse estilo?
É crespo e natural
- Você já viu outras pessoas usando esse tipo de cabelo? Em que contextos?
Sim. Artistas, influenciadores
- Na sua opinião, o que esse tipo de cabelo pode representar?
Resistência contra os padrões de beleza
- Você acha que o cabelo pode ser uma forma de expressão cultural ou política? Por quê?
Sim. Mostra que a pessoa está resistindo
- Como você acha que as pessoas reagiam ao cabelo de Gilberto Gil naquela época (anos 1970)?
Achavam ele louco
- Hoje em dia, você acha que existe preconceito contra cabelos crespos ou afros? Já presenciou alguma situação assim?
Sim. Ainda existe racismo
- Você já ouviu frases como “precisa arrumar o cabelo” ou “cabelo ruim”? O que acha dessas expressões?
Sim. Isso é falta de respeito
- Como você acha que o estilo do cabelo de Gilberto Gil se relaciona com a identidade negra?
Porque mostra o valor da beleza negra

Amostra de atividade realizada com os estudantes, as demais atividades encontram-se no anexo C

Em seguida foi exibido um vídeo de 5 minutos de Gilberto Gil cantando a música “aquele abraço”. (figura 4) Após a exibição do vídeo, mediou-se um debate a partir de questões

como: "O que mais chamou atenção na aparência de Gilberto Gil?", "Por que um artista com essa estética era considerado 'perigoso' naquela época?" e "Como vocês relacionam a expressão visual de Gil com a resistência política?".



Figura 4 Exibição do vídeo sobre a estética de Gilberto Gil nos anos 1970. Fonte: Autoria própria.

Inicialmente, os estudantes demonstraram certa surpresa com a estética ousada de Gilberto Gil, gerando comentários espontâneos sobre seu cabelo e roupas. Esse estranhamento mostrou-se produtivo, pois manteve o engajamento durante toda a atividade e despertou curiosidade sobre o contexto histórico da ditadura civil-militar.

Durante o debate, os alunos conseguiram fazer a conexão entre a estética do artista e o risco político envolvido. A imagem do cabelo black power de Gilberto Gil gerou discussões significativas sobre a valorização dos cabelos naturais na atualidade. Vários estudantes relacionaram a estética histórica do artista com movimentos contemporâneos de aceitação capilar.

Os estudantes compreenderam a relação entre estética e resistência política, embora tenham demonstrado maior facilidade em conectar com questões contemporâneas do que com o contexto histórico específico da ditadura. Houve uma percepção aguçada dos elementos estéticos e sua carga simbólica, demonstrando que a linguagem audiovisual foi particularmente eficaz para transmitir conceitos complexos sobre expressão e resistência cultural.

A atividade mostrou-se especialmente potente para fomentar reflexões sobre autoexpressão e identidade, servindo como catalisador para que os estudantes pensassem criticamente sobre sua própria relação com padrões estéticos e sociais.

A utilização do vídeo sobre a estética de Gilberto Gil nos anos 1970 mostrou-se uma estratégia pedagógica eficaz para abordar temas complexos de forma acessível e engajadora para estudantes do Ensino Fundamental.

A pesquisa demonstrou que a linguagem audiovisual, quando bem selecionada e mediada, pode ser uma poderosa ferramenta para trabalhar conceitos abstratos de resistência política através de elementos concretos da cultura visual; promover discussões sobre diversidade e autoaceitação; estabelecer pontes entre passado e presente nas lutas por expressão identitária.

3.2.6 Aula 5 - Voz e resistência: a força da denúncia social na música *A Carne* com Elza Soares.

A obra escolhida como ponto de partida foi a canção “*A Carne*”, interpretada pela eterna artista Elza Soares. A escolha partiu do reconhecimento de que a música vai muito além do entretenimento; ela funciona como um documento histórico e um discurso social potente, capaz de condensar, em poucos versos, complexas camadas de significado. A atividade proposta buscou desvendar essas camadas com os alunos.

A letra, curta e incisiva, “*A carne mais barata do mercado é a carne negra*”, serve como um gatilho provocativo para discussões que perpassam a herança histórica da escravidão, a violência estrutural contra a população negra, a objetificação do corpo, a desigualdade social e a interseccionalidade de raça e classe.



Figura 5 Audição da música *A Carne*. Fonte: Autoria própria

Após a audição da música, foi aplicado um questionário de sondagem para dar consistência às questões que seriam tratadas no debate subsequente.



ATIVIDADE DE SONDAAGEM

MÚSICA: A CARNE DE ELZA SOARES

1. O que você entende por desigualdade social?

é quando algumas pessoas têm muito mais oportunidade que outras, como dinheiro, educação e etc. e geralmente são negros discriminados.

2. Você já ouviu falar em racismo estrutural? O que acha que isso significa?

sim, é quando o racismo está presente nas regras, instituições e hábitos da sociedade. há muitos são abordados por causa da cor ou raça.

3. Você acha que todas as vidas têm o mesmo valor na nossa sociedade? Por quê?

deveriam ter, mas na prática não temos. algumas vidas são tratadas com mais respeito de que outros.

4. Quando se fala que "a carne mais barata do mercado é a carne negra", o que você imagina que essa frase quer dizer?

acho que quer dizer que as pessoas negras são tratadas como se valessem nada ou menos.

5. Você conhece a cantora Elza Soares? Se sim, o que sabe sobre ela?

sim, ela foi uma cantora brasileira muito importante.

Amostra de atividade realizada com os estudantes, as demais atividades encontram-se no anexo D

Através da análise da performance única de Elza Soares, cuja voz rouca e cheia de alma carrega em si a dor e a resistência de sua própria trajetória, a atividade visou conectar a letra a um contexto real. Elza, uma mulher negra que superou inúmeras adversidades, personifica a mensagem de luta e denúncia presente na canção.

Dessa forma, a sala de aula transformou-se em um espaço de decodificação e reflexão, onde os alunos foram instigados a interpretar a metáfora central da música; relacionar a letra com dados sociológicos e notícias atuais; e compreender como a arte pode ser um megafone para vozes marginalizadas e uma ferramenta essencial para a construção de uma consciência social mais crítica e empática.

A pesquisa foi implementada como recurso pedagógico para discutir as interseccionalidades entre raça, gênero, classe social e a resistência da mulher negra na sociedade brasileira, promovendo uma reflexão entre os estudantes sobre os padrões de beleza impostos, a objetificação corporal e os mecanismos de resistência presentes no seu cotidiano.

Com base na evidência coletada, é teoricamente plausível afirmar que os objetivos foram atingidos de forma significativa. A análise coletiva permitiu que os estudantes desvendassem as camadas metafóricas da música. Eles compreenderam que "a carne" não se refere apenas ao corpo, mas à vida e à dignidade da população negra, historicamente tratada como commodity.

A discussão conseguiu, com sucesso, entrelaçar as dimensões de raça, classe e gênero. A trajetória de Elza Soares ressoou profundamente, especialmente entre as meninas negras. Ouvir relatos de uma mulher que transformou sua dor em arte e resistência teve um efeito empoderador. Os estudantes não apenas entenderam a letra, mas foram capazes de analisar criticamente as estruturas sociais de opressão nela denunciadas, demonstrando compreensão da interseccionalidade dos temas.

A contextualização da figura de Elza Soares foi crucial para dar concretude e profundidade emocional à mensagem da música. Os alunos a conectaram como um símbolo vivo da resistência cantada em "*A Carne*". A atividade serviu como um poderoso catalisador para a reflexão identitária, fornecendo um repertório crítico e um exemplo inspirador para que os estudantes, em especial os negros e as meninas, iniciem ou aprofundem uma leitura mais crítica de sua própria posição no mundo e de seus mecanismos de resistência.

A utilização da música "*A Carne*" de Elza Soares mostrou-se uma ferramenta pedagógica de alto impacto. A obra, em sua crueza e potência artística, permitiu abordar temas complexos e dolorosos de forma acessível e profundamente significativa para os jovens. A pesquisa demonstrou que a música popular, quando bem mediada, pode transcender o entretenimento e se tornar um instrumento fundamental para uma educação antirracista e antipatriarcal, contribuindo para a formação de sujeitos mais críticos, empáticos e conscientes de seu papel na transformação social.

A atividade confirmou que a arte, na voz de uma mulher negra e resiliente, pode ser o mais potente dos materiais didáticos.

3.2.7 Aula 6 - Por trás da vaga: uma jornada sobre cotas raciais e as bancas de heteroidentificação.

A presente atividade, que não estava no planejamento inicial, foi desenvolvida em decorrência de uma questão pontuada por alguns alunos, o que consideramos importante, pois possibilitou ir além da superfície de um dos debates mais complexos e necessários da sociedade brasileira contemporânea: o sistema de cotas raciais. Partindo do princípio de que a sala de aula é um espaço privilegiado para a desconstrução de preconceitos e para a compreensão crítica dos mecanismos projetados para corrigir injustiças históricas.

Foi aplicado um questionário para incentivar a discussão e analisar o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema.

ATIVIDADE DE SONDAAGEM
BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

1. Você já ouviu falar em cotas raciais? Se sim, o que você entende sobre isso?
Sim. São vagas reservadas para pessoas negras e pardas nas universidades e concursos.
2. Você sabe o que é uma banca de heteroidentificação? O que acha que ela faz?
Sim. São pessoas que avaliam quem é negro ou não.
3. Por que você acha que alguém fraudaria uma vaga de cotas raciais?
A pessoa quer ter vantagem, sem ter o direito.
4. Você acredita que é possível alguém se declarar negro ou pardo, mas não ser visto assim pelas outras pessoas? Explique.
Sim. Uma pessoa pode dizer que é negra por causa da aparência.
5. Você acha justo existir um grupo (banca) que avalia se a pessoa realmente pode usar a cota racial? Por quê?
Sim. Para que as pessoas negras tenham seu direito garantido.
6. Você acredita que as pessoas negras ainda sofrem racismo no Brasil? Dê um exemplo, se quiser.
Sim. Muitas vezes são paradas pela polícia por cor da pele que é preta.
7. Na sua opinião, como é possível garantir que as cotas sejam usadas apenas por quem realmente tem direito?
Unidade a banca de heteroidentificação.

Amostra de atividade realizada com os estudantes, as demais atividades encontram-se no anexo E

O Brasil, marcado por uma profunda desigualdade social de raízes escravocratas, criou nas cotas raciais uma ferramenta de reparação e de promoção da equidade no acesso à educação

superior e ao serviço público. No entanto, a efetivação dessa política levantou uma questão prática e filosófica crucial: como garantir que o instrumento chegue à população para a qual foi destinada?

Foi assim que a atividade se aprofundou no funcionamento das bancas de heteroidentificação, comissões responsáveis por verificar, com base em critérios fenotípicos e em contextos sociais, a autodeclaração dos candidatos.

Esta não foi uma aula sobre "como julgar a aparência do outro", mas sim uma indagação profunda sobre conceitos de identidade, raça, fenótipo e justiça social. Os alunos foram convidados a refletir sobre o racismo estrutural, o privilégio branco, a história de exclusão da população negra no Brasil e a importância de se criar mecanismos que evitem fraudes e mantenham a integridade de uma política que é, acima de tudo, um compromisso ético com a construção de um país mais justo e plural.

A proposta foi transformar a sala em um ambiente de diálogo instrutivo, ético e empático, longe de opiniões superficiais, para compreender a complexidade por trás de uma vaga reservada. Algumas conclusões dos alunos: a política de cotas não é um favor, mas um resgate histórico; e a heteroidentificação não é sobre julgar aparências, mas sobre garantir que a reparação chegue àqueles que foram sistematicamente excluídos por séculos.

Esta pesquisa-ação foi desenvolvida com o objetivo de analisar a eficácia de uma sequência didática utilizando vídeos e atividades de análise para abordar o tema das cotas raciais e bancas de heteroidentificação. O estudo buscou averiguar a evolução conceitual dos estudantes sobre estas políticas afirmativas; avaliar o conhecimento prévio sobre ações afirmativas e cotas raciais; compreender a função reparatória das cotas e o papel das bancas de heteroidentificação; analisar a mudança de percepção após a intervenção pedagógica.

Por meio de uma aula dialogada e análise de vídeos sobre desigualdade racial no Brasil, (figuras 6&7) foi apresentado o histórico de exclusão educacional da população negra e a lógica reparatória das cotas raciais. Introduziu-se o conceito de que igualdade (tratar todos iguais) e equidade (dar mais a quem mais precisa) são coisas distintas.

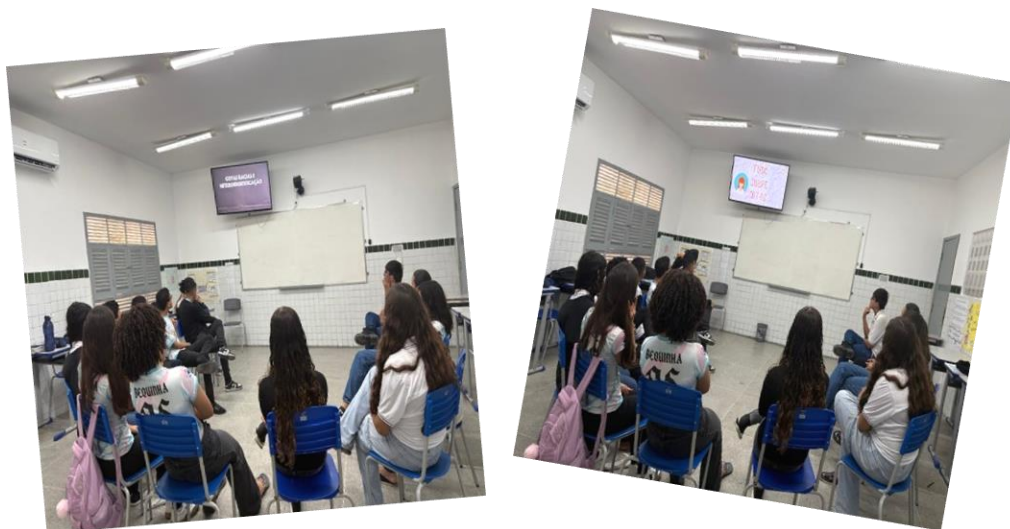


Figura 6 e 7 Exibição dos vídeos sobre cotas raciais e bancas de heteroidentificação. Fonte: Autoria própria

Os estudantes participaram de um debate sobre os prós e contras das cotas e da heteroidentificação, mediado por um protocolo que garantiu o respeito e a escuta. Em seguida, responderam a atividade com perguntas como: "As cotas raciais e as bancas de heteroidentificação são ferramentas justas para combater o racismo no Brasil?".

A análise baseou-se na observação, nos registros do debate e na análise das atividades. Inicialmente, foi identificada uma forte resistência por parte de alguns alunos, que reproduziam o discurso do "mérito" e de que "cotas são racistas". No entanto, a apresentação dos dados históricos e estatísticos, e principalmente a distinção entre igualdade e equidade, provocou uma significativa mudança de perspectiva em muitos.

A explanação sobre as bancas foi fundamental para desfazer equívocos. Os estudantes compreenderam que, em um país com o racismo estrutural do Brasil, a mera autodeclaração, sem nenhum critério, poderia esvaziar completamente a política de cotas. A atividade proporcionou um espaço seguro para que estudantes negros, muitas vezes pela primeira vez na escola, verbalizassem suas experiências com o racismo e apoiassem a política de cotas como uma necessidade.

Suas falas tornaram-se evidências concretas para os colegas, dando um rosto e uma história à estatística apresentada. Os estudantes conseguiram definir cotas raciais como políticas de reparação histórica, diferenciando-as de "esmola" ou "privilégio", e as conectando ao contexto de escravidão e exclusão pós-abolição.

Houve uma compreensão clara da função das bancas de heteroidentificação como instrumento de controle social necessário, superando a visão simplista e distorcida de que se tratava de um "tribunal racial" este foi o objetivo de maior complexidade.

A atividade foi bem-sucedida em semear dúvidas e complexificar visões preconcebidas, promovendo um avanço significativo na consciência sobre racismo e justiça social para a maioria dos alunos. No entanto, mudanças profundas e a superação de preconceitos arraigados são um processo de longo prazo.

A introdução do tema das cotas raciais e das bancas de heteroidentificação no Ensino Fundamental mostrou-se não apenas viável, mas necessária. A pesquisa demonstrou que os estudantes estão aptos a participarem de discussões complexas sobre justiça social quando estas são mediadas de forma pedagógica e empática.

A atividade serviu como um potente antídoto contra a desinformação e os discursos preconceituosos que frequentemente cercam o tema, demonstrando o papel crucial da escola na formação de uma cidadania crítica e antirracista.

Conclui-se que abordar tais temas é fundamental para formar uma geração mais consciente das desigualdades brasileiras e mais comprometida com a construção de uma sociedade verdadeiramente equânime.

3.2.8 Aula 7 - Da raiz à coroa: oficina criativa sobre autoestima e cabelo afro

O cabelo é muito mais do que um acessório biológico; é um texto social, um mapa histórico e um território político. No contexto brasileiro, marcado por uma herança colonial e escravocrata, os fios crespos foram sistematicamente transformados em alvo de um projeto de embranquecimento e dominação. Por gerações, narrativas racistas associaram o cabelo afro a algo "ruim", "duro" ou "desalinhado", forçando milhões de pessoas a processos dolorosos de alisamento químico e apagamento identitário em nome de um ideal de beleza eurocêntrico.

A sequência didática executada surgiu como uma atividade de expressão pedagógica com o propósito de interromper esse ciclo de violência simbólica. Ela se propôs a desenterrar as raízes históricas desse preconceito, percorrendo o tronco robusto da resistência negra e chegando às pontas diversificadas e exuberantes da contemporaneidade. O objetivo foi desconstruir a estigmatização e, em seu lugar, construir uma narrativa de empoderamento, resgate e celebração.

Ao longo do percurso, os estudantes aprenderam como o cabelo foi e continua sendo um poderoso instrumento de afirmação da identidade negra. Partindo de uma análise crítica do

passado, transitando pelo racismo científico e pelo mito da democracia racial para chegar ao exame do presente, onde movimentos como o "Black Power" e a cena do "black is beautiful" reescrevem, com força e orgulho, a estética nacional.

A culminância deste processo se deu com a realização de uma oficina criativa, onde o conhecimento teórico se transforma em experiência sensível e prazerosa. Através da criação de coroas simbólicas com desenhos, os estudantes foram convidados a materializar suas histórias, dores e, sobretudo, seu poder, trançando novos significados de resistência e beleza em cada fio.

Mais do que uma aula, esta é uma convocação para um ato de reparação. É um convite para que educadores e estudantes olhem para o cabelo crespo não com o olhar do preconceito, mas com a reverência que se dá a uma coroa: herança de reis e rainhas, símbolo de uma história de luta e emblema de uma beleza que, finalmente, se reconhece e se afirmam em toda a sua potência.

A oficina foi além de uma atividade artesanal. Ela transformou-se em um dispositivo pedagógico afetivo com a finalidade de inverter a lógica do racismo estético, transformando uma característica historicamente estigmatizada em um símbolo de poder, beleza e história pessoal. Foi um passo concreto na construção de uma autoimagem positiva e no enfrentamento do racismo a partir do autorreconhecimento e da celebração da identidade negra.

Como parte da atividade, a partir de reflexões sobre identidade, ancestralidade e representatividade, os estudantes foram convidados a expressar suas ideias, sentimentos e aprendizados por meio da arte. Após leituras, pesquisas e debates em sala, a proposta foi que cada aluno criasse um desenho ou pintura que representasse sua visão sobre o tema trabalhado.

A atividade teve como objetivo permitir que os alunos externalizassem, de forma criativa e sensível, suas percepções sobre questões como resistência, orgulho racial, diversidade de traços, cabelos, tons de pele e o papel dos movimentos sociais na valorização da cultura negra. (figuras 8-19).



Figuras de 8 a 19 Estudantes produzindo pinturas e desenhos. Fonte: Autoria própria

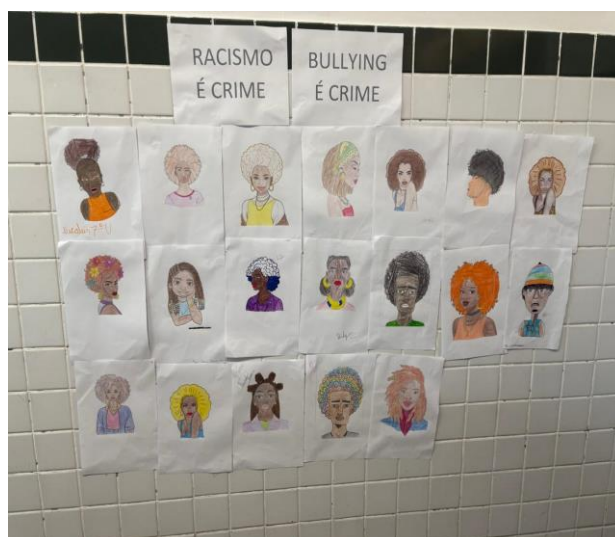


Figura 20 Mural expositivo. Fonte: Autoria própria

Os trabalhos artísticos (figura 20) resultaram em produções marcantes: figuras simbólicas, elementos da cultura afro-brasileira e representações da força e beleza do povo negro.

As produções foram expostas em um mural coletivo na sala de aula, criando um espaço de diálogo visual e valorização das diferentes expressões culturais. Essa etapa da atividade reforçou o papel da arte como ferramenta de reflexão, pertencimento e transformação, além de fortalecer a autoestima dos alunos e o respeito à diversidade dentro do ambiente escolar.

Além dos fios: uma jornada didática de valorização da cultura afro-brasileira

A educação é uma ferramenta poderosa para desconstruir estereótipos, celebrar diversidade e reconstruir narrativas. Foi com esse propósito que o projeto foi desenvolvido, convidando estudantes a explorarem as ricas e profundas camadas que formam a identidade cultural afro-brasileira, indo muito além da estética para adentrar territórios de história, resistência e ancestralidade.

Durante essa jornada, os alunos não apenas analisaram a simbologia do cabelo crespo como expressão de empoderamento e resistência, mas também mergulharam em manifestações artísticas, literárias e sociais que compõem o mosaico cultural afro-brasileiro.

A proposta foi deslocar o olhar do superficial para o essencial, incentivando uma reflexão crítica sobre como a valorização da cultura afro-brasileira contribui para o combate ao racismo e para a formação de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Por meio de debates, pesquisas, produções e atividades colaborativas, os estudantes puderam reconhecer a importância de ouvir, respeitar e amplificar vozes historicamente silenciadas.

Este relato não apenas descreve as etapas do projeto, mas celebra as descobertas e transformações vivenciadas por todos os envolvidos, mostrando que a educação antirracista é possível, necessária e transformadora.

Foi gratificante vivenciar como os estudantes e engajaram nessa jornada, revelando olhares sensíveis e críticos sobre um tema que toca não apenas na história do Brasil, mas na humanidade de cada um.

Quando reconhecemos a força dos fios que tecem nossa história, descobrimos que a verdadeira beleza nasce das raízes que não se quebram, mas se entrelaçam em um coro permanente de resistência e orgulho.

AVALIAÇÃO GERAL DO PROJETO FEITA PELOS ESTUDANTES

A iniciativa foi concebida para enfrentar o racismo e a discriminação racial direcionados a traços fenotípicos negros, especialmente o cabelo afro, promovendo uma cultura escolar mais equitativa e respeitosa.

O projeto demonstrou que é possível transformar a cultura escolar por meio de ações intencionais e afetivas. Foi realizada uma pesquisa com estudantes do Ensino Fundamental, com o objetivo de avaliar os impactos do projeto pedagógico desenvolvido em sala de aula, voltado à conscientização sobre o racismo, a discriminação racial no ambiente escolar e a valorização do cabelo afro como símbolo de identidade e resistência.

A atividade buscou promover o respeito à diversidade étnico-racial, combater práticas discriminatórias e estimular o protagonismo dos alunos na construção de um espaço escolar mais inclusivo. A metodologia do projeto envolveu rodas de conversa, exibição de vídeos; leitura de textos; debates guiados pela professora; oficinas práticas sobre estética negra, especialmente voltadas ao reconhecimento e valorização do cabelo afro.

Ao término das atividades, foi aplicado um questionário com perguntas fechadas para mensurar o alcance das ações. Os resultados apontaram que a grande maioria dos estudantes (cerca de 90%) demonstrou ter desenvolvido uma maior compreensão sobre os impactos do racismo e da discriminação racial no cotidiano escolar.

1. Avaliação Geral do Projeto

1.1. Como você avalia o projeto em termos de interesse e relevância?

- ☐ Muito interessante e relevante
☒ Interessante e relevante
☐ Pouco interessante ou relevante
☐ Não foi interessante ou relevante

1.2. Qual foi o seu nível de engajamento nas atividades propostas?

- ☐ Muito alto
☐ Alto
☒ Médio
☐ Baixo

2. Aprendizagem e Reflexão

2.1. O que você aprendeu sobre racismo e respeito às diferenças ao longo do projeto?

APRENDI A RESPEITAR

2.2. Como o projeto contribuiu para a sua visão sobre o racismo e a importância da educação antirracista?

CONTRIBUIU PARA O RESPEITO ÀS PESSOAS

3. Auto avaliação

3.1. Você sentiu que mudou alguma atitude ou comportamento em relação ao tema após o projeto?

- ☐ Sim
☐ Não
☒ Talvez

Se sim, descreva uma atitude ou comportamento que mudou:

EU JA RESPEITAVA AS PESSOAS

3.2. De 1 a 5, como você avalia sua participação no projeto?

5

Amostra da avaliação realizada com os estudantes, as demais avaliações, encontram-se no anexo F

Muitos relataram nunca ter refletido profundamente sobre essas questões antes do projeto. Houve também um aumento significativo no número de alunos que passaram a identificar expressões e atitudes racistas, tanto nas interações escolares quanto fora do ambiente educacional.

Em relação ao cabelo afro, observou-se um avanço no reconhecimento da importância de respeitar e valorizar a estética negra. Alunos negros relataram sentir-se mais representados e acolhidos, enquanto alunos não negros expressaram maior empatia e interesse em compreender a importância simbólica do cabelo na construção da identidade negra.

Embora o projeto tenha alcançado resultados positivos, a pesquisa também evidenciou a necessidade de continuidade e aprofundamento das ações. Alguns estudantes ainda demonstraram resistência ou desconhecimento em certos temas, o que reforça a importância de tratar essas questões de forma permanente no currículo escolar, e não apenas pontualmente.

A partir do levantamento, constatamos que os objetivos do projeto foram, em grande parte, atingidos. Houve sensibilização, aprendizado e mudança de atitudes em boa parte do

grupo. O espaço escolar mostrou-se fértil para o diálogo e a construção coletiva de valores mais inclusivos e democráticos.

A avaliação final sugere que projetos como este são fundamentais para o desenvolvimento de uma educação antirracista e para a promoção de uma convivência escolar mais justa, respeitosa e consciente. A valorização do cabelo afro mostrou-se uma ferramenta poderosa para combater o racismo e promover autoestima.

Os resultados reforçam a importância de a escola assumir seu papel na desconstrução do racismo e na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação da Sequência Didática demonstrou ser uma iniciativa valiosa para promover a conscientização sobre o racismo e a discriminação racial no ambiente escolar, bem como para valorizar a cultura afro-brasileira. Os resultados alcançados são promissores, com uma grande maioria dos estudantes demonstrando maior compreensão sobre os impactos do racismo e da discriminação racial.

O ensino de História, quando abordado como um ato de resistência cultural e política, revela-se uma ferramenta poderosa para desconstruir narrativas hegemônicas e combater o racismo estrutural. A discussão sobre o cabelo afro, inserida nesse contexto, transcende a esfera estética, transformando-se em um símbolo de ancestralidade, identidade e luta contra a opressão racial. Como demonstrado ao longo deste trabalho, a marginalização dos corpos negros especialmente das mulheres negras é fruto de um processo histórico de embranquecimento, violência simbólica e negação de humanidade, que persiste nas estruturas sociais, inclusive no ambiente escolar.

Este trabalho analisa o potencial do ensino de História como instrumento de resistência cultural e política, destacando seu papel na desconstrução de narrativas hegemônicas e no combate ao racismo estrutural. Toma-se o cabelo afro como eixo simbólico central, demonstrando como sua discussão em sala de aula transcende a estética, transformando-se em um ato de afirmação de ancestralidade, identidade e luta contra a opressão racial.

Os resultados indicam que a marginalização histórica dos corpos negros, em especial das mulheres negras é perpetuada pela persistência de violências simbólicas e pelo apagamento de suas narrativas no espaço escolar. As principais implicações e contribuições do estudo apontam para a necessidade de uma educação antirracista intencional, que exige: a formação crítica de professores para mediar discussões sobre identidade e racismo; a revisão de currículos e materiais didáticos para incluir perspectivas plurais; a transformação da escola em um ambiente de acolhimento e valorização da diversidade.

Como lacunas identificadas para futuras pesquisas, sugerem-se: investigações sobre os impactos de longo prazo de práticas pedagógicas antirracistas no desenvolvimento da autoestima de estudantes negros; estudos focados nas interseccionalidades de raça, gênero e classe em contextos escolares específicos.

A Sequência Didática pode ser adaptada para diferentes níveis de ensino e contextos educacionais no Ensino Fundamental, focando em atividades mais interativas e lúdicas para envolver os estudantes mais jovens. No Ensino Médio, a ideia é que seja abordada considerando

temas mais complexos e aprofundados sobre racismo e discriminação racial. Já na Educação de Jovens e Adultos, a possibilidade é adaptar o projeto para atender às necessidades e experiências dos estudantes mais adultos.

As Atividades Pedagógicas podem ser integradas a outras disciplinas e áreas do currículo. Em História para explorar a história da escravidão e do racismo no Brasil. Em Literatura para analisar obras literárias que abordam temas relacionados ao racismo e à discriminação racial. Nas Artes para desenvolver atividades artísticas que representem a cultura afro-brasileira e promovam a diversidade.

Para dar continuidade ao projeto e aprofundar os resultados alcançados, sugiro que para aqueles que utilizarão a Sequência Didática tenham como alternativas, a depender do contexto escolar: ampliar a duração do projeto para permitir uma exploração mais aprofundada dos temas abordados; incluir mais atividades práticas e interativas para envolver os estudantes de forma mais efetiva; desenvolver materiais didáticos adicionais para apoiar a implementação do projeto em outras escolas e contextos educacionais.

Conclui-se que a educação antirracista é um compromisso ético e urgente. Ela exige que professores, gestores e políticas públicas atuem de forma articulada para desnaturalizar o racismo, celebrar a diversidade e construir uma sociedade verdadeiramente democrática. Enquanto a escola reproduzir hierarquias raciais, seguirá falhando em seu propósito de emancipação. Mas, se assumir seu papel transformador, poderá ser um território de resistência onde cabelos crespos, tranças e turbantes não sejam apenas tolerados, mas honrados como fios de uma história que persiste em ser contada.

Em suma, o projeto pedagógico implementado demonstrou ser uma iniciativa valiosa para promover a conscientização sobre o racismo e a discriminação racial no ambiente escolar. Com a continuidade e aprofundamento das ações, podemos alcançar resultados ainda mais significativos e promover uma cultura escolar mais inclusiva e respeitosa. Afinal, a educação antirracista é um compromisso contínuo que exige esforço coletivo e individual para construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

FONTES CONSULTADAS

BARROS, José D Assunção Barros: História & Música: considerações sobre suas possibilidades de interação, História & Perspectiva, Uberlândia, 2018. <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/36121>

GONZALEZ, Lélia, Racismo e sexismo na cultura brasileira, Rio de Janeiro, 1984, Disponível em: http://www.ser.puc-rio.br/2_Gonzalez_Lelia.pdf

VERENA, Alberti e Amílcar Araújo Pereira, "O Movimento Negro no Brasil", Geledés, 2010. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1254.pdf>

XAVIER, Giovana, “Aristocratas da penteadeira”: empresárias da raça e “políticas do cabelo black” na imprensa afro-americana do pós-abolição, 2013. Disponível em: Disponível em: <https://labhstc.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Giovana-Xavier-texto.pdf>.

BIBLIOGRAFIA:

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

CARINE, Barbara. **Como ser um educador antirracista**. 5ª ed. São Paulo: Planeta, 2023.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. 7ª ed. São Paulo: Selo negro, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Global ,2016.

GONZALEZ, Lélia. **Lugar de negro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

MUNANGA, Kabengele. **O negro no Brasil de hoje**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Global ,2016.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música: reflexões sobre a história cultural da música popular**. 1ª ed. Belo horizonte: Autentica, 2002.

PASCAL, Alain Kaly. **Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas**. 1ªed. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

SANTOS, Ynaê Lopes. **Racismo Brasileiro, uma história da formação do país**. Editora, todavia, 1ª Edição, São Paulo: 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira**. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

APÊNDICE

BARRETO, Raquel; revista cult <https://revistacult.uol.com.br/home/lelia-gonzalez-perfil/> 2019, acesso em: 05 set.2025.

BNCC;<http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/artigos/A-BNCC2018-e-a-ERER.pdf> Habilidade (EF08HI19 acesso: 10 jan. 2025

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS;
https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf acesso 11 jan 2025

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS;
https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf; acesso 09 jan. 2025

Documentário: **Caminhos da Reportagem -A questão racial: da ditadura à democracia;** <https://www.youtube.com/watch?v=UHCQpM2IK14>; acesso no dia: 01 de dez. de 2024; as 11:39.

Documentário: **Cabelo Bom;** https://www.youtube.com/watch?v=rxl9_KftSQ4&t=1s; acesso no dia: 10 de dez. De 2024; as 14:02h.

Documentário: **Cabelo é poder;** <https://www.youtube.com/watch?v=a95qIubA040> acesso no dia: 14/11/2024 as 16:12h.

LEI 11.645 de 10 de março de 2008; https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm.Acesso : 13 jan. 2025

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Alterar%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso: 14 jan. 2025

NASCIMENTO, Abdias, https://pt.wikipedia.org/wiki/Abdias_do_Nascimento, acesso em: 06 de mar de 2026

<https://www.politize.com.br/movimento-negro/> Acesso: 04 jan. 2025; as 09:05h

<https://documentosrevelados.com.br/movimento-negro-e-a-questao-racial-na-decada-de-1970/> Acesso: 04 de jan. de 2025; as 09:05h

https://www.geledes.org.br/o-movimento-negro-no-brasil/?gad_source=1&gclid=CjwKCAiA1eO7BhATEiwAm0Ee-OXxdENOVxxquu4WiguIDj55fz69HGUJuhu3XR1zpNhNqblKjEWp0BoC_dsQAvD_BwE Acesso: 04 de jan. de 2025; as 09:05h

<https://www.brasildefato.com.br/2024/07/08/historias-de-resistencia-revelam-atuacao-de-militancia-negra-durante-ditadura-militar-no-pr> Acesso: 04 de jan. de 2025; as 09:07h

<https://www.politize.com.br/movimento-negro/> Acesso: 04 de jan. de 2025; as 09:05h

<https://documentosrevelados.com.br/movimento-negro-e-a-questao-racial-na-decada-de-1970/>
Acesso: 04 de jan. de 2025; as 09:05h

https://www.geledes.org.br/o-movimento-negro-no-brasil/?gad_source=1&gclid=CjwKCAiA1eO7BhATEiwAm0Ee- OXxdENOVxxquu4WiguIDj55fz69HGUJuhu3XR1zpNhNqblKjEWp0BoC dsQAvD BwE
Acesso: 04 de jan. de 2025; as 09:05h

<https://www.brasildefato.com.br/2024/07/08/historias-de-resistencia-revelam-atuacao-de-militancia-negra-durante-ditadura-militar-no-pr>
Acesso: 04 de jan. de 2025; as 09:07h

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso 14 jan. 2025

LEI 11.645 de 10 de março de 2008; https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/11645.htm acesso 08 jan. 2025

Música: Sarará Miolo (Gilberto Gil) <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/345133/>
Acesso: 04 de jan. de 2025 as 10:29h

TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO, <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/teatro-experimental-do-negro-ten>, acesso em: 06 de mar de 2026

REVISTA CULT. <https://revistacult.uol.com.br/home/lelia-gonzalez-perfil/>
Acesso:15/05/2025 as 08:05h, <https://revistacult.uol.com.br/home/lelia-gonzalez-perfil/>

<https://www.gov.br/ibc/pt-br/assuntos/noticias/20-de-novembro-reflexao-luta-e-esperanca-pela-igualdade-racial>

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas>

BANCAS DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

<https://www.youtube.com/watch?v=of0pXoXbQw8&t=139s>

COTAS RACIAIS

<https://www.youtube.com/watch?v=XJrxaBfaLFC&t=34s>

ELZA SOARES

https://www.youtube.com/watch?v=7kyk3qQZ6x4&list=RD7kyk3qQZ6x4&start_radio=1

GILBERTO GIL

https://www.youtube.com/watch?v=WVQFIAXI8Yw&list=RDWVQFIAXI8Yw&start_radio=1

ANEXOS

Os anexos disponibilizados nesta seção têm por finalidade disponibilizar um material rico que pode ser útil para futuras pesquisas, oferecendo uma visão detalhada do processo de aprendizagem e das percepções dos alunos sobre temas relevantes. São reproduzidos os questionários e as respostas completas da turma de alunos da escola onde foi desenvolvida a sequência didática.

Por meio deles, é possível que outros pesquisadores possam verificar tanto as respostas iniciais quanto a evolução do processo de aprendizagem e a transformação de suas visões sobre os sentidos e significados do racismo estrutural, discriminação racial, racismo escolar e identidade cultural, bem como reconstruir os passos e os caminhos percorridos que nos levaram às conclusões que alcançamos sobre como podemos realizar uma educação antirracista e gerar um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo.

Ao compartilhar esses materiais, esperamos contribuir significativamente para o avanço das pesquisas e práticas educacionais antirracistas, promovendo uma maior compreensão e reflexão sobre esses temas críticos e inspirando novas iniciativas que visem a equidade e a justiça social nas escolas e na sociedade.

ANEXO A — Atividade pedagógica.

Esta atividade pedagógica foi desenvolvida com o objetivo central de superar a narrativa tradicional que frequentemente omite ou simplifica a história da população negra no Brasil. Buscando proporcionar aos estudantes uma compreensão crítica sobre a formação, as pautas e as estratégias dos movimentos negros durante a década de 1970, reconhecendo-os como agentes fundamentais na luta contra o racismo estrutural e na construção da democracia brasileira. A atividade gerou um engajamento profundo. Os estudantes não apenas assimilaram informações históricas, mas desenvolveram uma empatia histórica ao se conectarem com as vozes e as lutas reais daquela geração.

A análise do texto provocou espanto e indignação, confirmando que é possível e essencial ensinar a história recente do Brasil a partir da perspectiva daqueles que lutaram por direitos e representatividade. Ao investigar, analisar fontes e ressignificar o conhecimento de

forma criativa, os estudantes deixaram de ser espectadores passivos para se tornarem intérpretes críticos de um capítulo fundamental na contramão da opressão, compreendendo que a beleza e a cultura são, também, formas poderosas de revolução.

- Qual era o significado do cabelo para os africanos antes de serem traficados para as Américas?

ORIGEM, ETNIAS, RELIGIÕES

- Como o cabelo dos africanos era alterado durante o processo de tráfico de escravizados?

CURTO OU TOTALMENTE RASADO

- Qual era a finalidade da raspagem do cabelo dos africanos durante a escravidão, conforme explicado pela socióloga Anita Pequeno Soares?

BUSCARA MINIMAR QUALQUER TIPO DE PERTENCIMENTO ÉTNICO E IDENTIFICAÇÃO QUE PODESSEM TER A PARTIR DO CABELO

- Quem foi Sarah Baartman e como sua história ilustra o racismo colonial em relação ao corpo e à estética negra?

LEVADA DA ÁFRICA DO SUL AO REINO UNIDO PARA APARECER EM ESPETÁCULOS DE CIRCOS

- Como o movimento rastafári, surgido nos anos 1930, se relaciona com a valorização da estética negra?

SAHÁRICOS QUE PASSARAM A RECONHECER A CORAÇÃO DE RASTAFÁRI

- O que foi o movimento Negritude e como ele buscou valorizar a cultura africana e a estética dos negros?

ELES FORAM PROMOVIDOS A ESCRITOR

- Qual é a importância histórica da frase "black is beautiful" e como ela se relaciona com os direitos civis e a luta contra o racismo?

VALORIZAR AS RAÍZES AFRICANAS

- De que maneira o cabelo crespo se tornou um símbolo de orgulho e poder durante os movimentos de resistência dos anos 1960, como o movimento Black Power?

O PAPEL CENTRAL QUE VIROU SÍMBOLO DE RAÍZES NA NEGRA

- Como o movimento de valorização da estética negra nos Estados Unidos influenciou o Brasil, especialmente no contexto dos "salões étnicos"?

ACOLHIDOS PARA OS CABELOS CRESPOS

- Qual era o significado do cabelo para os africanos antes de serem traficados para as Américas?

cultura tradicional e cultura

- Como o cabelo dos africanos era alterado durante o processo de tráfico de escravizados?

O cabelo era raspado por

- Qual era a finalidade da raspagem do cabelo dos africanos durante a escravidão, conforme explicado pela socióloga Anita Pequeno Soares?

humilhar, diminuir e desumanizar e não ter com o seu valor de fugir.

- Quem foi Sarah Baartman e como sua história ilustra o racismo colonial em relação ao corpo e à estética negra?

Ela tem um símbolo muito importante para a pessoa negra, pelo seu cabelo.

- Como o movimento rastafári, surgido nos anos 1930, se relaciona com a valorização da estética negra?

Pelo seu estilo de cabelo dread.

- O que foi o movimento Negritude e como ele buscou valorizar a cultura africana e a estética dos negros?

Uma busca pela valorização das raízes africanas.

- Qual é a importância histórica da frase "black is beautiful" e como ela se relaciona com os direitos civis e a luta contra o racismo?

Foi um momento muito importante.

- De que maneira o cabelo crespo se tornou um símbolo de orgulho e poder durante os movimentos de resistência dos anos 1960, como o movimento Black Power?

Porque representava

- Como o movimento de valorização da estética negra nos Estados Unidos influenciou o Brasil, especialmente no contexto dos "salões étnicos"?

União das pessoas e da cultura.

- Qual era o significado do cabelo para os africanos antes de serem traficados para as Américas?

A forma, o corte e os adereços podiam representar
origem, etnia, religião, status social.

- Como o cabelo dos africanos era alterado durante o processo de tráfico de escravizados?

Muitos sem cabelo ou com ele bem curto

- Qual era a finalidade da raspagem do cabelo dos africanos durante a escravidão, conforme explicado pela socióloga Anita Pequeno Soares?

Buscavam manter o cabelo tipo de identificação
Estado e identificação que eles apresentavam

- Quem foi Sarah Baartman e como sua história ilustra o racismo colonial em relação ao corpo e à estética negra?

Sarah Baartman, levara da África do Sul do Reino
Unido para aparecer em espetáculos de circo

- Como o movimento rastafári, surgido nos anos 1930, se relaciona com a valorização da estética negra?

Um grupo de rastafáris buscou a aproximação com
a cultura de Ras Tafari

- O que foi o movimento Negritude e como ele buscou valorizar a cultura africana e a estética dos negros?

Não apenas encorajou o olhar sobre o continente
e colocá-lo exclusivamente como uma expressão da Negritude

- Qual é a importância histórica da frase "black is beautiful" e como ela se relaciona com os direitos civis e a luta contra o racismo?

Essa frase é considerada uma das bases para o que
viria a ser o movimento Black Power

- De que maneira o cabelo crespo se tornou um símbolo de orgulho e poder durante os movimentos de resistência dos anos 1960, como o movimento Black Power?

Adotaram não só a própria estética política
de combater ao sistema negro que como também

- Como o movimento de valorização da estética negra nos Estados Unidos influenciou o Brasil, especialmente no contexto dos "salões étnicos"?

Foi uma tentativa de mostrar a beleza
em um ato contra a ideia de beleza que

- Qual era o significado do cabelo para os africanos antes de serem traficados para as Américas?

a forma, o corte e os adereços Podiam representar origens, etnias, religiões, status social.

- Como o cabelo dos africanos era alterado durante o processo de tráfico de escravizados?

para a raspagem do cabelo.

- Qual era a finalidade da raspagem do cabelo dos africanos durante a escravidão, conforme explicado pela socióloga Anita Pequeno Soares?

Para vender para os engenhos.

- Quem foi Sarah Baartman e como sua história ilustra o racismo colonial em relação ao corpo e à estética negra?

Levada da África do sul ao Reino Unido para parecer em espetáculos de circo.

- Como o movimento rastafári, surgido nos anos 1930, se relaciona com a valorização da estética negra?

era um Príncipe de uma profecia que ele era o messias. eles acreditavam que seriam libertados pelo imperador que tiraria a pobreza do caribe

- O que foi o movimento Negritude e como ele buscou valorizar a cultura africana e a estética dos negros?

outro marco nessa tentativa de olhar diferente para a beleza dos descendentes africanos.

- Qual é a importância histórica da frase "black is beautiful" e como ela se relaciona com os direitos civis e a luta contra o racismo?

o cabelo negro.

- De que maneira o cabelo crespo se tornou um símbolo de orgulho e poder durante os movimentos de resistência dos anos 1960, como o movimento Black Power?

comessaram a ter orgulho do seu cabelo.

- Como o movimento de valorização da estética negra nos Estados Unidos influenciou o Brasil, especialmente no contexto dos "salões étnicos"?

voltados para as pessoas com cabelo crespo.

- Qual era o significado do cabelo para os africanos antes de serem traficados para as Américas?

A FORÇA, CORTE e aderção.

- Como o cabelo dos africanos era alterado durante o processo de tráfico de escravizados?

CORTAVAM OS CABELOS, e muitas, sem cabelo.

- Qual era a finalidade da raspagem do cabelo dos africanos durante a escravidão, conforme explicado pela socióloga Anita Pequeno Soares?

para vender para os senhores.

- Quem foi Sarah Baartman e como sua história ilustra o racismo colonial em relação ao corpo e à estética negra?

LEVADA DA AFRICA DO SUL AO MUNDO, PARA APARECER EM EXIBICOES DE CIRCO.

- Como o movimento rastafári, surgido nos anos 1930, se relaciona com a valorização da estética negra?

ELES ACREDITAVAM QUE SERIAM LIBERTADOS IMPERIA DO QUE OS TIRAVAM DO PODER NO CARIBE E OS LEVAVAM A AFRICA.

- O que foi o movimento Negritude e como ele buscou valorizar a cultura africana e a estética dos negros?

ESCRAVIZADOS FOI O MOVIMENTO, NEGRO DE TAMBEM NOS ANOS 1930 PRA MOVIMENTO SARTRE.

- Qual é a importância histórica da frase "black is beautiful" e como ela se relaciona com os direitos civis e a luta contra o racismo?

FORÇA NEGA, IMPROVAVELMENTE OS NEGROS.

- De que maneira o cabelo crespo se tornou um símbolo de orgulho e poder durante os movimentos de resistência dos anos 1960, como o movimento Black Power?

FORAM PRIMEIROS ANOS, ESTAVAM PRECUPADOS EM NEGAR A DIGNIDADE DO BLACK POWER.

- Como o movimento de valorização da estética negra nos Estados Unidos influenciou o Brasil, especialmente no contexto dos "salões étnicos"?

TIVERAM REFLEXOS NO BRASIL COM UM EXEMPLO COM A PRESSÃO CRIANDO.

- Qual era o significado do cabelo para os africanos antes de serem traficados para as Américas?

ORIGENS, ETNIAS, RELIGIÕES, STATUS SOCIAL.

- Como o cabelo dos africanos era alterado durante o processo de tráfico de escravizados?

RASPANDO OS CABELOS E CORTANDO.

- Qual era a finalidade da raspagem do cabelo dos africanos durante a escravidão, conforme explicado pela socióloga Anita Pequeno Soares?

NÃO GOSTAVAM E ACHAVAM.

- Quem foi Sarah Baartman e como sua história ilustra o racismo colonial em relação ao corpo e à estética negra?

ELA FOI LEVADA A ÁFRICA DO SUL ATÉ O REINO UNIDO.

- Como o movimento rastafári, surgido nos anos 1930, se relaciona com a valorização da estética negra?

ERA O CUMPRIMENTO DE UMA PROFECIA E QUE ELE ERA O MESSIAS.

- O que foi o movimento Negritude e como ele buscou valorizar a cultura africana e a estética dos negros?

COMBATER O RACISMO

- Qual é a importância histórica da frase "black is beautiful" e como ela se relaciona com os direitos civis e a luta contra o racismo?

O PRETO É BONITO, PARA NÃO TER

- De que maneira o cabelo crespo se tornou um símbolo de orgulho e poder durante os movimentos de resistência dos anos 1960, como o movimento Black Power?

DEV AO CABELO AFRO PARAR CEMTA NA ESTÉTICA NEGRA

- Como o movimento de valorização da estética negra nos Estados Unidos influenciou o Brasil, especialmente no contexto dos "salões étnicos"?

PARA RECONHECEREM QUE É BONITO

- Qual era o significado do cabelo para os africanos antes de serem traficados para as Américas?

porque eles não tinham o cabelo podado igual de outros

- Como o cabelo dos africanos era alterado durante o processo de tráfico de escravizados?

eles raspavam

- Qual era a finalidade da raspagem do cabelo dos africanos durante a escravidão, conforme explicado pela socióloga Anita Pequeno Soares?

porque não gostavam e não achavam bonito ele

- Quem foi Sarah Baartman e como sua história ilustra o racismo colonial em relação ao corpo e à estética negra?

ela foi levada da África do Sul ao Reino Unido

- Como o movimento rastafári, surgido nos anos 1930, se relaciona com a valorização da estética negra?

era o cumprimento de uma profecia e que ele era o messias

- O que foi o movimento Negritude e como ele buscou valorizar a cultura africana e a estética dos negros?

contra o racismo

- Qual é a importância histórica da frase "black is beautiful" e como ela se relaciona com os direitos civis e a luta contra o racismo?

que diz que o preto é bonito

- De que maneira o cabelo crespo se tornou um símbolo de orgulho e poder durante os movimentos de resistência dos anos 1960, como o movimento Black Power?

de uma forma de combater o racismo

- Como o movimento de valorização da estética negra nos Estados Unidos influenciou o Brasil, especialmente no contexto dos "salões étnicos"?

de que todo um é bonito

- Qual era o significado do cabelo para os africanos antes de serem traficados para as Américas?

o corte de cabelo e as aderções podiam representar
origens, etnias, religiões

- Como o cabelo dos africanos era alterado durante o processo de tráfico de escravizados?

fazia das cabeças rasgadas das apuradas momentaneamente
em que eram aplicadas penas de pavão de algodão

- Qual era a finalidade da raspagem do cabelo dos africanos durante a escravidão, conforme explicado pela socióloga Anita Pequeno Soares?

a raspagem do cabelo era feita para evitar a
transmissão de doenças entre os escravizados
que eram considerados animais

- Quem foi Sarah Baartman e como sua história ilustra o racismo colonial em relação ao corpo e à estética negra?

Sarah Baartman, conhecida como a Hottentot Venus
foi uma mulher sul-africana que foi exibida em
circos e museus europeus como uma "curiosidade
racial"

- Como o movimento rastafári, surgido nos anos 1930, se relaciona com a valorização da estética negra?

uma forma de resistência política e cultural
que valoriza a estética negra e a conexão
com a África

- O que foi o movimento Negritude e como ele buscou valorizar a cultura africana e a estética dos negros?

foi um movimento cultural e literário
que surgiu na França e no Reino Unido
no início do século XX, com o objetivo de
valorizar a cultura e a estética negra

- Qual é a importância histórica da frase "black is beautiful" e como ela se relaciona com os direitos civis e a luta contra o racismo?

em 1968, a atriz americana
com o mesmo nome, tornou-se uma das
principais figuras do movimento
Black Power

- De que maneira o cabelo crespo se tornou um símbolo de orgulho e poder durante os movimentos de resistência dos anos 1960, como o movimento Black Power?

ajudou a construir uma identidade
política e cultural para os negros
durante o movimento Black Power

- Como o movimento de valorização da estética negra nos Estados Unidos influenciou o Brasil, especialmente no contexto dos "salões étnicos"?

uma forma de resistência
política e cultural que influenciou
o movimento Black Power no Brasil
e a valorização da estética negra

ANEXO B — Sarará Miolo de Gilberto Gil

Os materiais que se seguem constituem o registro documental e o recurso pedagógico desenvolvido para a atividade sobre a música "Sará Miolo de Gilberto Gil", realizada com a turma do 8º ano do Ensino Fundamental. Esta coleção de anexos tem como objetivo: Documentar o processo educativo vivido em sala de aula; Oferecer modelos e inspiração para outros educadores interessados em trabalhar temáticas étnico-raciais através da arte; preservar as vozes e produções dos estudantes, que demonstram o impacto transformador da discussão; subsidiar futuras reflexões sobre o uso da música como ferramenta de combate ao racismo e valorização da diversidade brasileira.

Os anexos aqui compilados foram organizados para guiar o leitor por uma experiência pedagógica completa desde o planejamento inicial até os resultados concretos, revelando como uma canção pode se tornar poderoso instrumento de discussão identitária e espelho para o autorreconhecimento de jovens em formação.

Através destes materiais, é possível compreender como a obra de Gilberto Gil transcende o campo artístico para assumir relevante função social e educativa, especialmente para estudantes que se veem representados na complexa e rica teia da mestiçagem brasileira.

(Música: Sarará Miolo-Gilberto Gil)

Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará, Sarará
 Sara, sara, sara, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo

Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará

ATIVIDADE DE SONDAGEM

1. O que você acha que a música está querendo dizer sobre a sociedade?
 não tem importância quando a pessoa tem um cabelo
 não quer cabelo liso mas tem importância
2. Por que você acha que a música fala sobre "curar a doença de querer cabelo liso"?
 como a doença de cabelo liso também tem a cura
 da doença de cabelo liso
3. O que significa para você a ideia de "ser você crioulo"?
 não me sinto de ser eu mesmo tanto que eu mesmo
 eu também não sinto que ninguém que eu mesmo
4. Como você se sente em relação ao cabelo e à aparência?
 não sinto cabelo liso mas sinto cabelo liso
 não sinto cabelo liso mas
5. Você acha que, hoje em dia, ainda existem padrões de beleza que desfavorecem as pessoas negras? Como podemos mudar isso?
 não acho que existem mais hoje de beleza com as
 pessoas negras e as pessoas brancas mudar
 de beleza lisa e padecer com as pessoas brancas

(Música: Sarará Miolo-Gilberto Gil)

Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará, Sarará
 Sara, sara, sara, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo

Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará

ATIVIDADE DE SONDAGEM

1. O que você acha que a música está querendo dizer sobre a sociedade?

QUE QUEREMOS SEMPRE MUDAR MESMO JÁ SENDO NOSSA MELHOR
VERSÃO.

2. Por que você acha que a música fala sobre "curar a doença de querer cabelo liso"?

QUE QUANDO GENTILHOMENS MUITO NISSO ACABA SE TORNANDO ALGO PREJUDICIAL
COMO UMA DOENÇA.

3. O que significa para você a ideia de "ser você crioulo"?

PARA MIM "CRIOLO" É SER NOVO E MUITO ALGO NOVO.

4. Como você se sente em relação ao cabelo e à aparência?

NORMAL.

5. Você acha que, hoje em dia, ainda existem padrões de beleza que desfavorecem as pessoas negras? Como podemos mudar isso?

SIM, QUERENDO ESSAS PESSOAS E MOSTRANDO QUE AS PESSOAS
NEGAS TÊM UM SEU JEITO.

(Música: Sarará Miolo-Gilberto Gil)

Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará, Sarará
 Sara, sara, sara, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo

Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará

ATIVIDADE DE SONDAGEM

1. O que você acha que a música está querendo dizer sobre a sociedade?

Isa querendo falar sobre o cabelo

2. Por que você acha que a música fala sobre "curar a doença de querer cabelo liso"?

Sobre pessoas que tem cabelo crescido e quer alisar

3. O que significa para você a ideia de "ser você crioulo"?

É uma pessoa "puro" pois é uma mistura de brancos com pretos

4. Como você se sente em relação ao cabelo e à aparência?

me sinto confortável pois meu cabelo é minha marca registrada

5. Você acha que, hoje em dia, ainda existem padrões de beleza que desfavorecem as pessoas negras? Como podemos mudar isso?

Não acho pois cada um com sua beleza e cultura

(Música: Sarará Miolo-Gilberto Gil)

Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará, Sarará
 Sara, sara, sara, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo

Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará

ATIVIDADE DE SONDAGEM

1. O que você acha que a música está querendo dizer sobre a sociedade?

Sobre o Racismo.

2. Por que você acha que a música fala sobre "curar a doença de querer cabelo liso"?

por que tem cabelo sempre / coqueado

3. O que significa para você a ideia de "ser você crioulo"?

para se aceitar como é, e não se comparar

4. Como você se sente em relação ao cabelo e à aparência?

Normal não ligo para ninguém

5. Você acha que, hoje em dia, ainda existem padrões de beleza que desfavorecem as pessoas negras? Como podemos mudar isso?

Sim, não julgando, não fazendo Racismo.

(Música: Sarará Miolo-Gilberto Gil)

Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará, Sarará
 Sara, sara, sara, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo

Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará

ATIVIDADE DE SONDAGEM

1. O que você acha que a música está querendo dizer sobre a sociedade?

que não deve ter preconceito em ser cabelo

2. Por que você acha que a música fala sobre "curar a doença de querer cabelo liso"?

porque o povo não aceita o cabelo liso.

3. O que significa para você a ideia de "ser você crioulo"?

1 mistura de uma mãe Preta e um Pai Branco

4. Como você se sente em relação ao cabelo e à aparência?

Normal

5. Você acha que, hoje em dia, ainda existem padrões de beleza que desfavorecem as pessoas negras? Como podemos mudar isso?

*Não porque a aparência em dia não é a
 ligada mais para isso.*

(Música: Sarará Miolo-Gilberto Gil)

Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará, Sarará
 Sara, sara, sara, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo

Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará

ATIVIDADE DE SONDAGEM

1. O que você acha que a música está querendo dizer sobre a sociedade?

que o cabelo de outros gente é diferente

2. Por que você acha que a música fala sobre "curar a doença de querer cabelo liso"?

Por que o cabelo é crespo

3. O que significa para você a ideia de "ser você crioulo"?

filho de branco

4. Como você se sente em relação ao cabelo e à aparência?

normal

5. Você acha que, hoje em dia, ainda existem padrões de beleza que desfavorecem as pessoas negras? Como podemos mudar isso?

Sim, ter mais leis com justiça.

(Música: Sarará Miolo-Gilberto Gil)

Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará, Sarará
 Sara, sara, sara, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo

Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará

ATIVIDADE DE SONDAGEM

1. O que você acha que a música está querendo dizer sobre a sociedade?

SOBRE O PADRÃO DE CABELO QUE É COBRADO

2. Por que você acha que a música fala sobre "curar a doença de querer cabelo liso"?

QUE AS PESSOAS DE CABELO CACHADO ALIZANDO O CABELO

3. O que significa para você a ideia de "ser você crioulo"?

UMA MISTURA DE NEGRA COM BRANCA

4. Como você se sente em relação ao cabelo e à aparência?

EU ME SINTO BEM, TIRANDO O MEU ROSTO

5. Você acha que, hoje em dia, ainda existem padrões de beleza que desfavorecem as pessoas negras? Como podemos mudar isso?

SIM, SEM JULGAR, SEM ACUSAR.

Scarlize

(Música: Sarará Miolo-Gilberto Gil)

Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará, Sarará
 Sara, sara, sara, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo

Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará

ATIVIDADE DE SONDAGEM

1. O que você acha que a música está querendo dizer sobre a sociedade?

Que tem brancos que ingenuamente ainda tem pensamentos racistas

2. Por que você acha que a música fala sobre "curar a doença de querer cabelo liso"?

Porque tem pessoas que não se aceitam de tudo que é, e tem insegurança com a aparência

3. O que significa para você a ideia de "ser você crioulo"?

Pessoas que tem mãe branca (ou pai) e pai negro

4. Como você se sente em relação ao cabelo e à aparência?

normal

5. Você acha que, hoje em dia, ainda existem padrões de beleza que desfavorecem as pessoas negras? Como podemos mudar isso?

Sim, há muitos padrões preconceituosos no mundo, e um desses padrões seria, "branca, cabelo liso, corpo anupulhado"

(Música: Sarará Miolo-Gilberto Gil)

Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará, Sarará
 Sara, sara, sara, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo

Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará

ATIVIDADE DE SONDAGEM

1. O que você acha que a música está querendo dizer sobre a sociedade?

Qu a sociedade é muito racista

2. Por que você acha que a música fala sobre "curar a doença de querer cabelo liso"?

*Por que muitos negros que tem o cabelo crespo se envergonham que
 tenha cabelo liso*

3. O que significa para você a ideia de "ser você crioulo"?

pensando que tem pai preto e mãe branca

4. Como você se sente em relação ao cabelo e à aparência?

normal mais e feliz

5. Você acha que, hoje em dia, ainda existem padrões de beleza que desfavorecem as pessoas negras? Como podemos mudar isso?

*Sim ainda existe muito padrão de beleza para pessoas
 de cabelo liso*

(Música: Sarará Miolo-Gilberto Gil)

Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará, Sarará
 Sara, sara, sara, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo

Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará

ATIVIDADE DE SONDAGEM

1. O que você acha que a música está querendo dizer sobre a sociedade?

que essa sociedade não querendo esquecer as origens
 mas de cabelo natural

2. Por que você acha que a música fala sobre "curar a doença de querer cabelo liso"?

por que mudar do cabelo lizo e esquecendo as origens
 químicas para deixar lizo e esquecendo as origens.

3. O que significa para você a ideia de "ser você crioulo"?

mas descendentes de escravos, e que não mistura
 a pele negra e a pele branca.

4. Como você se sente em relação ao cabelo e à aparência?

normal, como meu cabelo mais mudando para lizo.
 minha aparência eu gosto, mas para camuflar meu rosto.

5. Você acha que, hoje em dia, ainda existem padrões de beleza que desfavorecem as pessoas negras? Como podemos mudar isso?

Sim, pois muitas pessoas mudam, pois tem gente que
 acha que tem que seguir os padrões de beleza. Gente
 pode mudar fazendo que as pessoas entendam que não é disso
 feito.

(Música: Sarará Miolo-Gilberto Gil)

Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará, Sarará
 Sara, sara, sara, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo

Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará

ATIVIDADE DE SONDAGEM

1. O que você acha que a música está querendo dizer sobre a sociedade?

falando sobre o racismo

2. Por que você acha que a música fala sobre "curar a doença de querer cabelo liso"?

por tanto preconceito

3. O que significa para você a ideia de "ser você crioulo"?

significa ser uma mistura de brancos com pretos

4. Como você se sente em relação ao cabelo e à aparência?

Bem, me sinto linda

5. Você acha que, hoje em dia, ainda existem padrões de beleza que desfavorecem as pessoas negras? Como podemos mudar isso?

Sim, sendo menos preconceituosa

(Música: Sarará Miolo-Gilberto Gil)

Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará, Sarará
 Sara, sara, sara, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará (sarará)
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo

Sara, sara, sara, sarará, sarará miolo
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença
 Sara, sara, sara cura
 Dessa doença de branco
 De querer cabelo liso
 Já tendo cabelo louro
 Cabelo duro é preciso
 Que é pra ser você crioulo
 Sarará, Sarará

ATIVIDADE DE SONDAGEM

1. O que você acha que a música está querendo dizer sobre a sociedade?

O racismo.

2. Por que você acha que a música fala sobre "curar a doença de querer cabelo liso"?

hí endia era uma doença, pelo ato racista,
 pessoas de cabelo crespo alisar o cabelo

3. O que significa para você a ideia de "ser você crioulo"?

ser Preto.

4. Como você se sente em relação ao cabelo e à aparência?

Bem, tenho minha própria Beleza.

5. Você acha que, hoje em dia, ainda existem padrões de beleza que desfavorecem as pessoas negras? Como podemos mudar isso?

sim, nos assitar dos nossos geitinhos

ANEXO C — A revolução na cabeça.

Os materiais que se seguem representam o conjunto documental e recurso pedagógico desenvolvidos para a atividade: A revolução na cabeça: a estética de Gilberto Gil nos anos 1970 como símbolo de resistência. Esta compilação de anexos busca: registrar o percurso educativo implementado em ambiente escolar; oferecer ferramentas concretas para educadores que pretendem explorar a dimensão política das expressões estéticas negras; documentar as reflexões e produções dos estudantes, evidenciando o poder transformador do trabalho com representatividade e autoestima; servir como base para futuras investigações sobre a relação entre estética, identidade e resistência cultural na educação.

A intenção é conduzir o leitor por uma experiência pedagógica completa do planejamento teórico aos resultados tangíveis, demonstrando como a figura icônica de Gilberto Gil e sua expressão estética nos anos 1970 podem servir como poderoso catalisador para discussões sobre representatividade negra, descolonização dos corpos e construção de identidades.

Através destes documentos, torna-se visível como a jornada estética do artista transcende o campo musical para converter-se em relevante instrumento educativo, particularmente significativo para jovens em processo de formação identitária e reconhecimento de sua própria beleza e valor na diversidade brasileira.



ATIVIDADE DE SONDAGEM

ESTÉTICA DO CABELO DO GILBERTO GIL NOS ANOS 1970

- Você conhece Gilberto Gil? O que sabe sobre ele?

Ele é cantor, foi jogador de futebol etc

- Observe o cabelo dele nesta imagem. Como você descreveria esse estilo?

um cabelo bem estiloso para aquela época

- Você já viu outras pessoas usando esse tipo de cabelo? Em que contextos?

sim, foi colegas e conhecidos

- Na sua opinião, o que esse tipo de cabelo pode representar?

aqueles a cultura negra

- Você acha que o cabelo pode ser uma forma de expressão cultural ou política? Por quê?

talvez cultural, pq

- Como você acha que as pessoas reagiam ao cabelo de Gilberto Gil naquela época (anos 1970)?

com preconceito

- Hoje em dia, você acha que existe preconceito contra cabelos crespos ou afros? Já presenciou alguma situação assim?

sim, acho qm

- Você já ouviu frases como “precisa arrumar o cabelo” ou “cabelo ruim”? O que acha dessas expressões?

sim, acho horrível

- Como você acha que o estilo do cabelo de Gilberto Gil se relaciona com a identidade negra?

pq muitos tem cabelo afro etc



ATIVIDADE DE SONDAGEM

ESTÉTICA DO CABELO DO GILBERTO GIL NOS ANOS 1970

- Você conhece Gilberto Gil? O que sabe sobre ele?

Sim, que é um cantor importante para a cultura negro

- Observe o cabelo dele nesta imagem. Como você descreveria esse estilo?

Os dreadlocks que afina que está a si mesmo

- Você já viu outras pessoas usando esse tipo de cabelo? Em que contextos?

Sim nas redes sociais

- Na sua opinião, o que esse tipo de cabelo pode representar?

que se aceita dessa forma

- Você acha que o cabelo pode ser uma forma de expressão cultural ou política? Por quê?

Sim, é uma forma de se aceitar

- Como você acha que as pessoas reagiam ao cabelo de Gilberto Gil naquela época (anos 1970)?

Preconceito

- Hoje em dia, você acha que existe preconceito contra cabelos crespos ou afros? Já presenciou alguma situação assim?

Sim, presenciado com frequência

- Você já ouviu frases como “precisa arrumar o cabelo” ou “cabelo ruim”? O que acha dessas expressões?

Acho preconceituosa

- Como você acha que o estilo do cabelo de Gilberto Gil se relaciona com a identidade negra?

Sim



ATIVIDADE DE SONDAGEM

ESTÉTICA DO CABELO DO GILBERTO GIL NOS ANOS 1970

- Você conhece Gilberto Gil? O que sabe sobre ele?

Sim, que ele é um cantor dos anos 1970 que marcou, pois ele canta sobre a cultura negra.

- Observe o cabelo dele nesta imagem. Como você descreveria esse estilo?

dreads, descolado

- Você já viu outras pessoas usando esse tipo de cabelo? Em que contextos?

Sim, na rua, internet...

- Na sua opinião, o que esse tipo de cabelo pode representar?

Força

- Você acha que o cabelo pode ser uma forma de expressão cultural ou política? Por quê?

Sim, pois em um lugar que todos usam o cabelo liso e quando uma pessoa com cabelo cacheado vai dar para

- Como você acha que as pessoas reagiam ao cabelo de Gilberto Gil naquela época (anos 1970)? influenciar

Com preconceito

- Hoje em dia, você acha que existe preconceito contra cabelos crespos ou afros? Já presenciou alguma situação assim?

Sim, teve uma vez que chamaram o cabelo de esponja.

- Você já ouviu frases como “precisa arrumar o cabelo” ou “cabelo ruim”? O que acha dessas expressões?

que opina que um cabelo ruim é liso

- Como você acha que o estilo do cabelo de Gilberto Gil se relaciona com a identidade negra?

por conta da cor de pele e por conta do cabelo.



ATIVIDADE DE SONDAAGEM

ESTÉTICA DO CABELO DO GILBERTO GIL NOS ANOS 1970

- Você conhece Gilberto Gil? O que sabe sobre ele?

SIM, ELE TEM CABELO CRESCIDO E CACHEADO

- Observe o cabelo dele nesta imagem. Como você descreveria esse estilo?

O CABELO CRESCIDO E CACHEADO

- Você já viu outras pessoas usando esse tipo de cabelo? Em que contextos?

SIM, NA ESCOLA, NA RUA, NA INTERVISTE E ETC

- Na sua opinião, o que esse tipo de cabelo pode representar?

FORÇA

- Você acha que o cabelo pode ser uma forma de expressão cultural ou política? Por quê?

NÃO, POR QUE O CABELO NÃO DIZ NADA

- Como você acha que as pessoas reagiam ao cabelo de Gilberto Gil naquela época (anos 1970)?

FAZIAM RABUGAS POR BOMBA DO CABELO

- Hoje em dia, você acha que existe preconceito contra cabelos crespos ou afros? Já presenciou alguma situação assim?

SIM, NÃO

- Você já ouviu frases como “precisa arrumar o cabelo” ou “cabelo ruim”? O que acha dessas expressões?

SIM, É MUITO COMUM

- Como você acha que o estilo do cabelo de Gilberto Gil se relaciona com a identidade negra?

POR BOMBA DO CABELO E A COR



ATIVIDADE DE SONDAGEM

ESTÉTICA DO CABELO DO GILBERTO GIL NOS ANOS 1970

- Você conhece Gilberto Gil? O que sabe sobre ele?

SIM, FOI UM GRANDE CANTOR SEMPRE
REPRESENTANDO A CULTURA NEGRA

- Observe o cabelo dele nesta imagem. Como você descreveria esse estilo?

CABELOS COM DREDS, NATURAL e ETC

- Você já viu outras pessoas usando esse tipo de cabelo? Em que contextos?

SIM, NO CENTRO, SHOP, ESCOLA

- Na sua opinião, o que esse tipo de cabelo pode representar?

CULTURA

- Você acha que o cabelo pode ser uma forma de expressão cultural ou política? Por quê?

SIM, POIS MOSTRA QUE A PESSOA TEM RESISTÊNCIA

- Como você acha que as pessoas reagiam ao cabelo de Gilberto Gil naquela época (anos 1970)?

COM PRECONCEITO

- Hoje em dia, você acha que existe preconceito contra cabelos crespos ou afros? Já presenciou alguma situação assim?

SIM, NÃO.

- Você já ouviu frases como “precisa arrumar o cabelo” ou “cabelo ruim”? O que acha dessas expressões?

SIM, ACHO DESNECESSÁRIO.

- Como você acha que o estilo do cabelo de Gilberto Gil se relaciona com a identidade negra?

POR CAUSA QUE NO PASSADO ERA ASSIM



ATIVIDADE DE SONDAAGEM

ESTÉTICA DO CABELO DO GILBERTO GIL NOS ANOS 1970

- Você conhece Gilberto Gil? O que sabe sobre ele?

Sim, é um cantor importante, pra cultura negra

- Observe o cabelo dele nesta imagem. Como você descreveria esse estilo?

é um estilo de cabelo afro com dread

- Você já viu outras pessoas usando esse tipo de cabelo? Em que contextos?

sim, na escola na militância

- Na sua opinião, o que esse tipo de cabelo pode representar?

orgulho negro

- Você acha que o cabelo pode ser uma forma de expressão cultural ou política? Por quê?

sim, porque algumas pessoas tem preconceito

- Como você acha que as pessoas reagiam ao cabelo de Gilberto Gil naquela época (anos 1970)?

com medo, com medo

- Hoje em dia, você acha que existe preconceito contra cabelos crespos ou afros? Já presenciou alguma situação assim?

sim,

- Você já ouviu frases como “precisa arrumar o cabelo” ou “cabelo ruim”? O que acha dessas expressões?

sim são preconceituosas

- Como você acha que o estilo do cabelo de Gilberto Gil se relaciona com a identidade negra?

porque é uma forma de orgulho



ATIVIDADE DE SONDAGEM

ESTÉTICA DO CABELO DO GILBERTO GIL NOS ANOS 1970

- Você conhece Gilberto Gil? O que sabe sobre ele?

Sim, ele é conhecido por defender a cultura negra

- Observe o cabelo dele nesta imagem. Como você descreveria esse estilo?

parece dread

- Você já viu outras pessoas usando esse tipo de cabelo? Em que contextos?

Sim, em valorização da cultura

- Na sua opinião, o que esse tipo de cabelo pode representar?

força orgulho entre outros

- Você acha que o cabelo pode ser uma forma de expressão cultural ou política? Por quê?

cultural porque está valorizando a cultura africana

- Como você acha que as pessoas reagiam ao cabelo de Gilberto Gil naquela época (anos 1970)?

tinham preconceito com o cabelo dele

- Hoje em dia, você acha que existe preconceito contra cabelos crespos ou afros? Já presenciou alguma situação assim?

Sim, já presenciei

- Você já ouviu frases como “precisa arrumar o cabelo” ou “cabelo ruim”? O que acha dessas expressões?

Não, mais acho preconceituoso

- Como você acha que o estilo do cabelo de Gilberto Gil se relaciona com a identidade negra?

uma valorização dele



ATIVIDADE DE SONDAAGEM

ESTÉTICA DO CABELO DO GILBERTO GIL NOS ANOS 1970

- Você conhece Gilberto Gil? O que sabe sobre ele?

Sim, Gilberto era um dos músicos mais famosos usados músicos internacionais.

- Observe o cabelo dele nesta imagem. Como você descreveria esse estilo?

É um cabelo black power um estilo que representa resistência.

- Você já viu outras pessoas usando esse tipo de cabelo? Em que contextos?

Sim já vi vários Pacas e Vídeos

- Na sua opinião, o que esse tipo de cabelo pode representar?

Força, resistência e etc

- Você acha que o cabelo pode ser uma forma de expressão cultural ou política? Por quê?

Sim, mas não que está resistindo contra o racismo.

- Como você acha que as pessoas reagiam ao cabelo de Gilberto Gil naquela época (anos 1970)?

Achavam muito ruim, sujo e etc.

- Hoje em dia, você acha que existe preconceito contra cabelos crespos ou afros? Já presenciou alguma situação assim?

Sim, em alguns vídeos.

- Você já ouviu frases como “precisa arrumar o cabelo” ou “cabelo ruim”? O que acha dessas expressões?

Sim acho preconceitos

- Como você acha que o estilo do cabelo de Gilberto Gil se relaciona com a identidade negra?

Porque representa resistência e orgulho.



ATIVIDADE DE SONDAAGEM

ESTÉTICA DO CABELO DO GILBERTO GIL NOS ANOS 1970

- Você conhece Gilberto Gil? O que sabe sobre ele?

Sim, como dos músicos mais importantes

- Observe o cabelo dele nesta imagem. Como você descreveria esse estilo?

tipo o cabelo com dread.

- Você já viu outras pessoas usando esse tipo de cabelo? Em que contextos?

Sim, familiares, amigos, influenciadores.

- Na sua opinião, o que esse tipo de cabelo pode representar?

Orgulho, força, personalidade.

- Você acha que o cabelo pode ser uma forma de expressão cultural ou política? Por quê?

Sim, pois a pessoa tem orgulho de ser negro

- Como você acha que as pessoas reagiam ao cabelo de Gilberto Gil naquela época (anos 1970)?

com preconceito, nega, não

- Hoje em dia, você acha que existe preconceito contra cabelos crespos ou afros? Já presenciou alguma situação assim?

Sim, pois AINDA HOJE em dia muitas pessoas NÃO entendem.

- Você já ouviu frases como “precisa arrumar o cabelo” ou “cabelo ruim”? O que acha dessas expressões?

Que muita gente NÃO entende o orgulho de ter o cabelo e quem ele representa.

- Como você acha que o estilo do cabelo de Gilberto Gil se relaciona com a identidade negra?

Sim, pois ele representa o orgulho de ser negro.



ATIVIDADE DE SONDAAGEM

ESTÉTICA DO CABELO DO GILBERTO GIL NOS ANOS 1970

- Você conhece Gilberto Gil? O que sabe sobre ele?

sim, gilberto gil é cantor muito conhecido e importante na consciência negra

- Observe o cabelo dele nesta imagem. Como você descreveria esse estilo?

um estilo bonito.

- Você já viu outras pessoas usando esse tipo de cabelo? Em que contextos?

sim, na rua em tvs e etc.

- Na sua opinião, o que esse tipo de cabelo pode representar?

força.

- Você acha que o cabelo pode ser uma forma de expressão cultural ou política? Por quê?

os dois, pois hoje em dia cabelos assim são muito criticados.

- Como você acha que as pessoas reagiam ao cabelo de Gilberto Gil naquela época (anos 1970)?

com preconceito e nojo.

- Hoje em dia, você acha que existe preconceito contra cabelos crespos ou afros? Já presenciou alguma situação assim?

sim, sempre.

- Você já ouviu frases como “precisa arrumar o cabelo” ou “cabelo ruim”? O que acha dessas expressões?

nao.

- Como você acha que o estilo do cabelo de Gilberto Gil se relaciona com a identidade negra?

fala sobre sua força e sua raça.

ANEXO D — Voz e resistência

Os materiais que compõem esta seção representam o registro completo e o recurso educativo desenvolvido para a atividade: voz e resistência: a força da denúncia social na música *A Carne* com Elza Soares. Aplicada com a turma do 8º ano do Ensino Fundamental. Esta coletânea de anexos tem como propósito: documentar o processo pedagógico vivenciado em sala de aula, desde a preparação até a culminância das atividades; disponibilizar instrumentos concretos para docentes interessados em trabalhar crítica social, desigualdade e direitos humanos através da música brasileira; preservar as análises e reações dos estudantes, que revelam o impacto profundo do engajamento com a obra de Elza Soares; constituir base para futuras abordagens sobre o uso da arte como ferramenta de conscientização social e formação cidadã.

Os anexos aqui sistematizados conduzem o leitor por uma experiência educativa integral dos fundamentos teóricos aos produtos finais, ilustrando como a interpretação visceral de Elza Soares para "*A Carne*" pode operar como ferramenta pedagógica capaz de despertar consciências e promover reflexões críticas sobre a realidade social brasileira.

Por meio destes documentos, torna-se evidente como a obra da artista ultrapassa o âmbito musical para assumir função educativa fundamental, servindo como espelho das desigualdades sociais e como instrumento de denúncia que continua atual e necessária, especialmente para jovens em fase de construção de seu posicionamento ético e social.



ATIVIDADE DE SONDAGEM

MÚSICA: A CARNE DE ELZA SOARES

1. O que você entende por desigualdade social?

Desigualdade social é quando algumas pessoas tem mais coisas e outras não tem.

2. Você já ouviu falar em racismo estrutural? O que acha que isso significa?

Significa discriminação. Quando as pessoas são tratadas de forma diferente por serem negras ou brancas.

3. Você acha que todas as vidas têm o mesmo valor na nossa sociedade? Por quê?

Não, porque algumas pessoas são mais importantes do que outras.

4. Quando se fala que "a carne mais barata do mercado é a carne negra", o que você imagina que essa frase quer dizer?

Quem quer dizer que as pessoas negras são tratadas de forma diferente.

5. Você conhece a cantora Elza Soares? Se sim, o que sabe sobre ela?

Sim, sei que ela foi uma cantora muito importante.



ATIVIDADE DE SONDAAGEM

MÚSICA: A CARNE DE ELZA SOARES

1. O que você entende por desigualdade social?

que algumas pessoas tem muito e
algumas não tem nada

2. Você já ouviu falar em racismo estrutural? O que acha que isso significa?

sim, quando o racismo está presente
nas regras, leis e etc.

3. Você acha que todas as vidas têm o mesmo valor na nossa sociedade? Por quê?

sim, pra mim todos são iguais.

4. Quando se fala que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, o que você imagina que essa frase quer dizer?

a desvalorização dos negros na
sociedade.

5. Você conhece a cantora Elza Soares? Se sim, o que sabe sobre ela?

não sei que ela canta a música
“a carne”



ATIVIDADE DE SONDAAGEM

MÚSICA: A CARNE DE ELZA SOARES

1. O que você entende por desigualdade social?

DESIGUALDADE SOCIAL É QUANDO ALGUMAS
PESSOAS TÊM MAIS DIREITOS QUE OUTRAS.

2. Você já ouviu falar em racismo estrutural? O que acha que isso significa?

SIM, O RACISMO ESTRUTURAL É QUANDO É VALE-
MOS ESTA NAS REGRAS.

3. Você acha que todas as vidas têm o mesmo valor na nossa sociedade? Por quê?

SIM, MAS NA PRÁTICA NÃO TEM ALGUM
MOMENTO TRATADOS COM RESPEITO.

4. Quando se fala que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, o que você imagina que essa frase quer dizer?

QUE AS PESSOAS NEGRAS SÃO TRATADAS
COMO SE ELAS VALESSEM MENOS.

5. Você conhece a cantora Elza Soares? Se sim, o que sabe sobre ela?

SIM, ELA É UMA CANTORA MARCANTE QUE
TAVA SOBRE TODA ATENÇÃO.



ATIVIDADE DE SONDAAGEM

MÚSICA: A CARNE DE ELZA SOARES

1. O que você entende por desigualdade social?

Desigualdade social é quando algumas pessoas têm mais direitos que outras.

2. Você já ouviu falar em racismo estrutural? O que acha que isso significa?

Sim, o racismo estrutural é quando o racismo está nas regras.

3. Você acha que todas as vidas têm o mesmo valor na nossa sociedade? Por quê?

Sim, mais na prática não tem ninguém mais tratado com respeito.

4. Quando se fala que "a carne mais barata do mercado é a carne negra", o que você imagina que essa frase quer dizer?

Que as pessoas negras são tratadas como se elas valessem menos.

5. Você conhece a cantora Elza Soares? Se sim, o que sabe sobre ela?

Sim, ela é uma cantora marcante que falou sobre temas difíceis.



ATIVIDADE DE SONDAAGEM

MÚSICA: A CARNE DE ELZA SOARES

1. O que você entende por desigualdade social?

Que a desigualdade social se caracteriza com o tratamento de desiguais que você tem ou não tem

2. Você já ouviu falar em racismo estrutural? O que acha que isso significa?

Sim, se trata de preconceito com pessoas de cores diferentes

3. Você acha que todas as vidas têm o mesmo valor na nossa sociedade? Por quê?

Sim, porque toda vida é importante

4. Quando se fala que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, o que você imagina que essa frase quer dizer?

Que a pele negra é a pele mais desvalorizada

5. Você conhece a cantora Elza Soares? Se sim, o que sabe sobre ela?

Sim, ela é uma cantora muito importante



ATIVIDADE DE SONDAGEM

MÚSICA: A CARNE DE ELZA SOARES

1. O que você entende por desigualdade social?

Pessoas ganhando mais que outras

2. Você já ouviu falar em racismo estrutural? O que acha que isso significa?

Sim, de desigualdade de pessoas negras como nas áreas abandonadas e etc.

3. Você acha que todas as vidas têm o mesmo valor na nossa sociedade? Por quê?

Sim, mas para ter mais igualdade, mas não tem.

4. Quando se fala que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, o que você imagina que essa frase quer dizer?

que as negras tem menos direitos e as brancas mais.

5. Você conhece a cantora Elza Soares? Se sim, o que sabe sobre ela?

Sim é uma cantora bem famosa brasileira que fala sobre situações difíceis.



ATIVIDADE DE SONDAGEM

MÚSICA: A CARNE DE ELZA SOARES

1. O que você entende por desigualdade social?

É QUANDO PESSOAS MENOS AFORZUNADAS SÃO PRIVADAS DE DIREITOS FUNDAMENTAIS PARA SUA VIVÊNCIA

2. Você já ouviu falar em racismo estrutural? O que acha que isso significa?

É QUANDO OCORRE RACISMO EM INSTITUIÇÕES PÚBLICAS LEVANDO PESSOAS NEGRAS TEREM MENOS VANTAGENS

3. Você acha que todas as vidas têm o mesmo valor na nossa sociedade? Por quê?

NÃO, POIS PARA ALGUNS PORQUE DEVE O ESTADO SOCIAL E GOVERNAMENTO PARA CONSIDERAR ALGUM TRUQUE OU BOLA...

4. Quando se fala que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, o que você imagina que essa frase quer dizer?

QUE O “NEGRO” VALE MENOS.

5. Você conhece a cantora Elza Soares? Se sim, o que sabe sobre ela?

SIM, É UMA CANTORA BRASILEIRA QUE FOI MUITO CONHECIDA POR SUA VOZ E MÚSICA QUE CRITICA O RACISMO BRASILEIRO.



ATIVIDADE DE SONDAGEM

MÚSICA: A CARNE DE ELZA SOARES

1. O que você entende por desigualdade social?

desigualdade social é quando algumas pessoas têm muito mais oportunidade, dinheiro, acesso à saúde, educação e moradia do que outras.

2. Você já ouviu falar em racismo estrutural? O que acha que isso significa?

sim, por aqui, racismo estrutural é quando o sistema está estruturado para segregar, discriminar e prejudicar as pessoas, mesmo que as pessoas não percebam.

3. Você acha que todas as vidas têm o mesmo valor na nossa sociedade? Por quê?

desobrigado, mas no princípio não tem

4. Quando se fala que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, o que você imagina que essa frase quer dizer?

acho que dizer que as pessoas negras são tratadas como se fossem menos importantes, menos valorizadas.

5. Você conhece a cantora Elza Soares? Se sim, o que sabe sobre ela?

sim, sei que ela foi uma cantora brasileira muito importante, com uma voz marcante e que falava sobre temas difíceis, como racismo, violência e pobreza.



ATIVIDADE DE SONDAAGEM

MÚSICA: A CARNE DE ELZA SOARES

1. O que você entende por desigualdade social?

*Quem existe pessoas que não tem dinheiro, não estuda
ou até alimentando, tomando-se uma consequência uma
sociedade*

2. Você já ouviu falar em racismo estrutural? O que acha que isso significa?

*Sim, quando julgam pela cor, quando vem
de família*

3. Você acha que todas as vidas têm o mesmo valor na nossa sociedade? Por quê?

*Sim, porque nós somos todos iguais, devemos
ter direitos iguais*

4. Quando se fala que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, o que você imagina que essa frase quer dizer?

*Porque um dia pagaram ou pagaram os negros
para trabalhar / usar / ser com o tempo foi tendo
do dinheiro e deixando de trabalhar e injusto*

5. Você conhece a cantora Elza Soares? Se sim, o que sabe sobre ela?

*Sim, pois ela foi uma das maiores
músicas representativa da população negra*



ATIVIDADE DE SONDAAGEM

MÚSICA: A CARNE DE ELZA SOARES

1. O que você entende por desigualdade social?

Sim, quando uma pessoa negra não tem o mesmo direito da pessoa branca.

2. Você já ouviu falar em racismo estrutural? O que acha que isso significa?

Sim, quando por exemplo um policial para a pessoa só porque ela é negra.

3. Você acha que todas as vidas têm o mesmo valor na nossa sociedade? Por quê?

Sim, por que todas nas formas as mesmas direitos e valores.

4. Quando se fala que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, o que você imagina que essa frase quer dizer?

Por que a pessoa negra não tem o mesmo valor e não é valorizada.

5. Você conhece a cantora Elza Soares? Se sim, o que sabe sobre ela?

Sim, ela foi uma das maiores cantoras do Brasil.



ATIVIDADE DE SONDAAGEM

MÚSICA: A CARNE DE ELZA SOARES

1. O que você entende por desigualdade social?

desigualdade social é quando algumas pessoas tem bastante oportunidade de estudar a saúde e educação.

2. Você já ouviu falar em racismo estrutural? O que acha que isso significa?

sim, já ouviu. Racismo estrutural é quando o racismo está presente na política, instituições e hábitos da sociedade.

3. Você acha que todas as vidas têm o mesmo valor na nossa sociedade? Por quê?

Devem ter, mais na prática não tem alguma vida com mais respeito ingratas entre si e generosas.

4. Quando se fala que "a carne mais barata do mercado é a carne negra", o que você imagina que essa frase quer dizer?

Acho que quer dizer que as pessoas negras são tratadas como se fossem menos.

5. Você conhece a cantora Elza Soares? Se sim, o que sabe sobre ela?

sim, sei que ela foi cantora do Brasil e a voz.



ATIVIDADE DE SONDAGEM

MÚSICA: A CARNE DE ELZA SOARES

1. O que você entende por desigualdade social?

É quando pessoas negras e pobres são tratadas com menos valor

2. Você já ouviu falar em racismo estrutural? O que acha que isso significa?

Sim. O racismo está presente há vários anos em vários aspectos da sociedade

3. Você acha que todas as vidas têm o mesmo valor na nossa sociedade? Por quê?

Não. Às vezes pessoas negras são tratadas com menos valor

4. Quando se fala que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, o que você imagina que essa frase quer dizer?

As pessoas negras valem menos e são mais baratas

5. Você conhece a cantora Elza Soares? Se sim, o que sabe sobre ela?

Sim. Ela representa a resistência das pessoas negras

ANEXO E — Recursos e registros pedagógicos

Os materiais que se seguem constituem o conjunto completo de recursos e registros pedagógicos desenvolvidos para a atividade: Por trás da vaga: uma jornada sobre cotas raciais e as bancas de heteroidentificação implementada com a turma do 8º ano do ensino fundamental. Esta compilação documental tem como objetivos principais: sistematizar o percurso educativo realizado, desde a fundamentação teórica até as produções dos estudantes; disponibilizar instrumentos pedagógicos para educadores comprometidos com a discussão sobre ações afirmativas e justiça social; registrar as reflexões e debates dos estudantes, demonstrando a complexidade e relevância do tema no contexto educacional contemporâneo; servir como base documental para futuras pesquisas e intervenções pedagógicas sobre relações raciais e políticas públicas educacionais.

Os anexos aqui organizados permitem visualizar uma experiência educativa completa da contextualização histórica às simulações práticas, revelando como o tema das cotas raciais e dos mecanismos de verificação podem ser abordados de forma ética e pedagogicamente fundamentada, contribuindo para: a compreensão dos fundamentos históricos das políticas de ação afirmativa; desconstrução de mitos e preconceitos sobre as cotas raciais; entendimento do funcionamento e da importância das bancas de heteroidentificação; desenvolvimento do pensamento crítico sobre mecanismos de combate ao racismo estrutural.

Através destes documentos, evidencia-se como o tratamento pedagógico deste tema sensível pode transformar a sala de aula em espaço de formação cidadã, promovendo uma compreensão mais profunda sobre os mecanismos de inclusão social e a permanente necessidade de se combater as desigualdades históricas em nossa sociedade.

ATIVIDADE DE SONDAÇÃO

BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

1. Você já ouviu falar em cotas raciais? Se sim, o que você entende sobre isso?

Sim, que cota é uma representação
histórica e de gênero

2. Você sabe o que é uma banca de heteroidentificação? O que acha que ela faz?

sim ela identifica a raça da
pessoa

3. Por que você acha que alguém fraudaria uma vaga de cotas raciais?

para beneficiar alguém que não tem
direito

4. Você acredita que é possível alguém se declarar negro ou pardo, mas não ser visto assim pelas outras pessoas? Explique.

Sim porque as pessoas querem se
negar

5. Você acha justo existir um grupo (banca) que avalia se a pessoa realmente pode usar a cota racial? Por quê?

Sim para não ter pessoas
fraudadoras

6. Você acredita que as pessoas negras ainda sofrem racismo no Brasil? Dê um exemplo, se quiser.

sim por conta de estereótipos, por
serem diferentes

7. Na sua opinião, como é possível garantir que as cotas sejam usadas apenas por quem realmente tem direito?

com as bancas

ATIVIDADE DE SONDAAGEM

BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

1. Você já ouviu falar em cotas raciais? Se sim, o que você entende sobre isso?

Sim, que uma cota é uma reparação
histórica e de ensino

2. Você sabe o que é uma banca de heteroidentificação? O que acha que ela faz?

Sim, ela identifica a raça da pessoa

3. Por que você acha que alguém fraudaria uma vaga de cotas raciais?

pra si beneficiar de um direito que
não tem

4. Você acredita que é possível alguém se declarar negro ou pardo, mas não ser visto assim pelas outras pessoas? Explique.

Sim, por que as pessoas querem as vagas
para fraudar.

5. Você acha justo existir um grupo (banca) que avalia se a pessoa realmente pode usar a cota racial? Por quê?

Sim, para não ter pessoas fraudando

6. Você acredita que as pessoas negras ainda sofrem racismo no Brasil? Dê um exemplo, se quiser.

Sim, por conta do cabelo, pele por ser
diferente.

7. Na sua opinião, como é possível garantir que as cotas sejam usadas apenas por quem realmente tem direito?

Com as bancas

ATIVIDADE DE SONDAAGEM

BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

1. Você já ouviu falar em cotas raciais? Se sim, o que você entende sobre isso?

Sim, é sobre separação histórica, sobre racismo como
negativo e superior

2. Você sabe o que é uma banca de heteroidentificação? O que acha que ela faz?

são pessoas que vão identificar se o participante é
negro ou não

3. Por que você acha que alguém fraudaria uma vaga de cotas raciais?

Para tentar ganhar vantagem

4. Você acredita que é possível alguém se declarar negro ou pardo, mas não ser visto assim pelas outras pessoas? Explique.

Sim, ele pode mudar em seus históricos

5. Você acha justo existir um grupo (banca) que avalia se a pessoa realmente pode usar a cota racial? Por quê?

Sim porque eles vão identificar e garantir
direitos e não

6. Você acredita que as pessoas negras ainda sofrem racismo no Brasil? Dê um exemplo, se quiser.

Sim, tipo pessoa que chegam na escola e os
pessoas dizem bullying com ele (racismo)

7. Na sua opinião, como é possível garantir que as cotas sejam usadas apenas por quem realmente tem direito?

existindo a banca de hetero identificação

ATIVIDADE DE SONDAGEM

BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

1. Você já ouviu falar em cotas raciais? Se sim, o que você entende sobre isso?

Sim, por conta da desigualdade histórica das pessoas
afetada

2. Você sabe o que é uma banca de heteroidentificação? O que acha que ela faz?

Sim, diferença entre as pessoas das cores

3. Por que você acha que alguém fraudaria uma vaga de cotas raciais?

Por ganho vantagem

4. Você acredita que é possível alguém se declarar negro ou pardo, mas não ser visto assim pelas outras pessoas? Explique.

Sim, pois alguns não gostam de se declarar

5. Você acha justo existir um grupo (banca) que avalia se a pessoa realmente pode usar a cota racial? Por quê?

Sim, para que não haja discriminação e para garantir a cota

6. Você acredita que as pessoas negras ainda sofrem racismo no Brasil? Dê um exemplo, se quiser.

Sim, as vezes discriminação na escola

7. Na sua opinião, como é possível garantir que as cotas sejam usadas apenas por quem realmente tem direito?

Com a banca de heteroidentificação

ATIVIDADE DE SONDAAGEM

BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

1. Você já ouviu falar em cotas raciais? Se sim, o que você entende sobre isso?

Sim, Representar um percentual dentro de
atividades

2. Você sabe o que é uma banca de heteroidentificação? O que acha que ela faz?

é para identificar se a pessoa
é negra ou não e se tem tempo

3. Por que você acha que alguém fraudaria uma vaga de cotas raciais?

por que ela quer representar a
representação

4. Você acredita que é possível alguém se declarar negro ou pardo, mas não ser visto assim pelas outras pessoas? Explique.

Sim, pois nem todo mundo enxerga
a cor da pessoa negra

5. Você acha justo existir um grupo (banca) que avalia se a pessoa realmente pode usar a cota racial? Por quê?

Sim, pois se alguma pessoa não
é ela não tem o direito de tirar a vaga
de outra pessoa preto

6. Você acredita que as pessoas negras ainda sofrem racismo no Brasil? Dê um exemplo, se quiser.

Sim, pois ainda tem pessoas
que chamam de macaco e outras apelidos de raça

7. Na sua opinião, como é possível garantir que as cotas sejam usadas apenas por quem realmente tem direito?

Porque não se permitem as pessoas
pretas que não tem o direito de

ATIVIDADE DE SONDAAGEM

BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

1. Você já ouviu falar em cotas raciais? Se sim, o que você entende sobre isso?

SÃO COTAS DE ADUNADOZ 809 93-085 902 90005 90
PLASJET SOCIAIS. 809 93-085 902 90005 90

2. Você sabe o que é uma banca de heteroidentificação? O que acha que ela faz?

UMA BANCA POU VAI IDENTIFICAR SE É PRETO OU
NÃO

3. Por que você acha que alguém fraudaria uma vaga de cotas raciais?

POKA ENTRA NA CASA DE 93-085 902 90005 90

4. Você acredita que é possível alguém se declarar negro ou pardo, mas não ser visto assim pelas outras pessoas? Explique.

SIM, MESMO POU TEM QUEER 93-085 902 90005 90

5. Você acha justo existir um grupo (banca) que avalia se a pessoa realmente pode usar a cota racial? Por quê?

NÃO, PAKS PAKA MIM 93-085 902 90005 90
O POU 93-085 902 90005 90

6. Você acredita que as pessoas negras ainda sofrem racismo no Brasil? Dê um exemplo, se quiser.

SIM, PAKAIS CONSIDERACIEM 93-085 902 90005 90

7. Na sua opinião, como é possível garantir que as cotas sejam usadas apenas por quem realmente tem direito?

PAKAS CONSIDERACIEM 93-085 902 90005 90
PAKA PAKAS MESMO POU 93-085 902 90005 90

ATIVIDADE DE SONDAAGEM

BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

1. Você já ouviu falar em cotas raciais? Se sim, o que você entende sobre isso?

Sim, ~~uma banca de hetero~~ é uma reparação histórica, do tempo da escravidão

2. Você sabe o que é uma banca de heteroidentificação? O que acha que ela faz?

é pra ver se a pessoa tem traços de preto.

3. Por que você acha que alguém fraudaria uma vaga de cotas raciais?

Porque qualquer um Poder, chegar lá e dizer que é preto.

4. Você acredita que é possível alguém se declarar negro ou pardo, mas não ser visto assim pelas outras pessoas? Explique.

Sim, porque a pessoa pode tentar fraudar as cotas.

5. Você acha justo existir um grupo (banca) que avalia se a pessoa realmente pode usar a cota racial? Por quê?

Sim, porque Muitas Pessoas Podem querer a vaga dizendo ser Pretos mas não é.

6. Você acredita que as pessoas negras ainda sofrem racismo no Brasil? Dê um exemplo, se quiser.

Sim, em relação ao cabelo, jeito de se vestir e etc.

7. Na sua opinião, como é possível garantir que as cotas sejam usadas apenas por quem realmente tem direito?

sendo sinceros.

~~_____~~

150091 - 0.0017

ATIVIDADE DE SONDAGEM

BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

1. Você já ouviu falar em cotas raciais? Se sim, o que você entende sobre isso?

SIM, PRA REPARAR O ERRO DA ESCRAVIDÃO

2. Você sabe o que é uma banca de heteroidentificação? O que acha que ela faz?

SIM, IDENTIFICA AS CARACTERÍSTICAS DA PESSOA

3. Por que você acha que alguém fraudaria uma vaga de cotas raciais?

PARA TER MAIS CHANCE E DIREITO

4. Você acredita que é possível alguém se declarar negro ou pardo, mas não ser visto assim pelas outras pessoas? Explique.

SIM, MUITOS POVOS SE DETERMINAM NEGROS MAIS SÃO BRANCOS

5. Você acha justo existir um grupo (banca) que avalia se a pessoa realmente pode usar a cota racial? Por quê?

SIM, PARA NÃO TIAR O DIREITO DO OUTRO

6. Você acredita que as pessoas negras ainda sofrem racismo no Brasil? Dê um exemplo, se quiser.

SIM, MUITOS POVOS FALAM BRINCANDO "TIPO QUE SER PRETO" E ETC.

7. Na sua opinião, como é possível garantir que as cotas sejam usadas apenas por quem realmente tem direito?

ESSA AVALIAÇÃO DAS PESSOAS

ATIVIDADE DE SONDAAGEM

BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

1. Você já ouviu falar em cotas raciais? Se sim, o que você entende sobre isso?

sim, são cotas para reparar o que o
combateu na escravidão

2. Você sabe o que é uma banca de heteroidentificação? O que acha que ela faz?

Sim, eu acho que são pessoas para identificar
se o candidato é preto ou não

3. Por que você acha que alguém fraudaria uma vaga de cotas raciais?

para beneficiar de um direito que
não é dele

4. Você acredita que é possível alguém se declarar negro ou pardo, mas não ser visto assim pelas outras pessoas? Explique.

Sim, porque ele tem certeza do
trabalho de pessoas negras

5. Você acha justo existir um grupo (banca) que avalia se a pessoa realmente pode usar a cota racial? Por quê?

sim, para não dar qualquer

6. Você acredita que as pessoas negras ainda sofrem racismo no Brasil? Dê um exemplo, se quiser.

sim, muitas pessoas negras apresentam
debilidade a sua cor e seu cabelo

7. Na sua opinião, como é possível garantir que as cotas sejam usadas apenas por quem realmente tem direito?

com a banca de heteroidentificação

ATIVIDADE DE SONDAGEM

BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

1. Você já ouviu falar em cotas raciais? Se sim, o que você entende sobre isso?

Sim, as cotas raciais elas repararam o erro
da esbranquiçada

2. Você sabe o que é uma banca de heteroidentificação? O que acha que ela faz?

Ela vai identificar se a pessoa
é preta ou branca

3. Por que você acha que alguém fraudaria uma vaga de cotas raciais?

Para ter uma vaga rápida ou pegar a
vaga de outras pessoas

4. Você acredita que é possível alguém se declarar negro ou pardo, mas não ser visto assim pelas outras pessoas? Explique.

Não, por causa das características físicas

5. Você acha justo existir um grupo (banca) que avalia se a pessoa realmente pode usar a cota racial? Por quê?

Sim, porque tem muitas pessoas que mentem
sobre as características físicas

6. Você acredita que as pessoas negras ainda sofrem racismo no Brasil? Dê um exemplo, se quiser.

Sim, porque muitas pessoas tem preconceito

7. Na sua opinião, como é possível garantir que as cotas sejam usadas apenas por quem realmente tem direito?

Ter a banca de heteroidentificação

ANEXO F — Projeto de intervenção.

Os materiais que se seguem constituem o registro completo e o instrumento avaliativo desenvolvido para a: avaliação do projeto de intervenção, realizado com a turma do 8º ano do ensino fundamental. Esta compilação documental tem como objetivos: apresentar os instrumentos e critérios utilizados na avaliação do projeto desenvolvido; documentar as produções dos estudantes que demonstram a assimilação dos conteúdos trabalhados; registrar os processos de análise e reflexão realizados pelos estudantes durante a atividade avaliativa; servir como base para futuras reflexões sobre o aprimoramento de práticas pedagógicas baseadas em projetos.

Os anexos aqui organizados permitem visualizar todo o percurso avaliativo desde os instrumentos de coleta de dados até as análises dos resultados, demonstrando como a avaliação do projeto foi concebida como momento formativo e investigativo, contribuindo para: a verificação da efetividade das estratégias pedagógicas adotadas; a identificação das aprendizagens significativas alcançadas pelos estudantes; a reflexão sobre os pontos fortes e os desafios encontrados no desenvolvimento do projeto; o planejamento de futuras intervenções educacionais baseadas em evidências.

Através destes documentos, é possível compreender como a atividade avaliativa transcendeu a simples mensuração de resultados para se tornar ferramenta de qualificação do processo educativo, oferecendo insights valiosos sobre a construção do conhecimento e a efetividade das metodologias projetivas na aprendizagem.

1. Avaliação Geral do Projeto

1.1. Como você avalia o projeto em termos de interesse e relevância?

- ☒ Muito interessante e relevante
☐ Interessante e relevante
☐ Pouco interessante ou relevante
☐ Não foi interessante ou relevante

1.2. Qual foi o seu nível de engajamento nas atividades propostas?

- ☒ Muito alto
☐ Alto
☐ Médio
☐ Baixo

2. Aprendizado e Reflexão

2.1. O que você aprendeu sobre racismo e respeito às diferenças ao longo do projeto?

foi muito importante para entender melhor sobre respeito

2.2. Como o projeto contribuiu para a sua visão sobre o racismo e a importância da educação antirracista?

com participação da turma tivemos ajuda de aprender sobre o assunto que não tínhamos aprendido de forma tão boa

3. Auto avaliação

3.1. Você sentiu que mudou alguma atitude ou comportamento em relação ao tema após o projeto?

- ☒ Sim
☐ Não
☐ Talvez

Se sim, descreva uma atitude ou comportamento que mudou:

está adotando atitudes mais respeitadas uns com os outros

3.2. De 1 a 5, como você avalia sua participação no projeto?

5

1. Avaliação Geral do Projeto

1.1. Como você avalia o projeto em termos de interesse e relevância?

- ☒ Muito interessante e relevante
☐ Interessante e relevante
☐ Pouco interessante ou relevante
☐ Não foi interessante ou relevante

1.2. Qual foi o seu nível de engajamento nas atividades propostas?

- ☐ Muito alto
☐ Alto
☒ Médio
☐ Baixo

2. Aprendizado e Reflexão

2.1. O que você aprendeu sobre racismo e respeito às diferenças ao longo do projeto?

Que o cabelo preto é lindo

2.2. Como o projeto contribuiu para a sua visão sobre o racismo e a importância da educação antirracista?

Que está correto

3. Auto avaliação

3.1. Você sentiu que mudou alguma atitude ou comportamento em relação ao tema após o projeto?

- ☐ Sim
☒ Não
☐ Talvez

Se sim, descreva uma atitude ou comportamento que mudou:

Sim virei uma pessoa melhor

3.2. De 1 a 5, como você avalia sua participação no projeto?

5 - boa

1. Avaliação Geral do Projeto

1.1. Como você avalia o projeto em termos de interesse e relevância?

- ☒ Muito interessante e relevante
☐ Interessante e relevante
☐ Pouco interessante ou relevante
☐ Não foi interessante ou relevante

1.2. Qual foi o seu nível de engajamento nas atividades propostas?

- ☒ Muito alto
☐ Alto
☐ Médio
☐ Baixo

2. Aprendizado e Reflexão

2.1. O que você aprendeu sobre racismo e respeito às diferenças ao longo do projeto?

que devemos nos cuidar do jeito que somos, que isso é nosso conhecimento

2.2. Como o projeto contribuiu para a sua visão sobre o racismo e a importância da educação antirracista?

que devemos sempre ser com o racismo, sempre se alerta

3. Auto avaliação

3.1. Você sentiu que mudou alguma atitude ou comportamento em relação ao tema após o projeto?

- ☐ Sim
☒ Não
☐ Talvez

Se sim, descreva uma atitude ou comportamento que mudou:

Sim, eu sempre fui contra o racismo e o preconceito, mas não mudou muito mais

3.2. De 1 a 5, como você avalia sua participação no projeto?

5 pois eu já sei lutar contra o racismo

1. Avaliação Geral do Projeto

1.1. Como você avalia o projeto em termos de interesse e relevância?

- ☒ Muito interessante e relevante
☐ Interessante e relevante
☐ Pouco interessante ou relevante
☐ Não foi interessante ou relevante

1.2. Qual foi o seu nível de engajamento nas atividades propostas?

- ☐ Muito alto
☐ Alto
☒ Médio
☐ Baixo

2. Aprendizado e Reflexão

2.1. O que você aprendeu sobre racismo e respeito às diferenças ao longo do projeto?

Bom, eu aprendo que sempre devemos respeitar um ao outro
 que a nossa opinião seja diferente.

2.2. Como o projeto contribuiu para a sua visão sobre o racismo e a importância da educação antirracista?

Para aprender a respeitar o próximo.

3. Auto avaliação

3.1. Você sentiu que mudou alguma atitude ou comportamento em relação ao tema após o projeto?

- ☐ Sim
☐ Não
☒ Talvez

Se sim, descreva uma atitude ou comportamento que mudou:

Sim Não vou ser racista

3.2. De 1 a 5, como você avalia sua participação no projeto? Ajudando outras pessoas.

1. Avaliação Geral do Projeto

1.1. Como você avalia o projeto em termos de interesse e relevância?

- ☐ Muito interessante e relevante
- ☒ Interessante e relevante
- ☐ Pouco interessante ou relevante
- ☐ Não foi interessante ou relevante

1.2. Qual foi o seu nível de engajamento nas atividades propostas?

- ☐ Muito alto
- ☒ Alto
- ☐ Médio
- ☐ Baixo

2. Aprendizado e Reflexão

2.1. O que você aprendeu sobre racismo e respeito às diferenças ao longo do projeto?

Tomamos que respeitar os outros independente de cor, gênero e cabelo.

2.2. Como o projeto contribuiu para a sua visão sobre o racismo e a importância da educação antirracista?

Que para ter respeito é preciso ser respeitoso (o racismo é crime).

3. Auto avaliação

3.1. Você sentiu que mudou alguma atitude ou comportamento em relação ao tema após o projeto?

- ☐ Sim
- ☒ Não
- ☐ Talvez

Se sim, descreva uma atitude ou comportamento que mudou:

Sim aprendi sobre racismo

3.2. De 1 a 5, como você avalia sua participação no projeto?

5 PARTICIPEI MUITO

1. Avaliação Geral do Projeto

1.1. Como você avalia o projeto em termos de interesse e relevância?

- ☒ Muito interessante e relevante
- ☐ Interessante e relevante
- ☐ Pouco interessante ou relevante
- ☐ Não foi interessante ou relevante

1.2. Qual foi o seu nível de engajamento nas atividades propostas?

- ☐ Muito alto
- ☒ Alto
- ☐ Médio
- ☐ Baixo

2. Aprendizado e Reflexão

2.1. O que você aprendeu sobre racismo e respeito às diferenças ao longo do projeto?

que muitos pessoas ao longo do tempo sofreram muito racismo

2.2. Como o projeto contribuiu para a sua visão sobre o racismo e a importância da educação antirracista?

que o racismo é a pior coisa a se cometer

3. Auto avaliação

3.1. Você sentiu que mudou alguma atitude ou comportamento em relação ao tema após o projeto?

- ☐ Sim
- ☒ Não
- ☐ Talvez

Se sim, descreva uma atitude ou comportamento que mudou:

Não, por que nunca pratiquei esse tipo de coisa

3.2. De 1 a 5, como você avalia sua participação no projeto?

5 participei pra aprender sobre racismo

1. Avaliação Geral do Projeto

1.1. Como você avalia o projeto em termos de interesse e relevância?

- ☒ Muito interessante e relevante
☐ Interessante e relevante
☐ Pouco interessante ou relevante
☐ Não foi interessante ou relevante

1.2. Qual foi o seu nível de engajamento nas atividades propostas?

- ☐ Muito alto
☒ Alto
☐ Médio
☐ Baixo

2. Aprendizado e Reflexão

2.1. O que você aprendeu sobre racismo e respeito às diferenças ao longo do projeto?

Eu aprendi as diferenças e o respeito.

2.2. Como o projeto contribuiu para a sua visão sobre o racismo e a importância da educação antirracista?

Mostrando causas reais, e como as pessoas sofreram.

3. Auto avaliação

3.1. Você sentiu que mudou alguma atitude ou comportamento em relação ao tema após o projeto?

- ☒ Sim
☐ Não
☐ Talvez

Se sim, descreva uma atitude ou comportamento que mudou:

Aprendi a saber as diferenças dos outros.

3.2. De 1 a 5, como você avalia sua participação no projeto?

5 70A

1. Avaliação Geral do Projeto

1.1. Como você avalia o projeto em termos de interesse e relevância?

- ☒ Muito interessante e relevante
☐ Interessante e relevante
☐ Pouco interessante ou relevante
☐ Não foi interessante ou relevante

1.2. Qual foi o seu nível de engajamento nas atividades propostas?

- ☒ Muito alto
☐ Alto
☐ Médio
☐ Baixo

2. Aprendizado e Reflexão

2.1. O que você aprendeu sobre racismo e respeito às diferenças ao longo do projeto?

a Respeitar o outro

2.2. Como o projeto contribuiu para a sua visão sobre o racismo e a importância da educação antirracista?

Para não fazer racismo

3. Auto avaliação

3.1. Você sentiu que mudou alguma atitude ou comportamento em relação ao tema após o projeto?

- ☒ Sim
☐ Não
☐ Talvez

Se sim, descreva uma atitude ou comportamento que mudou:

Sim

3.2. De 1 a 5, como você avalia sua participação no projeto?

5 aprendi muito

1. Avaliação Geral do Projeto

1.1. Como você avalia o projeto em termos de interesse e relevância?

- ☒ Muito interessante e relevante
☐ Interessante e relevante
☐ Pouco interessante ou relevante
☐ Não foi interessante ou relevante

1.2. Qual foi o seu nível de engajamento nas atividades propostas?

- ☒ Muito alto
☐ Alto
☐ Médio
☐ Baixo

2. Aprendizado e Reflexão

2.1. O que você aprendeu sobre racismo e respeito às diferenças ao longo do projeto?

Ter respeito

2.2. Como o projeto contribuiu para a sua visão sobre o racismo e a importância da educação antirracista?

Por que nas temas que ter respeito

3. Auto avaliação

3.1. Você sentiu que mudou alguma atitude ou comportamento em relação ao tema após o projeto?

- ☒ Sim
☐ Não
☐ Talvez

Se sim, descreva uma atitude ou comportamento que mudou:

As pessoas por isso na escola e
 não se reuniram por isso de por 150

3.2. De 1 a 5, como você avalia sua participação no projeto?

5 foi bom